



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**MARCIN SEK**

**OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA IGREJA: UMA  
CONCRETIZAÇÃO NO CONTEXTO DA II  
GUERRA MUNDIAL, A FAMÍLIA ULMA**

**Dinâmicas confraternais que conduziram o casal Ulma  
a arriscar a própria vida pela justiça, verdade e  
caridade**

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor António Matos Ferreira

Lisboa

2022



Dedico este trabalho à minha família, particularmente à minha mãe.  
Agradeço imenso a todos os que me ajudaram a realizar este trabalho.

## RESUMO

O casal Józef e Wiktoria Ulma e os seus sete filhos foram, no período de ocupação Nazi na Polónia durante a Segunda Guerra Mundial, fuzilados, bem como os judeus a quem tinham dado o seu apoio. O regime Nazi proibira, sob pena capital, qualquer tipo de apoio aos judeus e a decisão do casal Ulma em transgredir essa proibição, com todos os riscos que ela implicava, foi o resultado de uma consciência moldada na busca pela justiça e pela caridade. A profundidade desta opção pelo bem explica-se, porém, por uma vivência e formação cristã para além da missa dominical: Józef Ulma pertencera, na sua juventude, a uma das quatro colunas da Ação Católica na Polónia – a Associação Católica da Juventude Masculina – e posteriormente à União Camponesa dos Jovens “Wici”. A Ação Católica foi, portanto, fundamental para a vida espiritual da Família Ulma, como dinâmica confraternal que lhes permitiu pôr em prática aquilo que o Papa Pio XI explanara sobre a relação entre justiça e caridade, bem como a posição católica perante o Nazismo e o Comunismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Família Ulma – Polónia - Movimentos Rurais - Ação Católica - Pio XI - Judeus – II Guerra Mundial — nazismo – comunismo – justiça – caridade – verdade

## ABSTRACT

The couple Józef and Wiktoria Ulma and their seven children were, throughout the Nazi occupation of Poland during the Second World War, shot, as were the Jews to whom they had given their aid. The Nazi regime had banned, under capital punishment, any kind of help given to Jews and the decision of the Ulma couple to transgress this prohibition, with all the risks that it implied, was the result of a conscience configured in the search for justice and charity. The depth of this choice is explained, however, by a Christian experience and formation beyond Sunday Mass: Józef Ulma had belonged, in his youth, to one of the four columns of Catholic Action in Poland – the Catholic Association of Men’s Youth – and later to the Peasant Union of Young People “Wici”. Catholic Action was, therefore, crucial for the spiritual life of the Ulma Family, as a fraternal dynamic that allowed them to put into practice what Pope Pius XI had proclaimed about the relationship between justice and charity, as well as the Catholic position towards Nazism and the Communism.

**KEY WORDS:** the Ulma family – Poland – Rural Movements – Catholic Action – Pius XI – Jews - World War II– Nazism – Communism – justice – charity – truth

## ÍNDICE

<b>FOTO DA FAMÍLIA ULMA .....</b>	<b>2</b>
<b>DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTO.....</b>	<b>2</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>3</b>
<b>ÍNDICE.....</b>	<b>4</b>
<b>ABREVIATURAS.....</b>	<b>6</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1: A FAMÍLIA ULMA E O SEU CONTEXTO .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 MARKOWA.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 DESENVOLVIMENTO SOCIOCULTURAL.....</b>	<b>16</b>
<b>1.3 A PRESENÇA JUDAICA EM MARKOWA ANTES DA II GUERRA MUNDIAL...17</b>	
<b>1.4 A FAMÍLIA ULMA.....</b>	<b>18</b>
<b>1.5 A GUERRA, OS JUDEUS, OS POLACOS E A FAMÍLIA ULMA.....</b>	<b>21</b>
<b>1.6 O ASSASSINATO DA FAMÍLIA ULMA.....</b>	<b>25</b>
<b>1.7 MEMÓRIA.....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO 2: OS MOVIMENTOS CATÓLICOS NO PERÍODO ENTRE AS DUAS GUERRAS MUNDIAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>2.1 A REAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA FRENTE ÀS MUDANÇAS SOCIOPOLÍTICAS DOS SÉCULOS XIX E XX .....</b>	<b>32</b>
<b>2.2 O DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO CATÓLICA NA POLÓNIA.....</b>	<b>36</b>
<b>2.3 A AÇÃO CATÓLICA NA POLÓNIA NOS ANOS '30 DO SÉCULO XX.....</b>	<b>42</b>

<b>2.3.1 COOPERAÇÃO DA AÇÃO CATÓLICA COM A PASTORAL PAROQUIAL NA POLÓNIA NO PERÍODO ENTRE GUERRAS.....</b>	<b>45</b>
<b>2.4. CONFRONTO ENTRE A AÇÃO CATÓLICA E OS MOVIMENTOS POLÍTICOS RURAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>CAPÍTULO 3: PIO XI FRENTE AOS TOTALITARISMOS DA SUA ÉPOCA E A INFLUÊNCIA DOS PAPAS NA IGREJA DA POLÓNIA, NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....</b>	<b>57</b>
<b>3.1. A JUSTIÇA E A CARIDADE NA ENCÍCLICA <i>QUADRAGESIMO ANNO DE PIO XI</i>.....</b>	<b>58</b>
<b>3.2. PIO XI CONTRA OS TOTALITARISMOS DA SUA ÉPOCA.....</b>	<b>65</b>
<b>3.2.1. A POSIÇÃO DE PIO XI CONTRA O NAZISMO.....</b>	<b>65</b>
<b>3.2.2. A POSIÇÃO DE PIO XI CONTRA O COMUNISMO.....</b>	<b>75</b>
<b>3.3. A RECEPÇÃO DOS DOCUMENTOS PAPAIS PELOS BISPOS DA DIOCESE DE PRZEMYŚL.....</b>	<b>86</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>94</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>104</b>

## ABREVIATURAS

PAK – Parafialna Akcja Katolicka (Ação Católica Paroquial)

DIAK - Diecezjalny Instytut Akcji Katolickiej (Instituto Diocesano da Ação Católica)

AIAK – Archidiecezjalny Instytut Akcji Katolickiej (Instituto Arquidiocesano da Ação Católica)

NIAK – Naczelny Instytut Akcji Katolickiej (Principal Instituto da Ação Católica)

DAK – Dekanalna Akcja Katolicka (Ação Católica Decanal – da Vigararia)

SMP – Stowarzyszenie Młodzieży Polskiej (Associação da Juventude Polaca)

KZP – Katolicki Związek Polek (Uniões Polacas Católicas)

ZIK - Związek Inteligencji Katolickiej (União da Inteligência Católica)

KSMM – Katolickie Stowarzyszenie Młodzieży Męskiej (Associação Católica da Juventude Masculina)

KSMŻ – Katolickie Stowarzyszenie Młodzieży Żeńskiej (Associação Católica da Juventude Feminina)

KSK – Katolickie Stowarzyszenie Kobiet (Associação Católica das Mulheres)

KSM – Katolickie Stowarzyszenie Mężczyzn (Associação Católica dos Homens)

Sl – Livro dos Salmos

At – Livro dos Atos dos Apóstolos

1 Cor – Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios

Hb – Carta aos Hebreus

Rm – Carta de S. Paulo aos Romanos

Lc - Evangelho segundo S. Lucas

## INTRODUÇÃO

Na madrugada de 24 de março de 1944, um grupo de nove funcionários da gendarme alemã e da polícia de “azul-escuro”, irromperam na casa da família Ulma. Passado não muito tempo, as testemunhas do acontecido ouviram alguns tiros, resultado do fuzilamento dos três primeiros judeus: os irmãos Goldman e Gouda Grünfeld. Em seguida, foram chamados os cocheiros, a fim de mostrar aos polacos qual era a consequência de prestar qualquer tipo de apoio aos judeus. Um dos cocheiros, de nome Edward Nawojski, testemunhou ter assistido ao assassinio: em primeiro lugar, de um homem da família Szall e, em seguida, ao de Layka Didner, com uma criança pequena. Depois, viu também o assassinato de outro homem da família Goldman. Finalmente, foi levado para fora de casa o casal Ulma, para ser executado. Edward Nawojski, durante o processo de acusação de Josef Kokott, relatou que «durante o fuzilamento se ouviram gritos terríveis. Os filhos do casal estavam a gritar, chamando pelos pais, mas eles já estavam mortos».<sup>1</sup>

Esta é uma das tantas cenas de terror que tiveram lugar durante a Segunda Guerra Mundial. Todavia, a tragédia sofrida pela família Ulma, não foi apenas o resultado de um ato heróico que teve como desfecho um autêntico massacre. O “martírio” do casal Ulma e dos seus filhos levanta diversas questões que têm um alcance mais amplo do que a mera aldeia rural de Markowa. Como escreve Szymon Datner, um historiador e ativista judeu que participou num movimento de resistência contra os nazis, no seu livro *“Las Sprawiedliwych”* (“A floresta dos justos”):

«Quando um judeu bateu à janela de uma casa de camponeses, à noite, com ele bateu à porta daquela família o problema de todos os judeus daqueles anos, com todo um complexo de implicações, riscos e perigos, juntamente com a necessidade de tomar uma decisão associada a um dilema espiritual. Ele [o judeu] foi pedir ajuda, uma “colherada” de proteção, alguns momentos para se aquecer num cantinho quente. O judeu esperava encontrar aceitação, uma palavra amável; pediu que a família o deixasse ficar por alguns dias, para trabalhar e, logo, ir-se embora. Diante desta família camponesa, de repente, surge um dilema: como reagir? Junto ao pedido de ajuda desse homem que bate à janela, vem também todo o problema moral daquele a quem foi negada a humanidade. Então, naquele momento, à janela dessa família polaca, vinha bater uma grande questão humanitária. Um problema eterno, compartilhado por milhares de gerações: o problema da superioridade

---

<sup>1</sup> Testemunho de Edward Nawojski no julgamento criminal contra Josef Kokott a 13 de março de 1958, acta n° 158, 780, Cf. Matesz Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma* (Kraków: Instytut Pamięci Narodowej & Fundacja Instytut Studiów Strategicznych, 2015), 32.

temporária do mal, o problema dos que são perseguidos. Nessa situação, um ser humano vê-se obrigado a examinar-se a si mesmo, a confrontar a sua atitude perante o imperativo moral. O risco que comporta colocar-se do lado do bem - do lado do perseguido - sempre foi grande. Nos anos entre 1939 e 1945, a dimensão desse risco era extremamente grande. Em linha geral, parecem apresentar-se quatro opções perante esse dilema: a primeira – de acordo com a “lei” do ocupante – seria a de entregar o judeu aos ocupantes, o que seria equivalente a condená-lo à morte; a segunda seria a de não o denunciar, mas, ao mesmo tempo, não lhe oferecer qualquer ajuda; a terceira, poderia ser a de prestar-lhe uma ajuda temporária ou breve; a quarta, seria a de cuidá-lo e dar-lhe abrigo por mais tempo».<sup>2</sup>

Este texto apresenta a situação ou, melhor dito, o dilema perante o qual se encontraram Józef e Wiktoria Ulma, os quais, como sabemos, escolheram a quarta opção, o que lhes custou a sua própria vida e a dos seus filhos. Trata-se de um dilema do qual não era possível fugir, especialmente naquele momento histórico tão conturbado que a Polónia estava a atravessar. A família Ulma não foi a única a enfrentar-se com o problema judaico nesse país. E era impossível evitar estas questões, uma vez que a Polónia foi o lugar onde se verificou, de modo particular, a perseguição e o genocídio do povo judaico.

O texto acima citado mostra que a situação da Polónia era muito complexa. Na obra da qual foi tirado esse excerto, são ainda apresentados dois exemplos de pena capital infligida a dois polacos, fruto da cooperação de outros habitantes com os ocupantes nazis. A colaboração com os alemães da parte de um certo número de polacos pode ser explicada desde diversos pontos de vista: ou por medo a ficarem, por sua vez, prejudicados pela presença de judeus; ou pelo intuito de ganhar algum proveito através dessa colaboração; ou ainda pela existência do antissemitismo numa parte dos polacos. Todavia, devemos admitir que, alguns deles, que antes da guerra se identificavam com o a ideologia antissemita, aquando a invasão das tropas nazis na Polónia e da perseguição sistematizada aos judeus, acabaram por abraçar a causa judaica. É o caso de Zofia Kossak-Szczucka, uma escritora polaca que antes do começo da II Guerra Mundial foi considerada antissemita, e que em agosto de 1942 deu início a uma associação que tinha como objetivo salvar os judeus. Depois da guerra e após a sua morte, recebeu o título de «justo entre as nações».<sup>3</sup>

Daí surge o desafio de quem, não sendo um especialista na matéria, se atreve a realizar um trabalho de investigação na área de História, como trabalho final do Mestrado Integrado em Teologia: estando o autor desta dissertação pessoalmente envolvido na história do povo

---

<sup>2</sup> Szymon Datner, *Las Sprawiedliwych*, (Warszawa: Książka i Wiedza, 1969), 27, acedido a 10 de maio de 2022,

<https://tesinblog.files.wordpress.com/2018/01/szymon-datner-las-sprawiedliwych.pdf>.

<sup>3</sup> Mariola Andrychowska-Kozłowska, «Antysemitka ratuje Żydów», acedido em 17 de maio de 2022, <https://www.przewodnik-katolicki.pl/Archiwum/2018/Przewodnik-Katolicki-14-2018/Spoleczenstwo/Antysemitka-ratuje-Zydow>

polaco, tentar distanciar-se o mais possível duma interpretação generalizada e simplista dos factos, tendo em conta que a realidade dos factos é muito complexa. Deste modo, é certo que a família Ulma é um exemplo claro de virtude heroica, quer do ponto de vista religioso-católico, pelo “martírio” que sofreu, quer do ponto de vista sociopolítico, devido à sua resistência a um sistema de opressão. Certamente, o sacrifício desta família representa um motivo de orgulho para todo o povo polaco. Todavia, devemos fugir da falsa ideia de que todos os polacos, teriam assumido uma atitude semelhante à da família Ulma.

Expostas estas premissas, o segundo desafio que se nos apresenta neste trabalho, consiste em tentar analisar, compreender e expor o contexto social, político e religioso em que viveu a família Ulma, tanto no âmbito específico de Markowa, como também no quadro mais abrangente da Polónia e da Europa. Com efeito, apesar da profunda espiritualidade que caracterizava a família Ulma ou, pelo menos, o inegável sentido de solidariedade que a levou a pôr em risco a sua vida, devemos considerar que a consciência de qualquer pessoa está fortemente ligada às experiências concretas que marcam a sua maneira de ver o mundo, interpretar a realidade e, por conseguinte, o seu agir duma determinada forma. Dito por outras palavras, é-nos necessário compreender, com uma visão mais ampla, os fatores que formaram a sua consciência acerca do bem, da verdade e da justiça, no contexto histórico em que se insere.

Numa primeira análise da vida de Józef e Wiktoria Ulma, constatamos que ambos estavam diretamente envolvidos em dinâmicas organizativas católicas, sob a forma de movimentos de ação rural, que transcendiam a mera vida paroquial, embora não se desvinculassem completamente da relação com a hierarquia da Igreja.

Será, então, preciso perceber de que modo os movimentos de ação social influenciaram e formaram a consciência dos membros da sociedade, em geral, e da família Ulma, em particular. Com efeito, em todo o território polaco, e em várias partes da Europa, já no século XIX, foram-se desenvolvendo movimentos católicos de ação social que visavam aos diversos setores da vida social, como reação ao processo de secularização e da progressiva descristianização da sociedade. Tais movimentos acabaram por ser enquadrados numa realidade mais abrangente, conhecida como Ação Católica. A Ação Católica, que visava reconquistar e difundir o espírito, a doutrina e a moral cristã nos diversos setores sociais, e que se apresentou como uma tomada de consciência da importância do apostolado dos leigos na missão da Igreja, foi impulsionada pelos Papas da época: desde Leão XIII, mas sobretudo por Pio XI. De facto, especialmente no magistério de Pio XI encontramos diversas

intervenções acerca da justiça, da verdade e da caridade, da relação entre política e religião, do problema do Nazismo e do Comunismo, bem como acerca da questão dos judeus.

Um dos aspetos mais importantes do dinamismo da Ação Católica, e dos movimentos afins, foi precisamente a capacidade ou, pelo menos, a tentativa de divulgar entre os vários âmbitos da sociedade, os documentos do magistério da Igreja, bem como as questões políticas e económicas, que interessavam e afetavam a sociedade.

Contudo, devemos já antecipar que a própria sociedade polaca, mesmo após a unificação da Polónia – como resultado da I Guerra Mundial, em que volta a alcançar a autonomia política e a unificação do seu território –, encontra-se ainda dividida. Com efeito, durante um longo período, a Polónia estava dividida em três grandes regiões, governadas respetivamente por três grandes poderes políticos da época, a saber, a Rússia, a Alemanha e o Império Austro-Húngaro. A dependência e a fragmentação do território em três grandes regiões dominadas por esses diversos poderes, com sistemas político-económicos diferentes, deixou marcas profundas no povo polaco, mesmo após a obtenção da sua independência. Estas divisões, que diziam respeito à maneira de entender o mundo, à religião e ao seu papel na sociedade, e à política, desempenharam um papel importante durante a II Guerra Mundial.

A divisão política e social na Polónia, que tinha já dilacerado a sociedade, tinha gerado divisões e tensões entre os próprios católicos. Neste sentido, veremos como determinadas conspeções eclesiológicas estão em estreita relação com certas visões políticas. Estas tensões tocaram a própria Markowa e a família Ulma. O próprio Józef Ulma, que estava inserido nas mobilizações rurais católicas, encontrou a crítica e a oposição inclusive da parte do próprio pároco, que em certa ocasião o acusou de ser «comunista». Todavia, tudo isso nos demonstra que, além da espiritualidade e da moral católica de que a família Ulma estaria certamente embebida, o fenómeno do associativismo católico, além de trazer questões políticas a nível social, moldou significativamente a sua maneira de agir, na lógica da justiça, solidariedade e caridade.

A compreensão da correlação e tensão entre a religião e a política, a justiça e a caridade, a consciência e o dever civil à luz da experiência e do sacrifício da família Ulma constitui o objeto da nossa dissertação. E é à luz das questões acima referidas que definiremos o método e delinearemos a sua estrutura. Trata-se, se quisermos, de uma estrutura que apresenta alguma originalidade: enquanto normalmente o esquema segue uma ordem que começa do contexto geral para chegar paulatinamente ao específico, no nosso trabalho começaremos por apresentar o acontecimento histórico do assassinato da família Ulma, e

depois analisaremos o contexto político e religioso que moldou a sua consciência. Vale a pena antecipar desde agora que, apesar de o acontecimento da família Ulma se situar no contexto da II Guerra Mundial, nesta dissertação não entraremos na análise aprofundada da ocupação nazi da Polónia, nem na da perseguição em massa dos judeus, sendo estes argumentos já amplamente estudados e aprofundados.

No que diz respeito aos limites do nosso trabalho de investigação, o primeiro é de carácter linguístico, na medida em que nos atrevemos a escrever numa língua que não é a nossa língua materna. O segundo limite tem a ver com a dificuldade de encontrar bibliografia, uma vez que em boa parte da dissertação usaremos fontes polacas. O terceiro consiste na dificuldade de ter acesso à bibliografia e sobretudo às fontes, devido ao facto de o trabalho não ter sido realizado na Polónia. Em diversas ocasiões, o contacto com os responsáveis de bibliotecas ou arquivos onde se pudesse extrair informação detalhada sobre a família Ulma ou sobre a Markowa dessa época, encontrou vários obstáculos.

Achamos, todavia, que se trata de um tema de singular importância, especialmente pelo trágico momento histórico que estamos a atravessar, pela invasão russa da Ucrânia, e dos horrores da guerra aos quais diariamente assistimos. Também neste caso, para os estudiosos que se debruçam sobre as “razões” do surgimento do conflito, apresenta-se o desafio de ter em conta os diversos fatores históricos, políticos e económicos que envolvem este conflito.

Assim, desenvolveremos o nosso trabalho em três capítulos principais. O primeiro capítulo divide-se em cinco partes. Em primeiro lugar, apresentaremos o contexto histórico da aldeia de Markowa, onde viveu a família Ulma e onde esta sofreu o seu assassinato. Daremos algumas informações acerca da sua origem, da sua importância histórico-geográfica, do seu enquadramento político-social, desde o século XVIII até à I Guerra Mundial. Mas também veremos o importante papel da Igreja Católica nessa aldeia e a influência social dos seus párocos, em colaboração com os movimentos sociais, após a I Guerra Mundial, para o seu desenvolvimento económico e cultural. Em seguida, apresentaremos o perfil de Józef Ulma e da sua esposa, no que diz respeito à sua formação cultural e religiosa, ao seu envolvimento na pastoral da paróquia, nos movimentos de ação social rural da sua época, ao seu contributo para o desenvolvimento económico e cultural da sua aldeia, mostrando como tudo isso contribuiu para a formação da sua consciência. Como texto de referência para retirarmos informações acerca da família Ulma e da história de Marwoka, utilizaremos a obra de M. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, e também outros escritos deste autor.

No terceiro ponto, falaremos da invasão das tropas alemãs no território polaco, especialmente em Markowa, e as suas implicações político-sociais. Isso permitir-nos-á entrar na complexa questão judaica que caracterizou Markowa, onde já se encontrava uma significativa presença de judeus, embora nem sempre fosse pacífica, mesmo antes da ocupação nazi. Deste modo, mostraremos a posição da família Ulma contra a discriminação social e a perseguição dos judeus e a maneira como se realizou o seu assassinato. Finalmente, apresentaremos os reconhecimentos à escala internacional conferidos à família Ulma, tanto da parte dos próprios judeus, como da própria Igreja Católica que deu início ao seu processo de beatificação.

No segundo capítulo, referiremos sumariamente o contexto sociopolítico que marcou a Europa, e a Polónia em particular, no período que antecede as duas Guerras, a fim de compreendermos de que maneira a Igreja Católica reagiu a todo um conjunto de fatores que lhe eram adversos. No primeiro ponto, veremos como a Igreja católica reagiu contra o alastramento em larga escala das correntes filosóficas, ideológicas e políticas, marcadas pelo ateísmo e anticlericalismo, graças sobretudo ao surgimento dos movimentos católicos e da Ação Católica. Mostraremos então de que modo os Papas, a partir de Pio IX, inspiraram e apoiaram tais movimentos: as diretrizes principais que estabeleceram; a evolução do próprio pensamento dos Sumos Pontífices acerca da importância e do papel dos leigos no apostolado da Igreja, até Pio XI. No segundo parágrafo, debruçar-nos-emos sobre o desenvolvimento da Ação Católica na Polónia, como concretização das linhas traçadas pelo bispo de Roma acerca da relação entre o Estado e a Igreja; as concretizações diversificadas da Ação Católica no país, resultantes das anteriores ocupações do território; o surgimento e desenvolvimento de vários movimentos e associações de ação católica na Polónia, especialmente na região em que Markowa se insere, aos quais pertenceu Józef Ulma. No terceiro ponto, mostraremos o desenvolvimento da Ação Católica na Polónia nos anos '30 do século XX, período em viveu o casal Ulma.

Apresentaremos, a partir dos estatutos dessas associações, os seus princípios, os seus objetivos e as dinâmicas desenvolvidas para a sua concretização nos vários setores da sociedade, em vista da difusão dos princípios da doutrina e da moral cristã. Em seguida, falaremos da cooperação da Ação Católica na vida e na pastoral das paróquias, mostrando o seu impacto na integração dos fiéis leigos no apostolado da Igreja. No ponto seguinte, tentaremos analisar a relação entre a Ação Católica em geral e os movimentos rurais que se desenvolveram especialmente na região onde se situa Markowa. Mostraremos, então, que o surgimento dessas associações rurais, nem sempre foi pacífico. A esse respeito, citaremos

uma obra da autoria de J. Młodowiejski, intitulada *Wici Marksizm Wiejski* (Wici Marxismo da Aldeia) que ataca expressamente a União *Wici*, à qual Józef Ulma pertencera. Em contrapartida, referiremos outro documento, elaborado pelos próprios apoiantes dessa associação rural, que defende os seus princípios e os seus objetivos. Esta análise ajudar-nos-á a compreender que existiam tensões e divisões entre os mesmos católicos, mas também nos oferecerá uma base que justifique o confronto entre Józef Ulma e o pároco da sua aldeia.

No Terceiro capítulo entraremos mais especificamente no magistério de Pio XI, o grande impulsionador da Ação Católica. No primeiro ponto, focar-nos-emos em alguns dos escritos que tratam das questões da justiça e da caridade e da relação entre religião e política, à luz do magistério de Leão XIII e da *Rerum Novarum*, num contexto histórico onde as correntes político-ideológicas se opunham com veemência à doutrina e à moral cristã, com uma impressionante propaganda.

No segundo ponto, analisaremos as encíclicas onde o Papa Pio XI manifesta uma clara tomada de posição da parte da Igreja contra os totalitarismos da sua época, isto é, o Nazismo e o Comunismo. A este respeito, veremos como o Pontífice Romano procura reafirmar os fundamentos da doutrina católica acerca da natureza, da origem e da vocação última do ser humano, bem como a questão da moral, da legitimidade do Estado sobre estas questões e do papel da Igreja.

Finalmente, no último ponto, tentaremos mostrar de que modo se realizou a receção e a difusão dos documentos Papais pelos bispos da diocese de Przemyśl, onde se insere a paróquia de Markowa, e a sua interação com a Ação Católica e com os movimentos rurais.

É neste quadro se se verifica a personalidade de Józef Ulma, um homem culto, apesar de viver num meio rural, particularmente interessado pelas questões sociais e eclesiais.

## CAPÍTULO 1

### A FAMÍLIA ULMA E O SEU CONTEXTO

#### 1.1. MARKOWA

Markowa é uma aldeia situada na parte sudeste da Polónia, no distrito de Subcarpátia, localizada perto da cidade de Łańcut. Nessa vasta área, onde se enquadra Markowa, já na Idade Média começara o processo de povoamento e colonização, devido à qualidade dos terrenos que favorecia o desenvolvimento da agricultura, embora seja difícil estabelecer uma data ou um momento certo relativamente ao começo desse processo. Os investigadores consideram que, muito provavelmente, já no início do segundo milénio houve uma disputa sobre a influência naqueles terrenos entre príncipes polacos e russos. Outro fator que facilitou este desenvolvimento demográfico e económico diz respeito à sua localização geográfica, nomeadamente pelo facto de nela se cruzarem diversas rotas comerciais.<sup>4</sup> Devido à necessidade de promover o desenvolvimento populacional nesse território, o próprio rei polaco, Casemiro, o Grande, depois de anexar os terrenos dessa área ao seu reinado, promoveu a sua colonização com a afluência de massas provenientes da Alemanha. É neste contexto que surge Markowa<sup>5</sup>, originariamente chamada “Markenhow” – nome alemão e o primeiro a ser documentado –, precisamente como colónia alemã. Dita denominação encontra-se num documento de Demetrius, legado Papal, redigido em 1384, onde se aprova o dízimo que Markowa e outras povoações vizinhas tinham de entregar ao Capítulo da Catedral de Przemyśl. Este documento testemunha que já existia naquele sítio uma paróquia católico-romana<sup>6</sup>, provavelmente erigida pelos primeiros senhores deste lugar. Tratar-se-ia da família Pilecki que, entre os anos 1349 e 1350 recebeu terrenos em volta de Łańcut pelo rei Casemiro, o Grande. A partir daí, a família de Otton de Pilczy (de Pilicy e Łańcuta, Pilecki) começou a colonização com habitantes provenientes da Saxónia, Lusácia e Silésia. Entre outros proprietários dessas terras encontram-se a família Stadnicki, a família Korniakt e, por último, a família Lubomirski.<sup>7</sup>

No século XVII, esta região tornou-se objeto de uma significativa transformação cultural, sobretudo do ponto de vista linguístico: em lugar do alemão, o polaco impôs-se como

---

<sup>4</sup> Cf. Zagroda - Muzeum Wsi Markowa, *Historia Wsi Markowa*, acessido a 6 de junho de 2022.

<https://www.skansen-markowa.pl/index.php/historia/historia-wsi-markowa.html>.

<sup>5</sup> Cf. Zagroda - Muzeum Wsi Markowa, *Historia Wsi Markowa*

<sup>6</sup> Parafia p.w. św. Doroty w Markowej, *Historia*, acessido a 6 de junho de 2022,

<https://markowa.przemyska.pl/parafia/historia/>.

<sup>7</sup> Cf. Zagroda - Muzeum Wsi Markowa, *Historia Wsi Markowa*.

língua oficial. Com efeito, após o ano 1624, começaram a instalar-se naquelas áreas diversos grupos de língua polaca, o que proporcionou a assimilação dos habitantes alemães ao novo povo de origem eslava. Embora tal processo de transformação se tenha realizado de forma gradual, na área referida, a partir da terceira década do século XVII começou a utilizar-se praticamente apenas a língua polaca.<sup>8</sup>

Na segunda metade do século XVIII, a Polónia foi repartida entre três países: a Rússia, a Alemanha e o Império Austro-Húngaro. Markowa encontrou-se, nesse período, sob a ocupação deste último. Tal situação gerou uma grande pobreza em Markowa, até ao momento em que o seu último dono entregou gratuitamente a aldeia aos camponeses locais, na segunda metade do século XIX. A situação económica melhorou quando foi criado o primeiro governo local, o que permitiu aos habitantes cuidar dos seus próprios interesses. Na passagem do século XIX para o século XX, Markowa foi uma das primeiras aldeias da Polónia a funcionar através de cooperativas.<sup>9</sup>

Ao mesmo tempo, não se pode deixar de sublinhar o importante papel desempenhado pela Igreja Católica para o desenvolvimento da aldeia, nomeadamente através do labor religioso e de procura de coesão por parte dos párocos de Markowa e da sua influência na sociedade local. Interessam-nos principalmente as figuras de dois párocos que exerceram a sua função no período relacionado com a vida da família Ulma. O primeiro é o padre Władysław Tryczyński, pároco desde 14 de fevereiro de 1901 até à sua morte, a 13 de dezembro de 1935. O seu túmulo encontra-se no cemitério local. Este pároco era distinguido como um ativista social e um excelente organizador. O padre Tryczyński contribuiu significativamente na construção do edifício da nova e maior igreja, construída a partir de tijolos e de pedras, que substituiu a antiga, menor e em madeira. Foram ainda construídas uma casa para os vigários e uma casa paroquial, chamada “ognisko” (trad. “fogueira”), onde se reunia a Associação da Juventude Católica.<sup>10</sup>

Além disso, surgiram, por sua iniciativa, uma orquestra e um posto de bombeiros voluntários, bem como um teatro amador, no qual viriam a participar Józef Ulma e Wiktoria Niemczyk, sua futura esposa. Este pároco ensinava aos agricultores locais novas formas e novos métodos de agricultura. Embora não tenhamos fontes diretas, é possível conjecturar que, tal como toda a população da sua aldeia, Józef Ulma tenha sido influenciado pela atividade do seu pároco. O segundo padre, Ewaryst Dębicki, trabalhou na paróquia de Markowa entre os

---

<sup>8</sup> Cf. Zagroda - Muzeum Wsi Markowa, *Historia Wsi Markowa*.

<sup>9</sup> Cf. Mateusz Szpytma, *Samarytanie z Markowej. Słudzy Boży Ulmowie – rodzina, która oddała swoje życie za pomoc. Żydom*, acedido a 6 de junho de 2022  
<https://olimpiada.mzsp.pl/downloads/ulmowie.pdf>.

<sup>10</sup> Cf. Parafia p.w. św. Doroty w Markowej, *Historia*.

anos de 1936 e 1951. Este período atravessou obviamente os anos obscuros da II Guerra Mundial. Também este pároco se destacou pelo seu empenho sócio caritativo. Graças à sua influência, às suas indicações e ao seu exemplo, muitos dos seus paroquianos apoiaram outros polacos deslocados ou expulsos das suas casas nas partes ocidentais e orientais da Polónia. Entre os católicos de Markowa, não faltou quem prestasse apoio também aos judeus, arriscando as suas vidas, como o testemunha o exemplo da família Ulma.<sup>11</sup>

## 1.2. DESENVOLVIMENTO SOCIOCULTURAL

No período entre as duas Guerras Mundiais, verificava-se em Markowa a presença de vários tipos de cooperativas: *Kółko Rolnicze* (trad. círculo agrícola)<sup>12</sup>; *Kasa Stefczyka*<sup>13</sup>, uma cooperativa de laticínios que surgiu em 1927<sup>14</sup>; uma cooperativa de saúde<sup>15</sup> e também uma cooperativa dos consumidores que possuía cinco lojas.<sup>16</sup> Em 1933 foi ereta a Universidade Popular<sup>17</sup> na vila vizinha, Gać. Para a sua fundação contribuíram também os habitantes de

---

<sup>11</sup> Cf. Parafia p.w. św. Doroty w Markowej, *Historia*.

<sup>12</sup> *Kółka rolnicze*: associações de camponeses locais, que operam em uma ou mais aldeias para o desenvolvimento de uma fazenda, conhecimento agrícola, autoajuda e outras formas de cooperação entre os camponeses. Surgiram nos alguns sítios polacos (porque Polónia naquele tempo não existia como país) em séc. XIX. *Kółka rolnicze* tornaram-se centros de progresso agrícola promovendo a agricultura moderna, iniciaram o estabelecimento de associações cooperativas, bombeiros e teatros amadores. Polin-Wirtualny Sztetl, Słownik, acedido a 6 de junho de 2022,

<https://sztetl.org.pl/pl/slownik/kolka-rolnicze>.

<sup>13</sup> *Kasy Stefczyka*: cooperativas camponesas de poupança e empréstimos; organizadas a partir de 1890 na Galiza (terrenos polacos que pertenciam naquele momento a Austro-Hungria), depois que a Polónia recuperou a independência em todo o país; assim chamadas em 1924, após a morte de seu iniciador, F. Stefczyk; operam em princípios semelhantes aos promovidos na Alemanha por F.W. Raiffeisen; foram criadas com o intuito de combater a usura e tinham como função arrecadar as poupanças dos associados e conceder-lhes crédito; responsabilidade ilimitada, uma pequena área de atividade (aldeia, comuna) e conhecimento mútuo dos membros foram a base para a confiança nos fundos de Stefczyk; a baixa participação nos sócios e os baixos juros dos empréstimos possibilitaram aos camponeses pobres juntar-se a eles. *Encyklopedia PWN*, acedido a 25 de julho de 2022,

<https://encyklopedia.pwn.pl/haslo/kasy-Stefczyka;3920996.html>.

<sup>14</sup> Isso mostram duas fotos da família Ulma na obra de Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 77.

<sup>15</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 19.

<sup>16</sup> Isto mostram duas fotos da família Ulma na obra de Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 79.

<sup>17</sup> N. Grundtvig é o fundador dos Universidades Populares in Dinamarca. Em séc. XIX Dinamarca perdeu, em favor da Alemanha, a sua própria cultura, a sua língua nativa, estava ainda no caminho de perder o conhecimento da história da sua própria nação e dos valores culturais que ainda eram mais profundos nas massas populares. Por isso, ele considerava que somente era possível de salvar a Dinamarca desta perda de identidade baseando-se numa geração de jovens camponeses. Para este fim, surgiram exatamente Universidades Populares que serviam na educação dos jovens camponeses. Cf. Iwona Błaszczak, «Koncepcja wychowania spółdzielczego w Uniwersytecie Ludowym Ignacego Solarza», em Maria Szyszkowska, *Dzisiejsze znaczenie idealów spółdzielczości* (Warszawa: Wszchnica Polska Szkoła Wyższa, 2013), 53-58, acedido a 25 de julho de 2022, <https://wszchnicapolska.edu.pl/dokumenty/wydawnictwo/2013-M-Szyszkowska-Dzisiejsze-znaczenie-idealow-spoldzielczosci.pdf>.

Markowa. A presença desta Universidade proporcionou em Markowa um significativo desenvolvimento da economia rural, graças à utilização de novas técnicas. A atividade intelectual foi crescendo até ao ponto de a sociedade local decidir criar uma revista feminina e nacional. Assim, a partir de abril até agosto de 1939, eram emitidas quatro edições mensais da chamada “Kobieta Wiejska” (Mulher do Campo). A proliferação deste tipo de cooperativas e movimentos organizados manifesta e demonstra o esforço populacional para suprir as diversas necessidades a nível social, económico e cultural. Devemos ainda mencionar que, desde o princípio do século XX, a sociedade de Markowa foi particularmente influenciada pelos partidos políticos campestres. Os habitantes de Markowa participavam nas greves e manifestações contra a deplorável situação económica e também contra a limitação da democracia.<sup>18</sup>

Ora, o estudo da família Ulma deve ter em conta todas as mudanças sociais e culturais acima referidas que caracterizaram Markowa.

### **1.3. A PRESENÇA JUDAICA EM MARKOWA ANTES DA II GUERRA MUNDIAL**

Geograficamente Markowa era uma das maiores aldeias da Polónia, com cerca de 4500 habitantes. Nela viviam 126 judeus antes da invasão das tropas nazis. Deste grupo apenas cinco reivindicavam a sua etnia “judaica” acima da sua nacionalidade polaca, enquanto os restantes se identificavam como polacos. Além disto, encontravam-se também 11 cristãos ortodoxos, dos quais apenas dois declaravam a sua nacionalidade como russa.<sup>19</sup>

As casas judaicas estavam espalhadas por toda a aldeia, mas havia dois locais específicos de maior concentração judaica. No primeiro, conhecido como Markowa Alta, os Judeus possuíam três casas próximas uma da outra; no outro, chamado Kazimierz (à semelhança dum bairro judaico de Cracóvia), tinham sete casas situadas alternadamente com as casas dos habitantes polacos. A maioria dos judeus ocupava-se com o comércio de vários produtos relacionados com a agricultura, como vegetais, cereais e frutas, ou com o comércio de gado, entre outras coisas. Alguns tinham lojas com artigos industriais; outros trabalhavam como camponeses.<sup>20</sup> Em Markowa havia três casas “Bet ha-midrash”, isto é, casa de investigação e de interpretação da lei,<sup>21</sup> onde os judeus locais se reuniam para rezar que, simultaneamente, funcionava como uma escola onde as crianças judias aprendiam os

---

<sup>18</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 19.

<sup>19</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, nota de rodapé nº 29, 19.

<sup>20</sup> Cf. Mateusz Szpytma, «*Samarytanie z Markowej. Słudzy Boży Ulmowie – rodzina, która oddała swoje życie za pomoc. Żydom*».

<sup>21</sup> Cf. Werner Keller, *História do Povo Judeu*, Glossário (Alfragide: Galeria Panorama, 1966), 518.

fundamentos da religião judaica, bem como a história do povo hebreu.<sup>22</sup>

As diferenças religiosas e culturais, como em muitas partes do mundo onde os judeus se estabeleceram, acabaram por levar os judeus de Markowa a viver relativamente separados dos outros habitantes da aldeia. Podemos dizer que, na prática, a população se podia quase dividir em duas partes distintas, que coabitavam uma ao lado da outra. Mas isso foi em certos casos, objeto de suspeitas e antipatias. Józef Tejchma, um dos habitantes polacos de Markowa, considerava os seus vizinhos judeus como «um grupo misterioso que não vivia fechado em si mesmo, mas que, se se quisesse visitá-los, era necessário ser convidado. A casa deles era apenas para eles».<sup>23</sup> No entanto, as divisões constatadas não devem considerar-se absolutas, visto que em Markowa, apesar dessas dificuldades, as relações entre judeus e polacos eram positivas. Note-se que a maioria dos judeus se definia e considerava polaca, pelo que uma separação absoluta seria impossível. Porém, há relatos de algumas tensões entre ambas as partes. Por exemplo, os jovens polacos da aldeia tinham o hábito de pendurar um boneco nas árvores, nas imediações das casas judaicas, remetendo para a figura de Judas e, portanto, para a traição de Jesus por um judeu.<sup>24</sup>

#### 1.4. FAMÍLIA ULMA

Józef Ulma nasceu em março de 1900, em Markowa, numa família camponesa e pobre. Os pais possuíam um terreno de três hectares e moravam numa pequena casa de madeira. Józef concluiu apenas a quarta classe numa escola de ensino básico, mas, apesar disto, demonstrou desde cedo grandes talentos e capacidades práticas e intelectuais. Aos 21 anos, viu-se obrigado a cumprir o serviço militar. Oito anos depois, começou a frequentar uma escola agrícola, que terminou com uma excelente nota. À semelhança dos seus pais, Józef começou a trabalhar na agricultura, uma área ainda não muito desenvolvida na aldeia de Markowa. Além da cultura de legumes e frutas, nessa fase, a venda de sementes tornou-se uma das fontes do seu sustento.<sup>25</sup>

Possuindo um hectare de terra, destinou uma parte para construir o primeiro viveiro de árvores de fruto na aldeia.<sup>26</sup> O diretor da escola de Markowa cooperava com Józef nesta atividade. Por sua parte, uma vez por semana, o senhor Ulma dava aulas práticas de

---

<sup>22</sup> Cf. Szpytma., *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 20.

<sup>23</sup> Opinião de Józef Tejchma em Szpytma., *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 20.

<sup>24</sup> Cf. Szpytma., *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 20-21.

<sup>25</sup> Cf. Szpytma., *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 28.

<sup>26</sup> Cf. Szpytma., *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 28.

horticultura. Pouco tempo depois, quase todas as crianças da aldeia tinham aprendido técnicas de cultivo e de enxerto das árvores. Para promover este tipo de conhecimentos, o diretor da escola oferecia aos alunos pequenas árvores para que fossem ao redor das suas casas.<sup>27</sup>

Graças ao engenho e à iniciativa de Józef Ulma, surgiram os primeiros pomares em Markowa e nas vilas vizinhas. Ele não podia passar indiferente por uma árvore em mau estado, sem propor ao dono que lhe deixasse enxertá-la para que, no futuro, pudesse dar melhores frutos, e prestava este serviço gratuitamente.<sup>28</sup> É nesta altura que, em Markowa, começam a surgir as primeiras árvores de maçã enxertada. As suas capacidades não se limitavam apenas à área da horticultura. Ulma demonstrou ainda o seu talento na área da apicultura e da criação de bichos-da-seda.<sup>29</sup> Aprendeu rapidamente toda a tecnologia acerca da apicultura, a ponto de construir as suas colmeias conforme os seus próprios projetos. De facto, tal como fazia com as árvores que encontrava em mau estado, também se mostrava disponível para resolver os problemas de qualquer apiário em más condições.<sup>30</sup>

As habilidades de Józef Ulma no sector agrícola estão hoje preservadas em dois diplomas, numa exposição de agricultura em Przeworsk, organizada pela Sociedade de Agricultura Local. Um diploma está exatamente relacionado com a apicultura, tendo sido por ele recebido como recompensa «pelas engenhosas colmeias e utensílios para apicultura, construídos segundo uma invenção sua, e outro pela criação modelar de bichos-da-seda e diagramas da sua vida». Esta segunda atividade despertou interesse em muita gente mesmo além dos confins de Markowa.<sup>31</sup>

Além do empenho no trabalho, a maior paixão de Józef era a fotografia. Também nesta área ele manifestou o seu talento, tal como testemunham muitíssimas fotografias feitas por ele. Era tão forte a sua paixão, que após a leitura de livros e entrevistas profissionais sobre este tema, conseguiu construir a sua própria máquina fotográfica. Nestas fotografias procurou, em primeiro lugar eternizar os diferentes momentos da vida quotidiana ou festas da sua família. Nas suas fotografias representava os habitantes de Markowa nas suas atividades e na sua vida quotidiana. Prontamente oferecia os seus serviços aos habitantes da sua aldeia em muitas ocasiões: festas de batismo, primeiras comunhões, casamentos, entre muitos outros eventos. Imortalizou nas fotografias os trabalhos no campo e os acontecimentos relacionados

---

<sup>27</sup> Cf. Mateusz Szpytma e Jarosław Szarek, *Rodzina Ulmów*, ed. IV (Kraków: Rafael, 2018), 10.

<sup>28</sup> Cf. Mateusz Szpytma e Jarosław Szarek, *Rodzina Ulmów*, 10.

<sup>29</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 28.

<sup>30</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 10.

<sup>31</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 28. Nesta página aparecem as duas fotos dos diplomas de Ulma e uma foto de coleções particulares da família Ulma.

com atividades da sociedade local, como espetáculos de coro ou peças de teatro.<sup>32</sup>

O seu interesse pela cultura era vastíssimo, tal como testemunha a grande e variada quantidade de livros preservados da sua biblioteca pessoal: *Dzieje biblijne starego i nowego przymierza* (História da antiga e nova aliança), *O drenowaniu* (Sobre drenagem), *Podręcznik elektrotechniczny* (Manual electrotécnico), *Podręcznik fotografii* (Manual da fotografia), *Wykorzystanie wiatru w gospodarce* (Uso do vento na fazenda), *Radiotechnika dla wszystkich* (Engenharia de rádio para todos), *Przyroda i technika* (Natureza e Tecnologia), *Atlas geograficzny*, *Dzicy mieszkańcy Australii* (Os habitantes selvagens da Austrália) e *Język wyrazów obcych* (Dicionário de palavras estrangeiras).<sup>33</sup> Graças aos seus conhecimentos, colaborou e subscreveu a criação do periódico *Wiedza e Życie* (Conhecimento e Vida).<sup>34</sup>

Józef Ulma costumava pôr em prática as informações que obtinha através da leitura. Por exemplo, além da mencionada máquina fotográfica, construiu ainda uma máquina de encadernação de livros, um rádio e ainda uma pequena central elétrica de vento, que servia para carregar as suas baterias. Através desta última construção, Józef tornou-se o primeiro na aldeia a iluminar a sua casa não com lâmpadas de parafina, mas sim com energia elétrica.<sup>35</sup>

No que diz respeito à vida social, desde a sua adolescência esteve envolvido em grupos e associações da sua aldeia. Primeiro como membro da Associação da Santa Missa da diocese de Przemyśl e depois na Associação Católica da Juventude. Esteve, ainda, envolvido na vida política, participando na União da Juventude Camponesa “Wici”, uma secção do partido camponês Stronnictwo Ludowe, em que cumpriu a função de bibliotecário e fotógrafo.<sup>36</sup> Por causa do seu envolvimento neste partido, entrou em conflito com o pároco, o padre Władysław Tryczyński, que considerava esta organização de esquerda ou comunista.<sup>37</sup>

Uma das atividades desta União era o Grupo Teatral Amador, no qual Józef participou, criado por Władysław Płaskoń em 1903.<sup>38</sup> Neste grupo participavam particularmente os jovens camponeses. O apogeu deste grupo foi alcançado depois de 1928, enquanto o patronato esteve nas mãos da União da Juventude “Wici”. Até 1939, foram apresentadas uma dúzia de peças. Numa revisão da peça “Kordian i cham”, do escritor polaco Leon Kruczkowski, alguém escreveu a seguinte opinião: «Uma grande impressão foi dada pela figura do Adamus [personagem que Józef Ulma representava], um servo, atormentado,

---

<sup>32</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 28-29.

<sup>33</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 29.

<sup>34</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 29.

<sup>35</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 29.

<sup>36</sup> Cf. Szpytma, *Wiktoria e Józef Ulma: O testemunho do amor até ao martírio*, 128-129.

<sup>37</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 29.

<sup>38</sup> Cf. Szpytma, *Wiktoria e Józef Ulma. O testemunho do amor até ao martírio*, 129.

sofredor. Essa figura ficou fortemente presa na memória dos espectadores - e foi discutida por um longo tempo na vila». <sup>39</sup>

Em 1935, Józef Ulma casou-se com Wiktoria Niemczak, que conhecera numa reunião da União da Juventude “Wici”. <sup>40</sup> Wiktoria também nasceu na aldeia Markowa, sendo a sétima filha de Jan e Franciszka Niemczyk. <sup>41</sup> A sua casa estava situada perto da casa da família Ulma. <sup>42</sup> Wiktoria era boa aluna e conseguiu finalizar o sexto ano, obtendo um bom certificado da Escola Primária. <sup>43</sup> No casamento de Józef e Wiktoria, ao longo dos primeiros sete anos, nasceram seis filhos: Stanisława, Barbara, Władysław, Franciszek, Antoni, Maria. Se não tivessem passado pelo trágico momento no qual perderam as suas vidas, poderiam alegrar-se com o nascimento do sétimo bebé que estava para nascer. <sup>44</sup>

Quanto à sua espiritualidade, embora não tenhamos fontes específicas, os coevos testemunham que era uma família muito estimada pela comunidade local e que eram católicos praticantes. Temos um testemunho de Stanisława Kuźniar, madrinha de Władysław, um dos filhos do casal Ulma, que o ajudava a cuidar das crianças. Stanisława afirma que, certa noite, vira Józef ajoelhar-se para rezar antes de se deitar. <sup>45</sup>

Apesar de Józef Ulma trabalhar muito, não deixava de parte o cuidado das crianças e da casa da família. Devido à dificuldade de sustentar tantos filhos na sua pequena fazenda, em 1935, o casal vendeu as suas posses e comprou, juntamente com o irmão de Wiktoria, cinco hectares de terreno em Wojsławicach, perto de Sekal. Mas o começo da guerra fez com que todas as suas intenções e sonhos de mudança ficassem irrealizados. <sup>46</sup>

## 1.5. A GUERRA, OS JUDEUS, OS POLACOS E A FAMÍLIA ULMA

A 1 de Setembro de 1939, a Alemanha Nazi de Adolf Hitler atacou a Polónia e, passados apenas oito dias, o exército alemão já se encontrava presente em Markowa. Como reacção, os camponeses locais começaram a criar algumas estruturas militares clandestinas do *Związek Walki Zbrojnej* (trad.: União das Lutas Armadas) para combater o ocupante. Devemos mencionar que Józef Ulma participou, enquanto soldado, na defesa da Polónia

---

<sup>39</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 82.

<sup>40</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 19.

<sup>41</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 29.

<sup>42</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 19.

<sup>43</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 45.

<sup>44</sup> Cf. Szpytma, *Wiktoria e Józef Ulma. O testemunho do amor até ao martírio*, 129.

<sup>45</sup> Cf. Szpytma, *Wiktoria e Józef Ulma: O testemunho do amor até ao martírio*, 129.

<sup>46</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 19.

perante os ataques alemães.<sup>47</sup>

Desde o início, os alemães criaram, para os terrenos polacos ocupados, uma nova divisão administrativa. Além disso, organizaram e formaram a sua Polícia, mas também outro corpo policial constituído apenas por polacos, chamado *Policja Granatowa* (trad.: Polícia azul escura).<sup>48</sup> Nas aldeias ou pequenas cidades ocupadas surgiu a Gendarmaria, uma parte da Polícia Ordinária (*Ordnungspolizei*).<sup>49</sup>

A política alemã, nos territórios polacos ocupados, desde o princípio, caracterizou-se pelo extermínio da população polaca, sobretudo dos judeus-polacos, que deveriam precisamente ser aniquilados.<sup>50</sup> Os polacos não judeus, por outro lado, segundo os planos nazis, deveriam ser transformados numa nação de escravos e submetidos ao Terceiro Reich.<sup>51</sup>

Nos primeiros tempos da guerra foi criado, em Cracóvia, um Instituto de Trabalho Alemão no Leste, que começou a interessar-se por Markowa e outras três aldeias. Este interesse surgiu pelo facto de Markowa ser uma aldeia extremamente organizada, que influenciou vários tipos de cooperativas, pelo estilo diferente e localização das casas do que noutras aldeias. Mas, antes de tudo, o que despertou este interesse por parte dos alemães foi o facto de a maioria dos habitantes de Markowa ter os seus apelidos de origem alemã. Durante dois anos, mais precisamente entre 1940 e 1942, em Markowa, os funcionários do já mencionado Instituto fizeram pesquisas antropológicas sobre os habitantes locais. Os ocupantes concluíram que a sociedade local podia ser germanizada. Assim, encorajaram os habitantes de Markowa a assinar a *Volksliste*<sup>52</sup>, mas sem obter qualquer resultado.<sup>53</sup>

Já no início da ocupação nazi, os judeus foram privados de todos os direitos. A 22 de setembro de 1939, os judeus que moravam perto da fronteira da Alemanha e da Rússia, viram-

---

<sup>47</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 29.

<sup>48</sup> A *Policja Granatowa* ("azul-escuro") surgiu com Hans Frank, Governador Geral, a 17 de dezembro de 1939. Isto deu-se porque os alemães não conseguiam manter a ordem durante a guerra com a Polícia construída por eles no Governo Geral. Por isso, esta segunda força policial era formada pelos polacos que eram antigos polícias, habitantes da GG ou terrenos polacos incorporados ao Terceiro Reich. O uniforme que utilizavam era "azul-escuro" e daqui receberam o seu nome. Se os que foram "convidados" recusassem, ameaçavam-lhes com a morte ou com o envio para um campo de concentração. Além da responsabilidade pela segurança e ordem pública, eles deviam também, em conjunto com os alemães, vigiar os guetos judaicos, participar nas execuções e ações antiguerrilha. Possivelmente quase 30% dos polícias de "azul-escuro" colaboravam com as forças clandestinas contra o ocupante da Polónia. Cf. Norbert Zięta, «Cała prawda o wojnie. Granatowi policjanci – bohaterowie i kanalie», acedido a 25 de julho de 2022,

<https://nowiny24.pl/cała-prawda-o-wojnie-granatowi-policjanci-bohaterowie-i-kanalie/ar/6065119>.

<sup>49</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 29.

<sup>50</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 27.

<sup>51</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 25.

<sup>52</sup> *Volksliste*: Lista das pessoas, inscritas desde 1939 até 1945 pelas autoridades competentes do Terceiro Reich na lista nacional alemã (*Deutsche Volksliste*, DV) com base em critérios nacionais e raciais, que até então eram cidadãos de países ocupados pela Alemanha, especialmente vivendo em áreas incorporadas ao o Terceiro Reich. Cf. Encyklopedia PWN.pl, acedido a 6 de junho de 2022

<https://encyklopedia.pwn.pl/szukaj/%20Volksliste.html>

<sup>53</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 25-26.

se obrigados a passar para os territórios ocupados pelos russos. Porém, na prática, quase nenhum judeu cumpriu esta ordem, permanecendo no lugar onde vivia. Os judeus começaram, assim, a sofrer restrições cada vez mais gravosas da parte do governo nazi: foram privados dos seus empregos e negócios, e obrigados a executar vários trabalhos forçados em favor do ocupante alemão, como a remoção de neve das estradas durante inverno. Nestes trabalhos, os judeus foram privados de qualquer salário, alimentação ou transporte.<sup>54</sup>

Joseph Riesenbach, um judeu que naquela altura era muito jovem, conta que os seus pais tiveram que entregar aos alemães todas as peles, isto é, os seus casacos, cobertores e ainda todos os objetos de valor que possuíam. Além disto, por vezes eram forçados a oferecer gratuitamente a sua casa aos alemães, como um aquartelamento.<sup>55</sup>

Desde novembro de 1939, por disposição do Governo Geral, todos os judeus eram obrigados a utilizar uma braçadeira branca com a estrela de David na manga direita. Por sua vez, em outubro de 1941, surgiu outra diretiva, igualmente dirigida contra todos os judeus no território do Governo Geral:

«Sob pena capital, os judeus não podiam sair do seu distrito designado, sem autorização do governo competente. A mesma pena era aplicada a todos aqueles que, em plena consciência, oferecessem asilo ou qualquer tipo de ajuda aos judeus, bem como a todos os instigadores e ajudantes na revolta. Qualquer tentativa de ação seria punida como se de um ato se tratasse».<sup>56</sup>

Quando se criaram os guetos, na passagem dos anos 1941 para 1942, a possibilidade de fuga dos territórios ocupados pelos alemães tornou-se praticamente impossível. De modo que, nos momentos que antecederam a concretização do projeto dos guetos, apareceram em Markowa refugiados judeus provenientes de outras cidades. Todavia, o refúgio provou-se um desastre, visto que as tropas alemãs revistaram toda a aldeia em busca de refugiados. Em seguida, os nazis obrigaram todos os judeus a arranjar uma carta de identificação que, conseqüentemente, os ajudou a verificar a quantidade precisa de judeus que habitavam a Polónia nessa altura. Depois, obrigaram-nos a dirigir-se a um ponto de encontro em Łańcut, de onde, posteriormente, foram transportados para o campo de concentração em Pełkiniach, ou para o campo de extermínio em Bełżec, onde perderam a sua vida.

No verão de 1942, os alemães começaram a aniquilação de todos os guetos. Assim, todos os seus habitantes foram levados para diversos campos de extermínio. Em Markowa, a

---

<sup>54</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 27.

<sup>55</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 27.

<sup>56</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 27.

maior parte dos judeus ficou na aldeia, tentando sobreviver lá. Sabendo disto, os nazis decidiram aniquilá-los nesse mesmo local, organizando, diversas vezes, operações de busca. Eles mesmos inventaram uma maneira de o fazer, determinando que este trabalho deveria ser feito pelo regente da aldeia. Esta operação de procura dos judeus escondidos em Markowa começou a 13 de dezembro de 1942. Os ocupantes presumiram que este método seria muito eficaz, posto que a recusa significaria a morte do regente e das pessoas destinadas. Todavia, antes de organizar a dita busca, o regente avisou os habitantes acerca da ordem recebida na igreja, durante uma típica transmissão dos anúncios. Contudo, foram encontrados 25 dos 55 judeus que, em seguida, foram presos na prisão local. Durante a noite era possível ouvir os gritos e as orações dos prisioneiros. No dia seguinte, todos eles foram fuzilados e enterrados pelos gendarmes alemães num lugar chamado “okop”<sup>57</sup>. Neste e noutro lugar situado a pouca distância do “okop”, foram assassinados, ao todo, quarenta e um judeus. Antes da morte, as vítimas eram espancadas, e ainda deviam escavar a cova onde seriam depois sepultadas. É importante destacar que “okop” estava localizado perto da casa da família Ulma. Por isso, eles ouviam e viam o fuzilamento dos judeus.<sup>58</sup>

Em 1942, era já conhecida a mencionada ordem de aniquilação dos judeus. Sabendo disto, os judeus começaram a procurar um esconderijo nas casas dos habitantes locais.<sup>59</sup> É provável que tenha sido neste momento que o casal Ulma decidiu acolher na sua casa duas famílias judias. A primeira família era formada por duas irmãs, Lea Didner e Golda Grünfeld, esta última com uma filha. Anteriormente, tinham sido vizinhas da casa da família de Józef Ulma. A outra família era a de Saul Goldman com os seus quatro filhos que, antes da guerra, moravam na cidade de Łańcut. Saul Goldman era comerciante de gado e aparecia várias vezes em Markowa para tratar dos seus negócios.

Józef e Wiktoria estariam conscientes do perigo que corriam, pois certamente tiveram conhecimento dos avisos sobre as consequências a que estavam sujeitos aqueles que oferecessem qualquer apoio aos judeus. Além disso, tinham pleno conhecimento do que acontecia em “okop”, e sabiam o que os esperava, bem como aos seus seis filhos, se fossem descobertos.<sup>60</sup> No entanto, sabemos que Józef Ulma tinha boas relações com os judeus, já

---

<sup>57</sup> “Okop”: sítio localizado na parte marginal da aldeia Markowa onde foram enterrados animais mortos. Em 1942 os alemães escolheram este lugar para fuzilar e enterrar os Judeus. Naquele tempo foram mortos mais do que trinta judeus. Cf. Muzeum Ulmów, pl, acedido a 25 de julho de 2022, <https://muzeumulmow.pl/projekty/szlak>.

<sup>58</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 29-31.

<sup>59</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 31.

<sup>60</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 29-30.

antes da guerra, e que os ajudara a construir esconderijos nas periferias da aldeia.<sup>61</sup> Assim, para podermos chegar à resposta mais próxima da verdade, no que diz respeito à decisão de aceitar judeus em sua casa, podem ajudar-nos dois factos: o primeiro relaciona-se com a fé do casal Ulma, que pode ser confirmado pela Bíblia encontrada em sua casa, na qual podemos constatar que o título do Evangelho de S. Lucas que corresponde à passagem do Bom Samaritano se encontra sublinhado;<sup>62</sup> o segundo facto prende-se com a prova de que o casal, com este ato, não pretendia ganhar qualquer lucro, dado que, no peito de uma judia acolhida pelo casal, foi encontrada uma caixinha com objetos de ouro.<sup>63</sup>

Talvez a família Ulma tenha contado com a ajuda e com o trabalho conjunto para ultrapassar este tempo difícil da guerra. Sabemos que Józef Ulma, juntamente com alguns judeus, tinha curtido couro em grandes quantidades, que depois vendeu para sustentar a vida da numerosa família e dos judeus que viviam naquele momento com eles. Porém, apesar da distância considerável das casas dos vizinhos, não era possível, perante os outros, manter em segredo o facto de que eles escondiam judeus. Também não contribuiu para guardar este segredo a compra de grandes quantidades de alimentos ou, ainda, as frequentes visitas de diferentes pessoas, que necessitavam de fazer as fotografias para os seus documentos pessoais. Além disto, uma das fotografias encontradas no relatório de Józef Ulma, mostra os judeus que ele escondia a cortarem madeira ao ar livre. Isto manifesta que a proteção concedida por ele aos oito judeus, era um «segredo público», isto é, embora estivesse a escondê-los, não exigiu que eles permanecessem todo o tempo confinados dentro de casa.<sup>64</sup>

## 1.6. O ASSASSINATO DA FAMÍLIA ULMA<sup>65</sup>

Não sabemos, com precisão histórica, quem e de que modo a família Ulma foi denunciada. Alguns testemunhos, porém, afirmam que foi obra de Włodzimerz Leś, um polícia “azul-escuro” que participou no assassinato de toda a família Ulma e de todos os judeus escondidos em sua casa. Este terrível acontecimento passou-se na madrugada de 24 de

---

<sup>61</sup> Cf. Mateusz Szpytma, «Każń rodziny Ulmów. Polska rodzina zamordowana za ratowanie Żydów», acedido a 25 de julho de 2022, <https://historia.interia.pl/polska-walczaca/news-kazn-rodziny-ulmow-polska-rodzina-zamordowana-za-ratowanie-z,nId,1359730>.

<sup>62</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma* 49

<sup>63</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 32.

<sup>64</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 123.

<sup>65</sup> Foi possível reconstruir os factos graças ao processo contra Josef Kokott perante um tribunal polaco: IPN Rz 107/1608, Akta procesu karnego Sądu Wojewódzkiego w Rzeszowie o sygn. IV K 126/58 przeciwko Josefowi Kokottowi, t. 1-4, *passim*; IPN Rz 052/317, Akta kontrolno-śledcze przeciwko Josefowi Kokottowi nr 38/56. Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 31.

março de 1944, no qual participou um grupo de nove funcionários da gendarmeria alemã e da polícia de “azul-escuro”. Apesar de serem conhecidos os nomes e os apelidos deste grupo, queremos referir especialmente três deles que, de diversas maneiras, se destacaram dos outros. Um deles, já mencionado anteriormente, foi um polícia “azul-escuro” e, portanto, de nacionalidade polaca, chamado Włodzimierz Leś, aquele que, muito provavelmente, acabaria por denunciar a família Ulma perante os alemães e que foi morto a tiro pelo exército polaco clandestino alguns meses depois. Morava em Łańcut, perto da casa da família Goldman, com a qual tinha boas relações e, quando começou a guerra, em troca de dinheiro e outros bens, ajudou-os a encontrar um refúgio. Contudo, a família Goldman procurara também ajuda noutros sítios e é por esse motivo que provavelmente chegaram a pedir ajuda à família Ulma, que conheciam bem por causa dos negócios dos Goldman em Markowa, como expusemos acima.<sup>66</sup>

Ao comando desta operação esteve o chefe da Esquadra da Polícia em Łańcut, o tenente alemão Eilert Dieken. Além dos soldados da gendarmeria, estiveram ainda alguns funcionários da polícia de “azul-escuro”, tendo sido acompanhados por cocheiros camponeses polacos com as suas carroças, que serviram como transporte. Inicialmente, aproximaram-se da casa da família Ulma somente os guardas e os polícias de “azul-escuro”. Passado não muito tempo, ouviram-se alguns tiros, resultado do fuzilamento dos três primeiros judeus: os irmãos Goldman e Gouda Grünfeld. Em seguida, foram chamados os cocheiros, porque a ideia dos carrascos era mostrar aos polacos qual era a consequência de oferecer qualquer tipo de apoio aos judeus. Um dos cocheiros, de nome Edward Nawojski, testemunhou que viu o assassinio, em primeiro lugar, de um homem da família Szall e em seguida o de Layka Didner com uma criança pequena. Depois, viu também o assassinato de outro homem da família Goldman. No fim, foi levado para fora de casa o casal Ulma. Em seguida, Józef e Wiktoria Ulma foram mortos. Edward Nawojski, durante processo de acusação de Josef Kokott, relatou que «durante o fuzilamento se ouviram gritos terríveis. Os filhos do casal estavam a chamar, gritando pelos pais, mas eles já estavam mortos»<sup>67</sup>.

Então, os guardas e polícias começaram a ponderar o que fazer com as crianças. O responsável pela operação, Eilert Dieken, decidiu que também as crianças deviam ser assassinadas. Não se sabe ao certo se Josef Kokott matou três ou quatro meninas. No entanto, o testemunho recorda as palavras que Kokott pronunciara: «Olhem como se perdem os porcos

---

<sup>66</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 30.

<sup>67</sup> Testemunho de Edward Nawojski no julgamento criminal contra Josef Kokott a 13 de março de 1958, acta nº 158, 780, Cf. Matesz Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 32.

polacos que guardam os judeus». Foram fuzilados todos os filhos do casal Ulma. Cometida esta atrocidade, os carrascos chamaram o administrador da aldeia, bem como algumas pessoas, para enterrar os corpos. Este, conhecendo de antes Eilert Dieken, perguntou-lhe porque haviam sido mortas as crianças. Como resposta, ouviu as seguintes palavras: «Para que os habitantes de Markowa não tenham problemas com elas».<sup>68</sup> Por fim, os alemães roubaram tudo o que era possível. Os polacos que tinham de enterrar os corpos, foram obrigados a revistá-los primeiro. Josef Kokott, que vigiou pessoalmente esta revista, iluminando esta cena com a sua lanterna, viu escondido nos peitos de Gouda Grünfeld uma caixinha com joias preciosas.<sup>69</sup> Tomou-a e guardou-a no seu bolso, dizendo: «Era disto que eu precisava».<sup>70</sup> Os restantes guardas ocuparam-se do roubo dos bens da família Ulma.

Finalmente, os alemães aceitaram enterrar as vítimas judias e as polacas em covas separadas<sup>71</sup>. Em seguida, os soldados beberam até à embriaguez e, após a sepultura dos corpos, Kokott obrigou os polacos que o acompanharam neste crime a guardarem segredo. Mas, apesar da obrigação dos carrascos, alguns habitantes da aldeia, durante as noites da semana seguinte, tiraram os corpos da terra, colocaram-nos em caixões e sepultaram-nos novamente. Um deles, que sepultou o corpo de Witoria, descobriu que ela estava grávida. E constatou-o porque, no momento da colocação do corpo de Witoria no caixão, viu a cabeça e uma parte do corpo de uma criança que não conseguiu sair totalmente do corpo dela.<sup>72</sup> No início de 1945, todos os corpos da família Ulma foram transportados para o cemitério da Markowa. Passados dois anos, o mesmo aconteceu com os corpos dos judeus, que foram levados para o cemitério judaico em Jagielle-Niechciałki.<sup>73</sup>

A notícia do acontecido espalhou-se rapidamente por toda aldeia. Sabe-se, hoje, que a família Ulma não foi a única a oferecer o seu apoio aos judeus destinados à eliminação da sociedade e ao extermínio, porque em Markowa se conseguiu salvar a vida de vinte e um judeus. Estes rapidamente souberam o que acontecera com a família Ulma, visto que, numa aldeia como Markowa, pese embora a sua extensão, era impossível não tomar conhecimento deste terrível tipo de notícias. Por isso, não podemos deixar de ficar surpreendidos pela coragem daqueles que albergavam judeus clandestinamente e que o continuaram a fazer

---

<sup>68</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 32.

<sup>69</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 32.

<sup>70</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 32.

<sup>71</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 32.

<sup>72</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 32.

<sup>73</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 32-33.

depois disso<sup>74</sup>, apesar de, obviamente, tanto eles como os judeus que cuidavam viverem num ambiente de tensão.

De facto, o clima de terror perante tais situações era manifesto, dado que um habitante de Markowa recebeu uma carta anónima que o aconselhava a ter cuidado e a expulsar os judeus que estavam escondidos em sua casa.<sup>75</sup> É difícil imaginar o que sentiriam os outros casais que, tendo filhos, continuaram a esconder judeus nas suas casas depois do assassinio de toda a família Ulma e de todos judeus que estiveram com eles. É o caso da família de Antoni e Dorota Szytar, que tinha cinco filhos e salvou seis judeus, todos da família Weltz. Além deles, ainda outro casal, Michał e Maria Bar, também com cinco filhos, apoiou o casal judeu Lorbenfeld com a sua filha Pesia. Józef e Julia Bar, com a sua filha, o casal Riesenbach com três filhos. Outro casal, Michal e Katarzyna Cwynar que cuidava do seu neto, apoiou um judeu, Wladyslaw.<sup>76</sup> Como podemos verificar facilmente, neste trabalho não são mencionados todos os habitantes de Markowa que deram o seu apoio aos judeus, arriscando a sua vida e a dos seus filhos. A maior parte destas pessoas recebeu o título de “Justo entre as Nações do Mundo”, dado pelo Instituto Yad Vashem de Jerusalém.

Alguns dos perpetradores responsáveis pelo homicídio da família Ulma e dos judeus por eles escondidos foram punidos por este crime. Já mencionámos o que aconteceu com o polícia "azul-escuro" Włodzimeirz Leś. Josef Kokott, depois da guerra, foi encontrado e apanhado na Checoslováquia. Durante o seu processo, e perante o Tribunal Polaco, Kokott não se reconheceu como um dos autores do crime. Mas apesar disto, através de inúmeras provas e testemunhos, recebeu a pena capital, que acabou por ser mudada para prisão perpétua e, em seguida, devido à mudança de regulamentos, para vinte e cinco anos de prisão. Porém, Kokott acabou por morrer, dois anos antes de acabar o fim da sua pena de prisão, em 1980. Eilert Dieken voltou depois da guerra para a Alemanha e trabalhou até ao fim da sua vida como polícia, e não sofreu nenhum castigo pelos seus crimes cometidos contra os judeus. Nos anos sessenta, já tinha morrido quando a Alemanha começou a interessar-se pelos crimes levados a cabo pelos guardas alemães da cidade onde cumpria o seu cargo.<sup>77</sup>

---

<sup>74</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 33.

<sup>75</sup> Cf. Mateus Szpytma, *The Risk of Survival* (Sandomierz: Wydawnictwo Diecezjalne i Drukarnia w Sandomierzu, 2009), 74.

<sup>76</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 57-60.

<sup>77</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 33.

## 1.7. MEMÓRIA

Como se afirmou anteriormente, em 1995 Józef e Wiktoria Ulma receberam a medalha “Justo entre as Nações do Mundo”, conferida pelo Instituto Yad Vashem em Jerusalém. Também beneficiaram dela pessoas de outras famílias de Markowa. Esta medalha outorgada por este instituto honra as pessoas que resgataram os judeus durante a II Guerra Mundial. No diploma e na medalha “Justo entre as Nações do Mundo” está escrita uma frase muito significativa: «Quem salva uma vida é como se todo o mundo salvasse». De todos os condecorados com este título, a maioria é de nacionalidade polaca.<sup>78</sup>

Nos últimos tempos, podemos verificar um significativo aumento do interesse pela família Ulma, como testemunha exatamente esta medalha dada pelo Instituto Yad Vashem. Mas este acontecimento não é o único digno de lembrança e honra da família Ulma. Devemos mencionar outros casos significativos acerca da memória família de Ulma, como, por exemplo, a construção de um monumento em sua honra, inaugurado a 24 de março de 2004 em Markowa. No mesmo lugar, a 17 de março de 2016, foi inaugurado o Museu dos Polacos, que deram o seu apoio aos judeus durante a II Guerra Mundial, e que recebeu o nome de “Família Ulma”. Ainda hoje, são constantemente postas muitas pedras no seu túmulo, o que manifesta a visita dos judeus a este lugar, sinal de que, na cultura judaica, existe ainda um grande respeito e consideração por eles. Na igreja paroquial de Markowa há um livro de pedidos e agradecimentos pelas graças recebidas por intercessão da família. O pároco de Markowa testemunha que nele estão escritos inúmeros agradecimentos pela cura de doenças.

Há ainda um outro evento que vale a pena sublinhar, porque dá conta da sua excecionalidade, a saber, o processo de beatificação da família Ulma. A singularidade está expressa pelo facto de ainda não se ter verificado, ao longo da História da Igreja, um caso de beatificação ou canonização que abrangesse toda a família, mas apenas casos relacionados com casais. Além disto, está em processo a possibilidade de beatificação do sétimo bebé que, no momento do crime, se encontrava no seio de Wiktoria.<sup>79</sup>

A 17 de setembro de 2003, Jan Szlaga, bispo de Pelplin, iniciou o processo de beatificação das vítimas polacas do Nazismo alemão e, neste grupo de mais de 80 pessoas, encontra-se a família Ulma. Todavia, pelo facto de a família se encontrar neste tal grande grupo, o processo ainda não tinha avançado muito, e só em 2011 se tornou um processo a

---

<sup>78</sup> Cf. Szpytma, Szarek, *Rodzina Ulmów*, 65.

<sup>79</sup> Tomasz Krzyżak, *Rodzina Ulmów bliżej beatyfikacji*, Rzeczpospolita-Historia, edição: 09.03.2017, acedido a 25 de julho de 2022, <https://www.rp.pl/historia/art10590311-rodzina-ulmow-blizej-beatyfikacji>.

nível diocesano. Finalizado este, todos os documentos passaram para o Vaticano. Em 2013, a Congregação para as Causas dos Santos emitiu um decreto sobre a validade do processo. Este facto permitiu iniciar a redação de um outro documento muito importante, chamado *positio*,<sup>80</sup> que, posteriormente, servirá como base ou fundamento para a investigação seguinte a nível histórico e teológico, a realizar já pelo Vaticano. Este documento deverá ser trabalhado para cada pessoa, separadamente. Por isso, para acelerar este caminho de beatificação, em 2017, a pedido do bispo de Przemyśl, a Santa Sé aceitou a separação da família Ulma do grande grupo já mencionado. O novo postulador considera que deve ser provado que a morte de cada membro da família Ulma foi em defesa da fé.<sup>81</sup>

---

<sup>80</sup> *Positio*: É um escrito em que se expõe um assunto para afirmar ou solicitar algo perante a autoridade correspondente. Na cúria romana, o uso do termo *positio* inclui também a documentação que sustenta o exposto, os relatos das pessoas que o estudam e os votos dos consultores. O uso mais conhecido do termo é o da *positio* nas causas de beatificação e canonização dos fiéis, que tratam das virtudes e da fama da santidade ou do martírio, e do milagre. A *positio*, depois das leis de 1983, costuma conter: a apresentação do relator, a *informatio* (história da causa, as fontes, biografia documentada, estudo teológico sobre o heroísmo das virtudes; no caso do martírio, mais resumidamente, inclui a vida do Servo de Deus, o martírio material e o martírio formal), e o sumário (decreto de validade do processo, sentença de inculco, os depoimentos das testemunhas e os documentos; na *positio* dos milagres também há uma cronologia dos acontecimentos, dois votos de médicos *ex officio* e a decisão da consulta médica), em Lexicon Canonicum.org, acessado a 25 de julho de 2022, <https://www.lexicon-canonicum.org/materias/causas-de-los-santos/positio/>.

<sup>81</sup> *Święta rodzina z Polski? Jeśli dojdzie do beatyfikacji, to może być pierwszy taki przypadek w historii*, acessado a 6 de junho de 2022, <https://deon.pl/kosciol/swieta-rodzina-z-polski-jesli-dojdzie-do-beatyfikacji-to-moze-byc-pierwszy-taki-przypadek-w-historii.513399>.

## CAPÍTULO 2

### OS MOVIMENTOS CATÓLICOS NO PERÍODO ENTRE AS DUAS GUERRAS MUNDIAIS

Em 1918 ao acabar a I Guerra Mundial, os polacos passaram a celebrar o 11 de novembro como o seu dia da Independência. Todavia, o período que se seguiu, hoje conhecido como o período entre as duas Guerras Mundiais, foi o que verdadeiramente marcou e moldou a vivência social, cultural e religiosa da Polónia e, por conseguinte, a da família Ulma, que viveu nessa época.

É necessário, por isso, em primeiro lugar, deitarmos um olhar sobre o contexto social, político e religioso que marcou a Polónia no período que antecede as duas guerras, para percebermos – apesar dos limites do nosso trabalho de investigação – as diversas influências exteriores que marcaram não só a experiência quotidiana social, mas também a experiência religiosa e espiritual concreta nas várias regiões da Polónia. Esta análise ajudar-nos-á a compreender as dinâmicas organizativas católicas em que se inseriu a família Ulma.

Paulatinamente, foram-se desenvolvendo e afirmando duas posições sociopolíticas opostas: por um lado, o progressismo e materialismo filosófico; por outro lado, uma corrente política e económica, chamada socialismo<sup>82</sup>. Entre os comuns denominadores subjacentes a tais correntes político-filosóficas encontravam-se o ateísmo e o anticlericalismo. A resposta dos Papas frente a esses anos conturbados, consistiu fundamentalmente na tentativa de inculcar nas massas católicas a consciência da necessidade de afirmar a soberania divina na sociedade – sendo a guerra, ou a falta de paz entre os povos, o resultado dessa negação de parte da humanidade – e a renovada difusão da sã doutrina e da moral evangélica.

Diante destes novos desafios, os bispos de Roma esforçaram-se por dar um vigoroso impulso às organizações eclesiais e aos movimentos católicos – a Ação Católica especialmente – envolvendo cada vez mais os leigos, sob a orientação do clero, no apostolado e na ação social da Igreja. Todos esses fatores são indispensáveis para a compreensão das bases que formaram a consciência cívica e religiosa da família Ulma, nomeadamente o seu

---

<sup>82</sup> Cf. Mariusz Leszczyński, «Akcja Katolicka dawniej i dziś», Cf. Akcja Katolicka.org.pl – Historia – Przedwojenna AK, acessado a 6 de junho de 2022, <http://ak.org.pl/historia/przedwojenna-ak/>. Tendo em conta os limites do nosso trabalho não aprofundaremos estas temáticas. Acerca sobre estas questões que viram a Polónia como terreno de disputas e de influências entre as grandes potências da época (Prússia e Rússia), derivantes do impacto do período napoleónico, bem como da ambivalência da política da Santa Sé entre o reconhecimento da liberdade do país e a divisão deste, existe uma extensa bibliografia, para a qual remetemos. Ver sobretudo MAYEUR, Jean-Marie, *Histoire du Christianisme des origines à nos jours*, Freiburg ; Basel: Herder, 1992, t.10, 11, 12.

profundo sentido de solidariedade e caridade. Este percurso ajudar-nos-á também a perceber a estreita vinculação que existia entre a política e a religião.

Sob a orientação de Pio XI, a Ação Católica tornou-se o modelo e o eixo fundamental sobre o qual se desenvolveram os vários tipos de associações católicas, nomeadamente na Polónia, apesar das diversas tensões e da realidade fragmentada do ponto de vista político e social em que se encontrava o país.

Tendo em conta todos os elementos acima mencionados, iremos desenvolver este segundo capítulo em três partes principais. Na primeira, apresentaremos de forma genérica o quadro histórico, político e cultural que precede as duas guerras mundiais até ao período em que se enquadra a família Ulma. Depois, analisaremos alguns dos mais importantes documentos Papais. Em seguida, nos debruçar-nos-emos sobre as dinâmicas organizativas católicas surgidas como reação às forças políticas e ideológicas anticristãs, nomeadamente nos princípios e concretizações da Ação Católica, centrando-nos principalmente no seu desenvolvimento e tensões na Polónia.

Finalmente, procuraremos enquadrar a família Ulma nos movimentos católicos rurais que existiam a aldeia de Markowa.

## **2.1. A REAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA FRENTE ÀS MUDANÇAS SOCIOPOLÍTICAS DOS SÉCULOS XIX E XX**

Os séculos XIX e XX foram caracterizados por um processo de mudanças significativas na esfera sociopolítica da Europa Ocidental. Tais mudanças alteraram significativamente a visão de mundo, pondo seriamente em crise, em vários âmbitos da sociedade, os valores que a Igreja proclamava e defendia. Essas correntes ideológicas e políticas exerceram uma grande influência para o desenvolvimento de ideias e movimentos liberais no século XIX na Europa Ocidental.<sup>83</sup>

A Igreja católica viu-se, assim, seriamente confrontada com uma visão de mundo cada vez mais progressista, com o liberalismo político e com o materialismo filosófico,<sup>84</sup> o qual fez com que, o século XIX se tornasse, como afirmava Albert Ehrhard, o século do «iluminismo antirreligioso».<sup>85</sup> Tentando proteger a Igreja dessas forças hostis, a Santa Sé estigmatizou os erros da época, como se vê na encíclica de Pio IX, *Quanta cura*, de 8 de dezembro de 1864.

---

<sup>83</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>84</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>85</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

Ao mesmo tempo, fortaleceu o centralismo eclesiástico sublinhando-o com o dogma sobre a infalibilidade do Papa, proclamado no Concílio Vaticano I.<sup>86</sup>

Ao lado do liberalismo, surgia uma nova corrente política, social e económica, chamada socialismo, que propugnava a necessidade de construir uma nova ordem social e económica através da abolição da propriedade privada e da luta de classes.<sup>87</sup>

Os séculos XIX e XX caracterizaram-se por mudanças significativas em todos os âmbitos da sociedade: o desenvolvimento da ciência, o surgimento de novos partidos políticos, a luta de classes. Ao mesmo tempo, era visível uma descristianização cada vez mais crescente das sociedades. Diante desses novos e urgentes desafios, a Igreja viu-se obrigada a defender-se; a legitimar o seu estatuto perante os Estados; a reafirmar e difundir a doutrina evangélica, aplicando novos métodos pastorais eficazes, que envolvessem não só os clérigos, mas também os leigos.<sup>88</sup>

O Papa Pio IX encorajou calorosamente o clero e os fiéis leigos a empreenderem uma missão pastoral eficaz no mundo, a fim de deter as influências de novas correntes<sup>89</sup>, na Carta Encíclica *Qui pluribus* de 9 de novembro de 1846: «Para aqui (tende) essa doutrina nefanda do chamado comunismo, sumamente contrária ao próprio direito natural, a qual, uma vez admitida, levaria à subversão radical dos direitos, das coisas, das propriedades de todos e da própria sociedade humana».<sup>90</sup>

Na linha do seu predecessor, o Papa Leão XIII (1878-1903), tentou encontrar na Igreja novos métodos pastorais, envolvendo com maior eficácia os leigos católicos no apostolado da Igreja, nomeadamente, na sua missão na sociedade. Na encíclica *Nobilissima Gallorum gens* de 8 de fevereiro de 1884, dirigida ao episcopado francês, fala da importância de os fiéis leigos terem acesso aos discursos e escritos do Magistério, como instrumento vantajoso para defender os direitos da religião católica. Para esse fim, o Papa sublinha a necessária unidade e concórdia entre os leigos e a sua ligação com a Igreja hierárquica.<sup>91</sup> Do mesmo modo, na encíclica *Sapientiae Christianae* de 10 de janeiro de 1890, convidou explicitamente os leigos a lutarem para a promoção dos princípios católicos na vida pública, conservando a fé, graças ao estudo da doutrina cristã e à observância dos seus princípios.<sup>92</sup> Leão XIII entendia a urgência dessa tarefa em defesa da fé contra os erros do socialismo, não apenas no campo

---

<sup>86</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>87</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>88</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>89</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>90</sup> Pio IX, Encíclica *Qui Pluribus*, Acta, vol. I, 13. Cf. Sílabo, IV: A.A.S., vol. III, p. 170.

<sup>91</sup> Cf. Leão XIII, *Nobilissima gallorum gens*.

<sup>92</sup> Cf. Leão XIII, Carta Encíclica *Sapientiae Christianae*.

religioso, mas também na esfera social e política, opondo-se à teoria socialista que, promovendo falsamente a propriedade coletiva, se tornar «prejudicial àqueles membros a que quer socorrer, contrária aos direitos naturais dos indivíduos, como desnaturando as funções do Estado e perturbando a tranquilidade pública».<sup>93</sup>

Recusando com força a agenda socialista e o plano da luta de classes, propôs, em contrapartida, uma solução para a questão social com base no Evangelho e na doutrina social da Igreja, tal como vemos na encíclica *Rerum Novarum* de 1891:

«Mas é evidente que se deve visar antes de tudo o objecto principal, que é o aperfeiçoamento moral e religioso. E principalmente este fim que deve regular toda a economia destas sociedades (...); Assim, pois, tomando a Deus por ponto de partida, dê-se amplo lugar à instrução religiosa a fim de que todos conheçam os seus deveres para com Ele (...); Constituída assim a religião em fundamento de todas as leis sociais, não é difícil determinar as relações mútuas a estabelecer entre os membros para obter a paz e a prosperidade da sociedade». (Leão XII, *Rerum Novarum*, 33.)

Para Leão XIII, a força motriz da vida social deve consistir na caridade e na justiça, à luz dos ensinamentos evangélicos e dos instrumentos salvíficos confiados por Deus à Igreja hierárquica unida a todo o conjunto dos fiéis: só curando e penetrando «até às profundezas do coração humano»,<sup>94</sup> será possível superar os obstáculos que dividem e põem em conflito as classes sociais, preservando sempre a inviolabilidade da propriedade privada. Para esse efeito, encorajou fervorosamente o clero e os fiéis a desenvolverem um movimento social católico e a organizar uma ampla campanha de caridade para os trabalhadores que nele se encontram. Nesse movimento via também um antídoto para contrastar a política anticlerical e um meio de pressionar os governos para que a Igreja ganhasse sua posição adequada no mundo.<sup>95</sup> Graças às iniciativas e ao impulso de Leão XIII, desenvolveu-se entre os leigos católicos um movimento organizacional já a partir do final do século XIX.<sup>96</sup>

Na linha dos seus predecessores, o Papa Pio X (1903-1914) tentou revisar os métodos pastorais clássicos existentes e adaptá-los às exigências dos novos tempos e condições. Já na sua primeira encíclica, *E Supremi Apostolatus*, de 4 de outubro de 1903, dirigida ao clero defendeu a necessidade de apoiar as associações católicas laicais, embora sempre em estreita coordenação com o clero, especialmente dos bispos, e sob a sua orientação, ao fim de espalhar, pelas cidades e pelas zonas rurais, os princípios doutrinários e éticos cristãos e a prática religiosa.<sup>97</sup> Ao mesmo tempo, Pio X defendia a autonomia e a liberdade da Igreja

---

<sup>93</sup> Leão XIII, *Rerum novarum*, 7 e 9.

<sup>94</sup> Leão XIII, *Rerum novarum*, 15.

<sup>95</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>96</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>97</sup> Cf. Pio X, *E Supremi Apostolatus*, 30-36.

hierárquica frente ao Estado, a necessidade e eficácia dos meios salvíficos – nomeadamente os sacramentos –, a propriedade privada, contra a luta de classes, no respeito das diferenças, em vista do bem comum, os valores supremos da justiça e da caridade que devem constituir a base da «convivência humana».<sup>98</sup>

As tarefas apostólicas confiadas aos leigos católicos, sob a direção da hierarquia da Igreja, foram definidas por Pio X como «Ação Católica».<sup>99</sup> O Sumo Pontífice utilizou pela primeira vez este termo no *Motu Proprio* de 18 de dezembro de 1903, onde convidava toda a Igreja, nomeadamente a Hierarquia, a respeitar os princípios delineados por Leão XIII.<sup>100</sup> Na encíclica *Il fermo propósito*, de 11 de junho de 1905, Pio X reitera o princípio segundo o qual a Ação Católica deve respeitar os traços delineados por Leão XIII a fim de encontrar as soluções práticas às questões sociais, aplicando os princípios da doutrina e da moral cristã, preservando em cada circunstância o vínculo da concórdia e da caridade.<sup>101</sup> Com o propósito explícito de *Instaurare omnia in Christo*, tal como anunciado no limiar do pontificado, Pio X estava convencido da necessidade de os leigos católicos reunirem, sob a orientação do clero, todas as suas forças para lutar contra a civilização anticristã e, assim, trazer Cristo de volta à família, à escola, à sociedade.<sup>102</sup> A Ação Católica seria o instrumento privilegiado para a solução da questão social.<sup>103</sup>

O sucessor de Pio X, Bento XV (1914-1922), procurou desenvolver a ação apostólica iniciada pelos seus antecessores, incentivando as organizações de jovens e adultos e, deste modo, conquistar amplas classes da sociedade para o catolicismo. Na Ação Católica viu um meio eficaz para fortalecer a fé dos católicos e combater a descristianização das sociedades. Todavia, ter-se-á de esperar pelo pontificado do Papa Pio XI (1922-1939) para que aos leigos fosse confiado um maior protagonismo no apostolado, em vista do «florescimento da fé e a reforma da moral».<sup>104</sup> Segundo Pio XI, a razão subjacente aos graves conflitos e problemáticas da sociedade, consistia precisamente na negação da autoridade de Deus e no abandono dos princípios do Evangelho na esfera social e individual. Daí a necessidade de retornar a Cristo e restaurar a Sua paz, seguindo os seus mandatos e ensinamentos, dos quais a Igreja é mestre e guardiã. Este objetivo aparece já no lema do seu pontificado: *Pax Christi in regno Christi*. A construção do Reino de Deus e da Sua paz na terra é, para o Romano

---

<sup>98</sup> Cf. Pio X, *E Supremi Apostolatus*, 35.

<sup>99</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>100</sup> Pio X, *Motu Proprio*, *Fin dalla prima*.

<sup>101</sup> Cf. Pio X, *Il fermo propósito*.

<sup>102</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>103</sup> Cf. Pio X, *Il fermo propósito*. AAS, 1904, vol. 37, 747-748.

<sup>104</sup> Pio XI, *Carta ao Primaz de Espanha*, Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

Pontífice, uma obra de renovação que cabe ao clero e aos leigos realizar em conjunto.<sup>105</sup> Deste modo, apoiou encarecidamente o papel dos movimentos das massas católicas na Igreja, considerando-as uma força eficaz no trabalho de recristianização da moral e na propagação dos princípios cristãos na vida individual e pública. A Ação Católica deveria ser, neste sentido, um movimento de massa, independente de qualquer partido político, para a renovação da vida católica na família e na sociedade.<sup>106</sup>

Para alcançar estes objetivos, tornava-se indispensável formar os membros da ação apostólica. Para Pio XI, a tarefa da Ação Católica, não se limitava apenas à perfeição cristã pessoal, mas visada sobretudo desenvolver um verdadeiro apostolado, acessível aos católicos de todos os estados e classes. A Ação Católica, de acordo com os pressupostos de Pio XI, tornou-se um movimento internacional, embora mantendo a especificidade local em cada país. Na Europa Ocidental desenvolveram-se fundamentalmente dois tipos de Ação Católica: em França, Bélgica, Holanda e Alemanha moldou-se sobre associações eclesíásticas já existentes; em Itália, Espanha e Polónia organizou-se com base em quatro novas associações estatais, as chamadas «colunas», diferenciadas em homens, mulheres e jovens.<sup>107</sup>

Devemos, contudo, referir que na Polónia o modelo italiano foi adotado gradualmente e só se estabeleceu definitivamente em 1934. Até então, na maioria das dioceses polacas, a Ação Católica baseou-se nas associações eclesíásticas já existentes. Este tema será desenvolvido no próximo ponto. Acerca do magistério de Pio XI sobre a ação social da Igreja e as questões relacionadas com a justiça e a caridade nos debruçar-nos-emos no próximo capítulo.

## 2.2. O DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO CATÓLICA NA POLÓNIA

O desenvolvimento de várias organizações eclesíásticas na Polónia foi condicionado por uma situação política, legal, económica e eclesíastica, diferente no seu território dominado por três potências diversas, até o fim da I Guerra Mundial. Como é evidente, mesmo com a restauração da Polónia como país e o restabelecimento da sua autonomia, a população polaca apresentava-se heterogénea no seu território, quer do ponto de vista do desenvolvimento

---

<sup>105</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>106</sup> Carta dirigida a Steenberg-Engering, presidente da União Internacional de Mulheres Católicas em Haia, de 30 de julho de 1928: «A participação dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja para a defesa dos princípios da religião e da moral e o desenvolvimento de uma ação social saudável e útil sob a orientação da hierarquia eclesíastica, acima e independentemente de todos os partidos políticos com o objetivo de renovar a vida católica na família e na sociedade, Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>107</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

económico-social, quer na própria mentalidade das pessoas.<sup>108</sup>

Entre os fatores de unificação da população, a Igreja Católica jogou um papel fundamental, nomeadamente a partir da Concordata entre o Estado Pontifício e o Estado Polaco em 1925, a qual definiu as condições de existência e atividade da Igreja Católica no Estado renascido. A Concordata constituiu a base para o desenvolvimento da legislação intraeclesiástica na Polónia e contribuiu para a amenizar as diferenças na prática religiosa entre as antigas repartições.<sup>109</sup> Todavia, já na segunda metade do século XIX, associações de leigos católicos encontravam-se ativas nas partições prussianas e austríacas e, no início do século XX, também apareceram na parte russa. O principal objetivo desses movimentos era, por um lado, a consciencialização dos seus membros acerca dos assuntos religiosos, eclesiais e sociais; por outro lado, a defesa dos princípios da fé e da moral cristã.<sup>110</sup>

Na parte prussiana, a política do Estado promovia a germanização da nação polaca e a subjugação da Igreja Católica à política estatal. Isso gerou uma forte resistência de parte da sociedade que, com base na Lei Fundamental de 30 de janeiro de 1850, favorável à Igreja, tentou defender os seus direitos. Na luta pelo catolicismo, o clero polaco assumiu a liderança. O arcebispo Florian Stablewski (1891-1906) e o arcebispo Edward Likowski (1914-1915), seguindo as indicações de Leão XIII na encíclica *Rerum Novarum*, encorajaram os sacerdotes a trabalhar com o povo no plano social. Entre as diversas formas de organização, deu-se lugar a comícios católicos, criaram-se associações para trabalhadores e artesãos, e foram construídas casas católicas. Diversos párocos, por sua parte, fundaram numerosos círculos, sociedades agrícolas e desenvolveram cooperativas.<sup>111</sup>

As organizações operárias, que reuniam jovens e adultos, desenvolveram-se principalmente na parte prussiana, especialmente no Grão-Ducado de Poznań. Foram criadas também associações para fins de beneficência. Além destes, numerosos Círculos do Rosário Vivo e a Irmandade das Mães Cristãs operavam nas paróquias. O movimento organizacional dos leigos, unido ao clero, desempenhou um papel significativo na defesa e no despertar da fé na sociedade. Muitas dessas iniciativas foram formas pioneiras da Ação Católica posterior.<sup>112</sup>

A Igreja Católica polaca, sob o domínio russo, encontrava-se numa condição mais difícil do que na parte prussiana. As possibilidades para o desenvolvimento do movimento organizacional dos leigos católicos eram muito limitadas. A política do governo czarista

---

<sup>108</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>109</sup> Cf. Henryk Olszar, «Kościół w okresie międzywojennym (1918-1939)», *Symposium* 1(12) 2004: 7-8, acedido a 1 de abril de 2022, [http://dlibra.kul.pl/Content/37344/42718\\_Olszar--Henryk---Ko\\_0000.pdf](http://dlibra.kul.pl/Content/37344/42718_Olszar--Henryk---Ko_0000.pdf).

<sup>110</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>111</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>112</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

visava a completa subjugação da Igreja e a russificação da sociedade polaca. Do ponto de vista legislativo, aqui os católicos polacos foram privados de qualquer forma de defesa. Por isso, qualquer tentativa de organização em defesa do catolicismo estava destinada ao fracasso. A Igreja católica polaca conheceu, durante esses anos, uma verdadeira perseguição, que afetou principalmente o clero. Vários bispos foram exilados para as áreas mais periféricas da Rússia, bem como o clero paroquial que empreendesse qualquer tipo de atividade patriótica.<sup>113</sup>

Apesar da hostilidade da política czarista, também nesta partição foram-se lentamente desenvolvendo organizações eclesiais e sociais fruto da iniciativa do clero e dos fiéis, bem como de congregações religiosas ocultas, como as que foram fundadas pelo padre Honorat Koźmiński. Maiores oportunidades para o desenvolvimento da ação social-católica surgiram somente a partir de 1905. Foi então que o movimento social-cristão começou a desenvolver-se, agrupando os leigos católicos sob o patrocínio dos padres. O principal organizador foi o padre Marceł Godlewski, sob cuja iniciativa, a 8 de dezembro de 1905, foi criada a Associação dos Trabalhadores Cristãos. A associação realizou inúmeras ações em campo religioso, profissional, cultural e educacional em grande parte do território. Naquela época, foi instituída no Reino da Polónia a União Social-Católica, uma associação de católicos, cujo objetivo era promover, sob a orientação do clero, os ensinamentos de Cristo nos diversos âmbitos da sociedade. Tais associações surgiram principalmente nas dioceses de Lublin, Płock e Włocławek. No entanto, não conseguiram expandir as suas atividades em maior escala, devido à eclosão da Primeira Guerra Mundial.<sup>114</sup>

As condições da Igreja e da comunidade católica polaca na Galiza eram mais favoráveis, comparadas à parte prussiana e russa. Nesse território, governado pela Áustria católica, os polacos gozavam de liberdade, não só do ponto de vista religioso, como também social, económico e cultural. Graças a isso, a Galiza, entre os séculos XIX e XX, não era apenas um pilar da cultura polaca, mas também um polo vivo de atividade religiosa, eclesiástica e social. Deste modo, o clero polaco e as organizações eclesiásticas puderam exercer uma maior influência sobre as massas católicas do que em outras partes do território.<sup>115</sup>

As formas de organização e movimentos católicos, que deitaram os alicerces para o desenvolvimento da Ação Católica na Polónia, conheceram o seu maior desenvolvimento quando esta conquistou a independência. Os católicos constituíam 3/4 da população total da

---

<sup>113</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>114</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>115</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

Polónia. Entre os principais documentos legislativos que garantiam a liberdade de expressão religiosa, foram fundamentais: a Constituição de 17 de março de 1921; a Concordata, celebrada entre o Vaticano e a Polónia de 10 de fevereiro de 1925; a Constituição de 23 de abril de 1935. Estes documentos proporcionaram à Igreja uma posição de liderança entre outras religiões.<sup>116</sup>

Finalmente, após a reorganização das dioceses, sancionada pela bula *Vixdum Poloniae Unitas* de 28 de outubro de 1925, e o estabelecimento de relações jurídicas com o Estado, a Igreja pôde dar novos passos para a plena integração da vida religiosa e eclesial na Polónia. Além das circunstâncias acima mencionadas, também foram favoráveis o crescimento numérico do clero e a profunda ligação da tradição nacional ao catolicismo. Entre as atividades no campo pastoral e educacional realizadas pela Igreja na Polónia restaurada, a Ação Católica foi uma das mais significativas. Nela, o Episcopado viu um fator de integração do catolicismo e de unificação entre as suas diversas formas de organização. A Ação Católica, como forma de organização universal, constituiu para o Episcopado um precioso instrumento para a Igreja influenciar os âmbitos social e o político, para ali introduzir sobretudo os princípios éticos cristãos. Face à influência do secularismo e das ideias esquerdistas na vida social, o campo da educação pública representava o principal objetivo de apostolado da Ação Católica.<sup>117</sup>

Entre as organizações diretamente relacionadas com a gênese da Ação Católica na Polónia, destacam-se principalmente: a União Católica no Reino da Polónia,<sup>118</sup> a União das Mulheres Católicas, a Associação da Juventude Polaca (SMP), os Sodalícios Marianos<sup>119</sup> e a Liga Católica. Precisamente a Liga Católica é considerada a antecessora da Ação Católica na Polónia.<sup>120</sup>

Por sua vez, a Liga Católica diferenciava-se no país em dois tipos: as ligas do tipo Poznań (Katowice, Cracóvia, Lviv e Pelplin), estabelecida em 1920, e a Liga do tipo Varsóvia (nas dioceses do antigo Reino do Congresso), instituída em 1926. O objetivo desta Liga era: «espalhar a consciência religiosa e aplicar os princípios católicos na vida, e cuidar da causa e

---

<sup>116</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>117</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>118</sup> O Reino da Polónia, ou o Reino do Congresso, um estado estabelecido em 1815 pela decisão do Congresso de Viena das terras do Principado de Varsóvia (sem região de Poznań) como uma monarquia conectada por uma união pessoal com a Rússia, Cf. *Encyklopedia PWN.pl – Królestwo Polskie*, acessado a 16 de maio de 2022, <https://encyklopedia.pwn.pl/szukaj/Kr%C3%B3lestwo%20Polskie.html>.

<sup>119</sup> Sodalícios Marianos - As associações religiosas católicas que promovem a devoção mariana, Cf. *Encyklopedia PWN.pl – Sodalicje Mariańskie*, acessado em 06.06.2022, <https://encyklopedia.pwn.pl/szukaj/sodalicje%20maria%C5%84skie.html>.

<sup>120</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

da ação católica».<sup>121</sup>

No entanto, a Liga Católica na Polónia não era uma organização uniforme. Nas dioceses individuais, operava com base em seus próprios estatutos, e seus líderes não procuravam um acordo entre si para chegar a um programa de trabalho uniforme. Só após a publicação da encíclica *Ubi arcano* de Pio XI, se deu uma verdadeira tentativa de unificação dos seus métodos.<sup>122</sup>

Atendendo às instruções do Papa Pio XI, foi instituída, em 1925, a Comissão Organizadora da Ação Católica da Arquidiocese de Varsóvia, que criou o estatuto da Liga Católica, baseada nos estatutos da Ação Católica em Itália. Resoluções relevantes a esse respeito foram adotadas pelo Congresso Católico Nacional em 28 e 30 de agosto de 1926, em Varsóvia. O Congresso indicou formas específicas para a aplicação das diretrizes Papais na Polónia. O padre Józef Gawlina propôs que a Ação Católica baseasse as suas estruturas organizacionais em quatro organizações estatais: homens, mulheres, jovens masculinos e jovens femininos.<sup>123</sup>

A 7 de março de 1927, foi organizado em Varsóvia o Curso de Instrutores da Liga Católica, graças ao pedido do padre Gawlina de assumir o modelo da Ação Católica Italiana na Polónia. Seguindo as resoluções do Congresso Católico e do Curso de Instrução em Varsóvia, as Ligas começaram a tornar-se mais organizadas, baseadas nos princípios da Ação Católica Italiana, primeiro na Arquidiocese de Varsóvia e depois nas dioceses vizinhas.<sup>124</sup>

No entanto, nem todas as dioceses do país adotaram o modelo da Ação Católica italiana. Onde havia ligas do tipo Poznań, não foram introduzidas novas formas organizacionais. Entre os ativistas católicos continuava-se a discutir acerca da forma adequada da Ação Católica para a Polónia. Cada diocese desenvolveu os seus próprios estatutos para as Ligas estabelecidas, e apenas um nome comum foi adotado: «Liga Católica».<sup>125</sup>

O Papa Pio XI, consciente dessa falta de coesão na Ação Católica polaca, na sua visita *ad limina*, convidou o episcopado polaco a moldar a Ação Católica sobre o exemplo italiano. O Cardeal Hlond, como representante de Pio XI, foi encarregue de realizar esta tarefa de forma independente à política.<sup>126</sup>

A Comissão da Ação Católica, de 18 a 19 de fevereiro de 1929, estabeleceu novas

---

<sup>121</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>122</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>123</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>124</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>125</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>126</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

formas de organização da Ação Católica na Polónia, incluindo: Ação Católica Paroquial (PAK<sup>127</sup>) e o Instituto Diocesano da Ação Católica (DIAK). A partir de então, a Ação Católica no país passou a ser gerida pela Comissão Episcopal. O seu órgão executivo funcionava na Sede Nacional, em Varsóvia. Contudo, às dioceses concedia-se a liberdade de organizar a Ação Católica e trabalhar de forma autónoma no PAK e no DIAK. Cada Ordinário poderia constituir associações eclesiais ligadas à Ação Católica segundo seus próprios critérios. Esse método de criação da Ação Católica durou até 1934, ou seja, até à sua reorganização.<sup>128</sup>

A elaboração e a fixação de um estatuto para a Ação Católica na Polónia foi um processo lento e complexo. Só depois de um ano da sexta edição, foi finalmente aceite, por unanimidade da Comissão Geral, o estatuto elaborado pelo Primaz Hlond, sendo reconhecido como obrigatório no país. Este estatuto da Ação Católica Polaca (Estatuto Constitucional da Ação Católica, Poznań-Varsóvia-Vilnius-Lublin 1930) foi em seguida aprovado por Pio XI, através duma carta da Secretaria de Estado de 27 de novembro de 1930. Segundo o Estatuto:

«A tarefa da Ação Católica na Polónia é unir, organizar e desenvolver as associações católicas para fins do apostolado leigo, ou seja, aprofundar e difundir, implementar e defender os princípios católicos na vida de cada pessoa, família e sociedade, de acordo com os ensinamentos da Igreja Católica e as orientações da Santa Sé (Artigo 1); o santo padroeiro da Ação Católica na Polónia é S. Wojciech; a celebração principal é a festa de Cristo Rei (Art. 2); A Ação Católica está acima e além dos partidos políticos (art. 3); A Ação Católica na Polónia depende do Episcopado, que é dirigido pela Comissão Episcopal para a Ação Católica (art. 4)».<sup>129</sup>

O Instituto Diocesano (ou arquidiocesano - AIAK) de Ação Católica era responsável pelas Ações Católicas Paroquiais, que eram as unidades organizacionais menores desta ação. O PAK tinha a sua diretoria, que incluía: o presidente, eleito pelo pároco e aprovado por três anos pela AIAK, o vice-presidente e o secretário, eleito entre os membros da diretoria, e os presidentes das organizações admitidas pela Ação Católica. Todos os membros do conselho exerceram as suas funções durante três anos. O assistente numa PAK era pároco desta paróquia ou um padre, nomeado pelo ordinário. O objetivo do PAK era dirigir a Ação Católica na paróquia, em consulta com o DIAK e com base no Regulamento aprovado por

---

<sup>127</sup> Todas abreviaturas relacionadas com Ação Católica na Polónia estão escritas em língua polaca.

<sup>128</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>129</sup> *Statut Konstytucyjny Akcji Katolickiej w Polsce oraz Regulaminy*, (1930: Księgarnia św. Wojciecha, Poznań, Warszawa, Wilno, Lublin), 5, acedido a 01 de junho de 2022  
<http://dlibra.umcs.lublin.pl/dlibra/publication/15100/edition/26213/content>.

este Instituto.<sup>130</sup>

O Estatuto Constitucional da Ação Católica também previa a criação de estruturas intermediárias entre o DIAK (AIAK) e o PAK, na forma da Ação Católica Decanal (DAK). As estruturas organizativas da Ação Católica incluíam, além dos institutos DIAK, PAK e DAK, diversas organizações ou associações. Na primeira fase de organização da Ação Católica (1930-1934), cada Ordinário podia incluir qualquer associação eclesial na Ação Católica. Por exemplo, na Arquidiocese de Lwów, o Arcebispo Bolesław Twardowski juntou à Ação Católica as seguintes associações: a Liga Católica Arquidiocesana, a Associação da Juventude Masculina e Feminina Polaca (SMP), a Associação da Juventude Académica, a União Católica das Mulheres Polacas (KZP) e a União da Inteligência Católica (ZIK). O PAK foi estabelecido aqui principalmente inspirando-se em três organizações eclesiais já ativas: o Rosário Vivo, a Associação Polaca de Jovens Masculinos (é precisamente a essa Associação de Jovens Masculinos que pertencia num período Józef Ulma), e Femininos, a Liga Católica, o Apostolado da Oração e outras associações paroquiais católicas.<sup>131</sup>

O Estatuto Constitucional garantiu a autonomia das organizações da Ação Católica e o livre desenvolvimento de suas atividades, sob a direção de suas autoridades e com base nos seus próprios estatutos. O art. 20 estabelecia que as organizações católicas associadas ao decanado e à paróquia, fossem obrigadas a formar os seus membros para o apostolado leigo nos setores estabelecidos pela Ação Católica e participar nas obras e manifestações católicas. A direção do Instituto Diocesano de Ação Católica favoreceu a imprensa, nomeadamente com a criação de revistas, como instrumento de unificação e ligação entre as diversas unidades no decanado e nas paróquias.<sup>132</sup>

### 2.3. A AÇÃO CATÓLICA NA POLÓNIA NO ANOS '30 DO SÉCULO XX

Na primeira fase da organização da Ação Católica na Polónia (1930-1934), os Ordinários diocesanos podiam incluir qualquer associação eclesial. Todavia, a falta de regras jurídicas regulamentadas dificultou a centralização da Ação Católica na Polónia, o que em algumas dioceses, deu origem a disputas entre os Institutos Diocesanos de Ação Católica e as

---

<sup>130</sup> Cf. *Statut Konstytucyjny Akcji Katolickiej w Polsce oraz Regulaminy*.

<sup>131</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>132</sup> Por exemplo: na diocese de Katowice, *Ação Católica na Silésia* (desde 1937); na Arquidiocese de Lviv, civ. derramar. *Voz da Ação Católica da Arquidiocese de Lviv* (desde 1935); na diocese de Lublin Ogniwo (desde 1933); na Arquidiocese de Poznań, *Relatórios do Instituto da Ação Católica da Arquidiocese* (desde 1931); na Arquidiocese de Varsóvia, *Boletim de Ação Católica da Arquidiocese de Varsóvia* (desde 1931), Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

organizações específicas.<sup>133</sup>

A unificação das associações que integram a Ação Católica foi preparada pelo Congresso Nacional da Direção da Ação Católica, que teve lugar em Cracóvia, de 5 a 6 de fevereiro de 1934, graças a um projeto elaborado pelo Primaz Hlond. Em março do mesmo ano, os Estatutos foram aprovados pela Comissão Jurídica do Episcopado. A 19 de junho, os Estatutos foram finalmente aprovados pela Conferência Plenária do Episcopado. Isso proporcionou a unificação legal da organização da Ação Católica na Polónia. Com base nos novos Estatutos, estabeleceram-se quatro associações, as chamadas «Colunas»: a União Católica dos Maridos (KZM) com sede em Varsóvia, a União Católica das Mulheres (KZK), a União Católica da Juventude Masculina (KZMM) e a União Católica da Juventude Feminina (KZMŻ) com a sede em Poznań. Todos esses grupos trabalhavam sob a supervisão do Ordinário do lugar.<sup>134</sup>

As associações diocesanas tinham, por sua vez, quatro filiais nas paróquias. A filial era a unidade mais pequena nas estruturas da Ação Católica e a que desempenhava diretamente as tarefas da Ação Católica no terreno.<sup>135</sup>

As Associações de Jovens podiam ser integradas por católicos entre os 14 e os 30 anos de idade. Entre os seus membros encontravam-se solteiros e membros de associações de maridos e mulheres. Aos candidatos a membros das associações exigia-se uma profunda prática religiosa, a observância dos princípios da moral e da disciplina cristã.<sup>136</sup>

As estruturas organizativas da Ação Católica diocesanas eram constituídas por duas instituições estreitamente relacionadas: institutos (DIAK, PAK e DAK) e associações, cujos ramos realizavam trabalhos apostólicos concretos nas paróquias. A ligação e a relação entre os institutos e as associações eram garantidas pelos Conselhos da Ação Católica: o Conselho Geral, a nível nacional, e o Conselho Diocesano. Tais Conselhos discerniam as questões e tarefas da Ação Católica, bem como a maneira de formar os seus membros. A estrutura organizativa da Ação Católica assim concebida visava facilitar a consecução dos seus objetivos.<sup>137</sup>

O principal objetivo das associações e dos seus ramos, de acordo com o Estatuto, consistia em formar ativamente os seus membros, preparando-os para o apostolado individual e coletivo de Cristo e difundir os princípios católicos em todas as áreas da vida e da cultura. A regra exigida era o aprofundamento da fé, da doutrina católica e da moral cristã. Vivendo em

---

<sup>133</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>134</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>135</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>136</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>137</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

primeira pessoa esses princípios, os membros da Ação Católica deviam difundir o espírito apostólico católico, desenvolvendo ações caritativas, culturais e educativas, socioeconômicas e profissionais, por meio de: práticas religiosas, encontros, conferências, reuniões, manifestações, etc. Os meios utilizados para a realização deste trabalho apostólico eram: centros comunitários, bibliotecas, salas de leitura, rádio, passeios turísticos, música, pavilhões desportivos, etc. Grande importância foi também dada aos símbolos das organizações que ajudavam a criar, aumentar e consolidar a consciência da identidade própria destas organizações e dos seus membros: estandarte, hino, uniforme e condecorações.<sup>138</sup>

Como foi anteriormente referido, a reorganização da Ação Católica na Polónia em 1934, permitiu a colaboração de outras associações eclesiais. Os princípios desta cooperação foram estabelecidos na Instrução para as Associações e Obras Auxiliares da Ação Católica na Polónia. As organizações que não pertencessem diretamente à Ação Católica podiam cooperar com ela, mantendo a sua autonomia enquanto associações auxiliares, desde que adequassem a sua atividade aos programas gerais da Ação Católica a nível nacional, diocesano e paroquial. Estas associações auxiliares da Ação Católica dividiam-se em três categorias principais: associações e obras de santificação dos membros (por exemplo, as Ordens Terceiras, Fraternidades e Confrarias); associações e obras de caridade cristã (por exemplo, a Associação das Senhoras de São Vicente de Paulo), e associações e obras de natureza cultural, social e profissional (por exemplo, organizações do âmbito da intelectualidade). Todas essas organizações eram associadas à Ação Católica pelo DIAK, com o consentimento do Ordinário.<sup>139</sup>

A formação dos membros das várias associações compreendia seis áreas de inserção, através de atividades específicas:

1) Educação religiosa e intelectual: participação na Missa e nos outros sacramentos, orações, serviços eclesiais, retiros,<sup>140</sup> procissões e peregrinações. Para aprofundar a sua espiritualidade e conhecimento religioso, era previsto o estudo da Bíblia, do Catecismo e do ensino dos Papas, da liturgia, bem como a leitura de revistas e jornais publicados pelo Instituto Nacional (NIAK) e Diocesano (DIAK);

2) Educação cultural através de conferências, reuniões, comícios, cursos, manifestações públicas e assessoria jurídica. A Ação Católica procurou educar os seus

---

<sup>138</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>139</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>140</sup> Numa revista da Ação Católica da diocese de Lublin, intitulada *Ogniwo* lemos: «Se queremos ter apóstolos leigos, devemos prestar atenção à escola em que serão educados. Os retiros são uma escola que desenvolve o amor de Deus e a vida sobrenatural [...] São a mesma escola de apostolado secular» (*Ogniwo*, 1934 n.º 6-7, 3-4), Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

membros não apenas para serem católicos ativos e zelosos, mas também para serem bons cidadãos;

3) Educação dos líderes e dos vários membros por meio de palestras, leituras, escuta da rádio, visitas a monumentos, a museus ou a exposições;

4) Eventos culturais: música, canto, concertos, academias e várias formas de passatempo

5) Organização: dos centros comunitários, das férias, casas populares e salas de reuniões, pavilhões para educação física;

6) Símbolos organizacionais: bandeira, uniforme, hino e condecorações;<sup>141</sup>

Nas zonas rurais não era fácil manter esse nível cultural, uma vez que, além de professores e latifundiários, geralmente não havia outra classe de pessoas instruídas que pudesse exercer cargos de direção responsável nas filiais das associações. O aprofundamento do conhecimento religioso e cultural tornou-se um verdadeiro desafio para a Ação Católica. Nesse sentido, uma das iniciativas mais relevantes foi a criação do Instituto Superior de Cultura Religiosa estabelecido nas dioceses. Tal instituto foi criado em 1937, em Lviv. O seu objetivo, de acordo com o Estatuto, era a formação dos militantes da Ação Católica através do aprofundamento da religião e da moral católica, atualizando-os acerca das questões católicas e dos problemas sociais.<sup>142</sup>

Por sua vez, as Universidades Populares Católicas tiveram um papel significativo na educação juvenil. Essas universidades começaram a ser criadas por iniciativa da Ação Católica em 1938. Um papel importante teve a Universidade do Povo de Gać, perto de Przeworsk, dirigida pela organização “Wici”. O principal objetivo das Universidades Populares Católicas era educar os jovens, especialmente os do campo, para serem líderes da Ação Católica e promover a difusão dos princípios católicos nos meios rurais.<sup>143</sup>

### **2.3.1. COOPERAÇÃO DA AÇÃO CATÓLICA COM A PASTORAL PAROQUIAL NA POLÓNIA NO PERÍODO ENTRE GUERRAS**

Todo esse processo se apresentava como uma resposta sólida e eficaz ao apelo do Papa Pio XI, o qual, em 1928, definira a Ação Católica como «a participação dos leigos no

---

<sup>141</sup> *Statut KSM, KSK, KSMM i KSMŻ*, Poznań 1934, art. 6, Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>142</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>143</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

apostolado hierárquico da Igreja para defender os princípios da religião e da moral, e desenvolver uma ação social saudável e útil sob a liderança da hierarquia da Igreja [...] com o objetivo de renovar a vida católica na família e na sociedade».<sup>144</sup>

No que diz respeito à organização do trabalho, todos os anos foram estabelecidos slogans para a Ação Católica, que definam o programa de ação para aquele ano. A primeira proclamação solene do lema ocorreu na festa de Cristo Rei, no último domingo de outubro. A partir de 1931, o Episcopado anunciou os seguintes slogans para a Ação Católica:<sup>145</sup>

- 1931/1932: O reinado de Cristo na família;
- 1932/1933: Luta contra a indecência das imagens e a pornografia;
- 1933/1934: Aniversário da vitória vienense como apelo à luta contra o paganismo moderno;
- 1934/1935: Jubileu da Redenção, como apelo à vida interior e à regeneração espiritual da sociedade;
- 1935/1936: A família à luz da Lei natural, da Revelação e do ensinamento da Igreja;
- 1936/1937: O Espírito de Cristo na escola e na educação, como base para a reconstrução das nações;
- 1937/1938: Princípios sociais católicos, como base da reconstrução social do mundo;
- 1938/1939: Conhecimento e implementação das resoluções do Primeiro Sínodo Plenário com a nobre missão do catolicismo polaco;
- 1939/1940: Tarefas da cultura católica na Polónia.

Para percebermos a importância, o impacto e a influência social que Ação Católica pretendia ter, devemos ainda referir a promoção de manifestações católicas e celebrações de feriados patronais promovidos pelas associações, tal como: a Festa do Sagrado Coração de Jesus (KSM), a Anunciação da Bem-Aventurada Virgem Maria (KSK), São Stanisław Kostka (KSMM), a Natividade da Bem-Aventurada Virgem Maria (KSMŻ), o aniversário da Coroação do Santo Padre e da Solenidade de Cristo Rei. As celebrações das festas patronais, sobretudo nos ramos das associações juvenis, eram muitas vezes celebradas com retiros, considerados como a forma mais eficaz de recrutamento de membros da Ação Católica.<sup>146</sup>

Os lemas e programas da Ação Católica inspiravam os seus membros à prática da atividade apostólica na comunidade a nível coletivo e individual. O apostolado coletivo consistia na realização conjunta de tarefas apostólicas. Os seus membros participavam nas celebrações das festas eclesiais e feriados da paróquia; preparavam o seu cenário externo,

---

<sup>144</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*; AAS 1928, vol. 20, 385.

<sup>145</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>146</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

por exemplo: o presépio para o Natal, a procissão da ressurreição para a Páscoa e a procissão eucarística do *Corpus Christi*. Os membros das filiais KSMŻ e KSK distribuíam palmeiras antes do Domingo de Ramos e decoravam a o espaço que representava a Sepultura de Jesus, enquanto os membros das filiais KSMM e KSM ajudavam os padres a organizar retiros quaresmais para jovens que trabalhavam na indústria e no comércio. Todos os ramos das associações participaram ativamente nas celebrações da Semana Santa e em várias outras celebrações litúrgicas durante todo ano, organizando cabazes (*Święconki*) para serem distribuídos aos pobres. Em maio, os membros da KSMŻ e da KSK preparavam canções e vésperas marianas, e, antes da celebração da Primeira Comunhão, ensinavam o Catecismo às crianças; costuravam vestidos para meninas, ajudando-as a preparar-se para a Primeira Comunhão com o jejum eucarístico.<sup>147</sup>

Na maioria das filiais da KSMŻ e KSK havia secções separadas que realizavam tarefas específicas. Por exemplo, nas filiais de Lwów, as secções de catequese KSK ensinaram às crianças as verdades da fé, orações e cânticos. As Secções Eucarísticas preparavam a adoração para o primeiro Domingo do mês e para a Semana Santa. As Secções da Igreja envolviam-se na preparação de pessoas que viviam em situação irregular, para o sacramento do matrimônio; cuidavam da limpeza e da decoração da igreja e costuravam paramentos litúrgicos. Além disso, cuidavam das cruzes situadas à beira das estradas e das pequenas capelinhas e cemitérios. Em ocasião da festa da Sagrada Família, organizavam encontros familiares. Em algumas paróquias as mulheres prestavam serviço permanente no escritório e distribuíam publicações religiosas. As Secções da Igreja ajudavam ainda os párocos a restaurar ou construir novas Igrejas e capelas.<sup>148</sup>

Uma forma popular de orações coletivas era a Entronização – ou Consagração – ao Sagrado Coração de Jesus como Rei da família. Esta devoção pretendia ser um instrumento eficaz para a introdução das práticas religiosas na vida das famílias. O programa de Entronização previa: catequeses para a transmissão dos ensinamentos da Igreja, a prática da Confissão, a participação na Missa, concluindo com a bênção do Santíssimo Sacramento e a consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Através desta devoção e das procissões, pretendia-se marcar a presença da Igreja em diversas instituições estatais como: o orfanato, a escola e a Sala de Leitura do Povo, dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus.<sup>149</sup>

Podemos dizer que as atividades acima referidas faziam parte dum sólido programa de evangelização das massas e de inculturação em todos os âmbitos da sociedade.

---

<sup>147</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>148</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

<sup>149</sup> Cf. Leszczyński, *Akcja Katolicka dawniej i dziś*.

## 2.4. CONFRONTO ENTRE A AÇÃO CATÓLICA E OS MOVIMENTOS POLÍTICOS RURAIS

Como está referido no primeiro capítulo, Ulma pertenceu primeiro à Associação Católica da Juventude Masculina, que era uma das quatro «colunas» da Ação Católica, e depois passou a colaborar ativamente na União da Juventude Rural da Polónia “Wici”, como bibliotecário e fotógrafo. Foi precisamente esse envolvimento com a União “Wici” a causa do áspero confronto com o pároco de Markowa, que qualificava tal movimento como de esquerda e, até, socialista.<sup>150</sup> Porquê? À luz dos documentos procurados para tentar de dar alguma resposta a esta questão – apesar de ser difícil encontrar uma solução clara e definitiva – percebemos, pelo menos, que o surgimento e a difusão dos movimentos católicos de ação social na Polónia não foram um fenómeno isento de debates e confrontos acesos.

Não conhecemos com precisão em que argumentos o pároco de Markowa se baseava para afirmar, que a União “Wici” fosse uma facção comunista ou socialista – com toda a conotação negativa que pudesse atribuir ao termo. Todavia, esse confronto mostra que o surgimento e a difusão dos movimentos católicos na Polónia foi um fenómeno que suscitou fortes debates. Para oferecer uma ideia acerca da gravidade, a nível nacional desses debates, apresentamos em seguida alguns pontos de um livro, que era, no fundo, um conjunto dos várias artigos, da autoria de Józef Bełch, intitulado *Wici Marksizm Wiejski* (Wici Marxismo da Aldeia), publicado em Londres em 1943, mas artigos foram apresentados numa revista mensal chamada “*Ruch Katolicki*” *organu Akcji Katolickiej z Polsce* (Revista mensal “Movimento Católico” órgão da Ação Católica Polaca).<sup>151</sup>

Não sabemos se o pároco de Markowa em questão terá tido acesso direto a esse documento específico. Compreendemos, contudo, que alguns ambientes da Ação Católica entraram em colisão com certas associações de ação social, como é o caso da União “Wici”, embora estas se qualificassem como católicas ou fossem integradas por membros de confissão católica.

O documento de Józef Bełch, conforme afirma o mesmo autor, seria uma reimpressão de vários artigos publicados no principal órgão de imprensa da Ação Católica na Polónia, o mensal *Ruch Katolicki*, publicado em Poznań, em 1937. No entanto, este não seria o primeiro trabalho realizado sobre o assunto. Em 1936 tinha sido publicado um conjunto de estudos na

---

<sup>150</sup> Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulmy*, 29.

<sup>151</sup> Józef Bełch, «*Wici Marksizm Wiejski*», F. Mildner & Sons, Herbal Hill Clerkenwell E.C.1, Londres, 1943, 6, acedido a 18 de junho de 2022. Na primeira pagina com título, Młodowiejski é um pseudónimo, mas o verdadeiro apelido do autor é Bełch.

<https://kpbk.umk.pl/dlibra/publication/213969/edition/217278/content>

revista mensal *Prąd*, pela Universidade Católica de Lublin. Esta mesma Universidade, em 1938, publicou um grande livro chamado *Wici, agraryzm, siew*. O propósito deste livro seria, segundo os autores, alertar a sociedade polaca e influenciar a opinião pública acerca da real essência e dos objetivos políticos dessa «misteriosa organização», que era a União “Wici”.<sup>152</sup>

Segundo Józef Bełch, a crise económica e social em Polónia confinou grande parte da população rural na pobreza. Esta situação de crise, fora ainda agravada pelos seguintes fatores: superpopulação, desorganização social, falta da educação necessária, exploração da agricultura com o aumento vertiginoso dos preços, anarquia e colapso do trabalho educacional e social. Estas conjunturas arrastaram a população para as lutas partidárias, o que criou um terreno fértil para o surgimento de movimentos sociais radicais.<sup>153</sup> Com efeito, frente a esta situação, a população rural não ficou sem reação. Pelo contrário, procurava saídas, explorava tendências sociais, lia livros e jornais com avidez, ansiando por um sistema político e económico justo que favorecesse um melhoramento das condições de vida.<sup>154</sup> Ora, segundo muitos membros da Ação Católica, conforme afirma o autor deste documento, diversos movimentos políticos aproveitaram-se dos anseios da população rural e, com o enganoso pretexto de representarem os interesses da juventude rural, criaram movimentos e associações, a fim de manipular as massas juvenis e, assim, apropriar-se do monopólio exclusivo dessas organizações, combatendo fanaticamente outras associações já existentes. Entre tais associações, emergiram com maior relevo a Associação da Juventude Rural R. P. “Wici” e o movimento de *Siewowy* (semear), organizado dentro da Associação Central da Aldeia Jovem.<sup>155</sup> Estas duas organizações teriam uma visão semelhante do mundo, os mesmos princípios económicos e sociais, e também uma atitude semelhante em relação à religião e à Igreja. Apenas se diferenciariam no que diz respeito ao disfarce político que adotaram. O Sindicato da Juventude Rural R. P. “Wici” é, para o autor, essencialmente uma organização de oposição.<sup>156</sup>

O autor explica que a génese da União da Juventude Rural R. P. “Wici”, remonta a 29 de junho de 1928, como resultado de uma cisão interna na Central da União da Juventude Rural, devido ao facto de se introduzirem ambições políticas entre os membros que pretendiam chegar ao poder. Assim, desde o seu início, a União “Wici” encontrou o apoio do Partido Popular e, graças a isso, começara a desenvolver-se em todo o país, muitas vezes sob a forma

---

<sup>152</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 3.

<sup>153</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 5.

<sup>154</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 5.

<sup>155</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 5.

<sup>156</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 5.

de sindicatos. Tais sindicatos ou organizações, atuavam em diversas regiões da Polónia.<sup>157</sup>

Por sua vez, a União da Juventude Rural R. P. incluía Associações Provinciais individuais, organizadas em forma de federação. Todos os sindicatos “Wici”, eram animados por uma mesma ideologia, fortemente propagada em livros, revistas, cursos universitários, como por exemplo na Universidade Popular em Gać. Os ativistas mais emblemáticos eram: Bolesław Babski, Józef Niecko, Ignacy Solarz (diretor da Universidade Popular em Gać), Jan Domański, Stanisław Miłkowski, Wojciech Skuza e Stanisław Młodożeniec, Leon Lutyk, Piotr Świetlik, S. Ignar, Jan Jaworski, Jan Dusza, Tadeusz Rek, entre outros. Todo movimento seria manipulado pelo professor doutor Stanisław Kot. Os ativistas mais proeminentes, chamados de «padrinhos», desempenhavam o papel de instrutores, docentes de cursos, patrocinadores da propaganda “Wici”.<sup>158</sup>

Deste modo, a organização promoveu um conjunto de atividades educativas e culturais (através de revistas, folhetos, livros, bibliotecas, cursos) para doutrinar e manipular os seus numerosos adeptos, especialmente a classe juvenil, segundo a sua ideologia sociopolítica e económica. O autor do artigo que estamos a referir, chama particularmente a atenção para a Universidade do Povo na aldeia de Gać. Sob esse disfarce cultural – afirma o autor – cursos lecionados por esta universidade visavam treinos de ativistas rurais emblemáticos. No trabalho educativo, através de palestras e reuniões, foi desenvolvida uma forma de discussões sobre os assuntos da atualidade. Todos os grandes acidentes, correntes e problemas sociais eram imediatamente discutidos, analisados em detalhe, do ponto de vista do “Wici”. No mesmo tom revolucionário, além dos problemas socioeconómicos, os membros punham seriamente em questão a utilidade da religião católica, dos sacramentos – especialmente o da Confissão e o casamento cristão –, e, por fim, a própria existência de Deus.<sup>159</sup>

Segundo Józef Bełch, os membros da União “Wici” acreditavam no poder ilimitado da razão humana e da erudição que, na sua ideologia, excluiriam a fé, achando a profunda religiosidade do povo fruto da ignorância. Para defender esta acusação, Bełch refere diretamente alguns trechos extraídos dos discursos dos ativistas mais proeminentes do movimento acima referido. Segundo eles, afirma Bełch, «o camponês deve... acreditar no poder da razão humana e na eficácia do esforço físico e mental...», e cita, as palavras de Stanisław Liłkowski: «O seu desenvolvimento [do camponês] deve ser no sentido de tornar-se independente, tomando os seus direitos nas suas próprias mãos»<sup>160</sup>. Em seguida, refere as

---

<sup>157</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 6.

<sup>158</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 6.

<sup>159</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 6.

<sup>160</sup> Stanisław Liłkowski, *Agraryzm*, Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 6.

palavras de Tadeusz Rek, o qual ataca os princípios fundamentais da fé cristã: «Toda aldeia - diz Rek - deve redescobrir o frescor do conhecimento e libertar-se dos grilhões do dogmatismo»<sup>161</sup>. Portanto, segundo os princípios básicos da União “Wici”, a educação massiva deveria ser purificada da fé religiosa: os escritos e organizações católicos eram por ela condenados por «estupidificar o povo até ao fundo»<sup>162</sup>. Assim, as atividades promovidas por essas associações para desenvolver a vida cultural da aldeia – o teatro, poesias, canções, etc. – teriam, na realidade, um preconceito de classe. Sob esta capa, a luta de classes era promovida, as queixas do passado eram revividas e exageradas, e a luta estimulada até que o sistema vigente fosse derrubado.<sup>163</sup>

Do ponto de vista político – continua o autor - a União “Wici”, criou um partido dentro do Partido Popular, com intuito de crescer no seu interior, até o dominar, tendo já um programa político-económico bem definido e independente, tal como afirma o seu hino, citado na revista *Znicz* em 1936: «Não precisamos de poder nem de ouro, porque o nosso espírito é que nos governa, a nossa irmandade é a nossa lei»<sup>164</sup>. Para eles, com o advento do cristianismo e a fusão das pessoas no organismo estatal começou a escravidão e o domínio do homem sobre o homem. Por esta razão, condenam muito fortemente a ideia de dependência de uma regra de governo, como também qualquer forma de submissão e obediência<sup>165</sup>. Desse modo, aparentemente rejeitam o fascismo e até o socialismo russo, afirmando até que não há comunismo na Rússia. Todavia, nos programas emblemáticos propagam-se os slogans do liberalismo extremo, e até mesmo do anarquismo, nomeadamente na Universidade de Gać, como testemunha “Wici”.<sup>166</sup>

Nos princípios ideológicos da União “Wici”, a própria palavra «Estado» seria insuportável, sendo «um resquício dos tempos feudais [...] No lugar do desejo de dominação, a comunidade camponesa apresenta o princípio da cooperação cívica».<sup>167</sup> Portanto, «não o Estado, mas a comunidade cívica ativa», pois «não pode haver separação entre as autoridades e a sociedade», porque «todas as autoridades são responsáveis perante a sociedade».<sup>168</sup> Ora «todo poder resultante da militância do homem e de seus instintos possessivos não pode ser conciliado com o espírito de criação e construção pacífica». E mesmo «todas as diferenças e

---

<sup>161</sup> Tadeusz Rek - *Młoda Myśl Ludowa*, 1935, Nr. 1, 18, Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 6.

<sup>162</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 6.

<sup>163</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 7.

<sup>164</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 7.

<sup>165</sup> J. Niecko, *O wewnętrzne życie wsi*, 1-15, Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 7.

<sup>166</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 7.

<sup>167</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 7.

<sup>168</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 7.

títulos devem ser abolidos definitivamente, inclusive os títulos científicos». <sup>169</sup> Deste modo, ao lutar contra o movimento nacional, que chamam desdenhosamente de «Partido Nacional», na realidade - segundo o autor - cooperam com o socialismo. Por isso, essa "democracia" emblemática não é sincera nem verdadeira. Os expoentes da União "Wici" disfarçam-se como os «mais zelosos defensores da liberdade e da democracia, mas a sua real intenção é conquistar as massas, tomá-las em suas próprias mãos, a fim de enfraquecer o poder atual, derrubá-lo, tentar tomar o poder duma ou doutra forma». <sup>170</sup> Com o fortalecimento dos seus poderes, a ditadura do governo da "Wici" aportará «mudanças de sistema – a que habilmente os comunistas chamam de "a ditadura do proletariado" - para a expropriação de todos os proprietários (tanto os proprietários das terras como das indústrias) para o Estado». <sup>171</sup>

Józef Bełch vai mais longe e afirma:

«No entanto, após a mudança de regime e a nacionalização de todas as grandes indústrias, elas também serão forçadas a passar para o sistema comum da economia coletiva. E este é o objetivo de toda a extenuante atividade da Wici: o comunismo – tal como na Rússia, onde o Estado expropriou primeiro por lei os camponeses ricos, latifundiários e a indústria, e depois todas as pessoas. O efeito desse aumento dos poderes do executivo é a ditadura de um punhado de comunistas judeus sobre milhões de miseráveis camponeses e trabalhadores escravos!». <sup>172</sup>

Segundo esta visão, a União "Wici", longe de ser defensora da democracia e da liberdade do povo, quer introduzir a pior ditadura e tirania; interessa-se pelos direitos dos cidadãos, não para os proteger, mas sim para a sua coleção. <sup>173</sup>

Do mesmo modo, para Bełch, a União da Juventude Rural R.P. "Wici" condena veementemente o sistema baseado na propriedade privada e rejeita a tendência liberal, a economia nacional, acusando-a de ser aliada do capitalismo. <sup>174</sup> Ao mesmo tempo, rejeita firmemente a corrente social-cristã, apelidando-a de «fascismo sagrado na igreja». <sup>175</sup> A União "Wici" chegaria até a afirmar que «o único propósito de muitas encíclicas era servir, defender e preservar o capitalismo». <sup>176</sup> Rejeitando firmemente os princípios morais católicos relacionados com assuntos sociais, a União "Wici" procura promover a sua própria agenda, chamada «agraryzm». Esse organismo, que não se baseava em nenhum princípio moral cristão, extraía as suas «leis e princípios da terra», «das leis que regem a produção em

---

<sup>169</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 7.

<sup>170</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 8.

<sup>171</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 8.

<sup>172</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 8.

<sup>173</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 8.

<sup>174</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 9.

<sup>175</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 9.

<sup>176</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 9.

pequena escala», promovendo um método de agir e de pensar uma religião social, que «deve tornar-se uma filosofia completa de vida e ação, abrangendo todas as áreas da existência».<sup>177</sup>

O autor, chega à seguinte conclusão:

«Ao examinar mais de perto essa tendência, é fácil ver que não é diferente do socialismo de Karl Marx, apenas dá nomes diferentes às coisas velhas. Eslavismo, rituais, cultura folclórica, encenação, cooperativas [...] tudo isso é uma decoração de um intruso urbano estrangeiro [...] para que eles possam popularizar Marx no campo e assimilá-lo a muitos jovens e ativistas. Muitos dos jovens camponeses são marxistas, socialistas por convicção, na ideologia, nas visões sobre a vida social – mesmo sem saber».<sup>178</sup>

Deste modo, tomam como base de seu ensino a teoria socialista dos valores e da exploração, desenvolvida por Karl Marx, baseada no princípio errôneo segundo o qual só o trabalho é um título justo e todos os bens produzidos são propriedade dos trabalhadores.<sup>179</sup>

A seguir, mostraremos o ponto de vista dos membros da “Wici”, através de um artigo que encontramos na nossa investigação. Alguns elementos coincidem com o documento acima analisado, embora propostos sob uma perspectiva favorável ao movimento. Este documento é intitulado *Fenomen Wici*.<sup>180</sup> Segundo o autor deste artigo, os primórdios do movimento da Juventude Rural na Polónia, remontam ao período anterior à Primeira Guerra Mundial, isto é, à revolução dos anos 1905-1907, contra o poder da Rússia. Neste período teve um grande impacto a atividade social da juventude camponesa: foi então que grupos de teatro amador, corais e corpos de bombeiros começaram a surgir espontaneamente no meio rural. Os seus fundadores foram principalmente alunos das primeiras escolas agrícolas.<sup>181</sup>

Um passo importante para a difusão do movimento foi a criação duma nova revista, onde se torna patente o estabelecimento da União da Juventude Rural, que surge como uma organização secreta. Este movimento encontrou largo apoio nos meios agrícolas. O desenvolvimento organizacional da Associação foi interrompido, num primeiro momento, pela eclosão da Primeira Guerra Mundial. No entanto, antes do fim da Grande Guerra, em várias partes do país, os antigos movimentos começaram a reviver e criar círculos juvenis rurais, que se reuniram na Seção de Círculos Juvenis Rurais da União Central dos Círculos Agrícolas.<sup>182</sup>

As suas fileiras cresceram rapidamente, graças ao constante trabalho educativo, por meio

---

<sup>177</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 9.

<sup>178</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 9.

<sup>179</sup> Cf. Bełch, *Wici Marksizm Wiejski*, 9.

<sup>180</sup> Cf. Związek Młodzieży Wiejskiej, *Historia - Fenomen Wici*, aceso a 18 de maio 2022, <http://www.zmw.pl/article/view/44/Historia>.

<sup>181</sup> Cf. *Historia - Fenomen Wici*.

<sup>182</sup> Cf. *Historia - Fenomen Wici*.

do qual se procurava inculcar nos jovens: o apego aos princípios da democracia, a luta contra o sistema dominante e a cultura do espírito patriótico. Embora sempre tenha declarado sua neutralidade, depois de 1926 este movimento tornou-se objeto de um jogo político.<sup>183</sup>

O documento está de acordo com o anterior, quando afirma ter acontecido uma cisão interna ao Sindicato, a qual «resultou na formação da União da Juventude Rural da República da Polónia "Wici». Quase simultaneamente foi criada a União Central da Juventude Rural "Siew".<sup>184</sup> Duas datas – afirma o autor – marcaram a história da União da Juventude Rural da República da Polónia - vulgarmente conhecida como "Wici": «Em 29 de junho de 1928, quando, durante o Congresso dos Delegados dos Círculos Juvenis Rurais em Varsóvia, ocorreu o ato final de constituição dessa organização juvenil independente, que criou lideranças no campo».<sup>185</sup>

O autor continua dizendo que: «o principal objetivo da sua atividade – como consta no Estatuto – era «concordar e focar o trabalho na elevação do nível espiritual, econômico e cívico da juventude rural». Inicialmente, o Sindicato considerava-se uma organização apolítica, cumprindo apenas funções sociais, educacionais e de criação.<sup>186</sup> Neste ponto, isto é, no facto de a União “Wici” ter surgido de uma cisão interna, inicialmente sem uma configuração ou fins políticos, os dois documentos coincidem. Também coincidem quando este afirma que, todavia, em março de 1931 a União “Wici” reconheceu o Partido Popular como o único representante político do movimento.<sup>187</sup> Contudo, enquanto o documento anterior via nas atividades da “Wici” uma manipulação propagandística que se aproveitava das aspirações e anseios dos ambientes rurais para inculcar a sua ideologia marxista, revolucionária, ateia e anticatólica, este defende e apresenta positivamente as aspirações do movimento como promotor do desenvolvimento social, sobretudo para os jovens camponeses:

«Através de várias atividades dos clubes "Wici", ele ensinou os jovens aldeões a conviver no meio-ambiente, trabalhar em equipa, desenvolver um senso de respeito mútuo e igualdade, e aumentar sua consciência social [...] A principal tarefa do "Wici" era cuidar do jovem, vinculá-lo à organização e ao movimento camponês, educá-lo como um futuro ativista e patriota devoto, ativo na luta por um lugar digno e no papel de camponeses do estado».<sup>188</sup>

---

<sup>183</sup> Cf. Historia - *Fenomen Wici*.

<sup>184</sup> Cf. Historia - *Fenomen Wici*.

<sup>185</sup> Cf. Historia - *Fenomen Wici*.

<sup>186</sup> Cf. Historia - *Fenomen Wici*.

<sup>187</sup> Cf. Historia - *Fenomen Wici*.

<sup>188</sup> Historia - *Fenomen Wici*.

Ao mesmo tempo, ao expor os seus sucessos e conquistas socioculturais nos ambientes culturais, neste documento aparece uma afirmação positiva da razão – enquanto o anterior mostrava que a cultura era manipulada para difundir uma mentalidade racionalista, ateia e anticlerical:

«Igualmente, muita atenção ao trabalho ideológico e educativo dos "companheiros de esquadrão" foi dada às atividades educativas e culturais no meio rural [...] despertaram as ambições e sonhos dos jovens aldeões de tirar o campo da pobreza, criar condições de vida dignas e oportunidades para os camponeses aprenderem. As realizações mais importantes da Associação incluem sucessos na promoção da leitura. Os membros adjuntos estabeleceram o objetivo de aumentar o prestígio da profissão de agricultor na consciência pública. Disseminaram o conhecimento profissional como parte da formação agrícola. Ao organizar exposições e competições entre membros de clubes "Wici" e os sindicatos de bairro, eles encorajaram os jovens camponeses a administrar racionalmente e competir para obter melhores rendimentos e reprodução mais eficaz. Os ativistas da "Wici" também obtiveram sucesso considerável no campo do cooperativismo».<sup>189</sup>

Ao defender os ideias do movimento “Wici”, o documento fala dos princípios políticos transmitidos através das atividades culturais, o que ajudou a criar ativistas políticos clandestinos e soldados, os quais, durante a II Guerra Mundial, formaram os Batalhões Camponeses para lutarem contra a invasão alemã:

«Os anos de ocupação nazista tornaram-se um teste de patriotismo e capacidade de organização da geração de "Wici". Eles combinaram dois atributos - um soldado e um ativista político, transferindo para a organização clandestina todas as experiências adquiridas no período entre guerras. Criados em meados de 1940, por decisão da Direção Central do Movimento Popular, os Batalhões Camponeses constituíram uma espécie de fenômeno, não só nos mais de cem anos de atividade política dos movimentos camponeses, mas também na história da nação polaca. Estabelecidos pelos camponeses e liderados por estes durante a ocupação, provaram o profundo patriotismo das massas camponesas e a determinação de todo o movimento camponês em implementar a ideia de uma Polónia Popular democrática e justa. Estabelecer a sua própria força armada foi, sem dúvida, uma grande conquista do pensamento político e das habilidades organizacionais do movimento popular clandestino e, graças a estrutura militar que formou, acabou por se tornar uma das organizações mais duráveis e de desenvolvimento dinâmico do movimento de resistência».<sup>190</sup>

À luz dos textos citados, embora não se encontrem claros elementos que indiquem ateísmo ou anticlericalismo, não podemos certamente negar a carga ideológica e o carácter militante que o movimento “Wici” foi assumindo no seu desenvolvimento. Interessa-nos aqui mostrar, a partir da análise dos dois documentos, que dentro do panorama católico da ação social existiam contrastes de natureza política e ideológica. Por outro lado, tudo isso leva-nos a supor que a própria Markowa não estivesse alheia a tais contrastes e polémicas.

---

<sup>189</sup> Historia - *Fenomen Wici*.

<sup>190</sup> Historia - *Fenomen Wici*.

Provavelmente este clima controverso constituiu o pano de fundo do contraste que se verificou entre o pároco de Markowa e Józef Ulma.

Aparece, outrossim, um elemento que deixa espaço para a reflexão: enquanto o primeiro afirmava que movimento “Wici” era antissemita, a família Ulma morreu por ter acolhido e protegido hebreus, tendo sido denunciados com muita probabilidade por um polaco. Isto mostra que a realidade é sempre muito complexa, uma vez que a sociedade é constituída por pessoas concretas, com as suas experiências e convicções próprias.

### CAPÍTULO 3

#### **PIO XI FRENTE AOS TOTALITARISMOS DA SUA ÉPOCA E A INFLUÊNCIA DOS PAPAS NA IGREJA DA POLÓNIA, NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.**

Para percebermos a história da família Ulma, as bases do seu envolvimento nas questões sociais e os fundamentos da sua espiritualidade cristã, temos de compreender o seu contexto. Com efeito, no II capítulo desta dissertação mostrámos a estreita correlação e tensão entre a política e a religião, a justiça e a caridade, consciência (pessoal e social) e dever civil. Józef Ulma foi um homem altamente interessado, tanto pela vida social (política) da sua aldeia, como pela vida da fé católica. Devido ao seu sentido de justiça, opõe-se ao que é imposto pelas autoridades civis daquela época, nomeadamente aos ocupantes Nazis.

Por outro lado, vimos que na Polónia existia uma agressividade latente contra os Judeus e os seus apoiantes. Havia até muitas pessoas, inclusive entre os católicos, que apoiavam os Nazis.<sup>191</sup> Então, porque é que a família Ulma ajudou os judeus? Porque não se acomodou, nem obedeceu às ordens vigentes? Só tendo em conta esse complexo cenário sociopolítico, poderemos compreender a reação da Igreja Católica frente aos acontecimentos referidos, a questão à volta da consciência, bem como os conflitos que se geraram no interior do próprio universo católico, em geral, e na Polónia, em particular.

Deste modo, desenvolveremos este capítulo conclusivo do nosso trabalho na seguinte ordem: primeiro, apresentaremos alguns pontos fundamentais que dizem respeito à correlação entre justiça e caridade no magistério de Pio XI; depois, apresentaremos os documentos com os quais o Romano Pontífice se opõe tanto ao nazismo, como ao comunismo, a fim de compreendermos de que modo eles influenciaram a consciência da família Ulma.

---

<sup>191</sup> O tema de apoio aos nazistas ou colaboração com o ocupante alemão é muito extenso e complexo. Assim exige o estudo distinto. Mas, como um exemplo deste assunto, pode servir-nos a figura de Włodzimerz Leś, um polícia “azul-escuro”, que com grande possibilidade denunciou a família Ulma., Cf. Cf. Szpytma, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulma*, 30.

### 3.1. A JUSTIÇA E A CARIDADE NA ENCÍCLICA *QUADRAGESIMO ANNO* DE PIO XI.<sup>192</sup>

Entre as realidades que tiveram mais influência no universo católico entre o final do século XIX e o início do século XX, o fenómeno da Ação Católica ocupou certamente um lugar de relevo, encontrando o apoio dos Papas da época. O Romano Pontífice que, na linha dos seus predecessores, encorajou de maneira emblemática a Ação Católica foi Pio XI, especialmente nas encíclicas *Quadragesimo Anno*, publicada a 15-05-1931, e *Non Abbiamo Bisogno*, publicada a 29-06-1931.

É importante referir que a primeira encíclica tem como base a *Rerum Novarum*, escrita por Leão XIII quarenta anos antes, que foi pioneira não só na questão social, mas também nas questões relacionadas ao associativismo católico, aos operários e à família como princípio da sociedade humana (e por extensão, o matrimónio).<sup>193</sup>

A atualização da *Rerum Novarum* quarenta anos depois é fundamental, tendo em conta o que se tinha passado nesse período de tempo. Numa perspetiva social, as mudanças de regime que eram manifestas na Europa, fruto de um conflito bélico que mudou o mundo como até então se conhecia: a Primeira Guerra Mundial fez cair impérios e plantou os gérmes (de más compreensões) que geraram o conflito que se veio tornar na Segunda Guerra Mundial.

Ao trazer o pensamento de Leão XIII para o pensamento dos anos 30, percebe-se a grande diferença de compreensão do papel do Estado em relação à Igreja, mas também dos princípios evangélicos que, por meio dela, devem constituir a base das suas funções: na reivindicação do trabalho, na dimensão económica da justa distribuição, do salário justo e do sustento da família. Perante uma vida social e empresarial, a atenção deve ser tripartida: o sustento do operário e da sua família; a situação da empresa; e as exigências do bem comum, na inseparável correlação entre justiça e caridade. Deste modo, como tentativa de solução, Pio XI propõe uma cristianização da vida económica e social, onde a presidência é dada à lei da caridade e da justiça.

Contra o socialismo, Pio XI defende o direito à propriedade privada, afirmando que a destruição do domínio particular teria como consequência, não uma vantagem para a classe operária, mas sim, a sua ruína:

---

<sup>192</sup> Pio XI, *Quadragesimo Anno*, Cf. Documentos de Pio XI, São Paulo, 2004, 272-335; AAS 1931, vol. 23, 177-228, acedido a 6 de junho de 2022, <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-23-1931-ocr.pdf>.

<sup>193</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 1, 272; AAS 1931, vol.23, 177.

«Para vir agora ao particular, começamos pelo direito de propriedade. Sabeis, veneráveis irmãos e amados filhos, que Leão XIII, de feliz memória, defendeu tenazmente o direito de propriedade contra as aberrações dos socialistas do seu tempo, mostrando que a destruição do domínio particular reverteria, não em vantagem, mas em ruína da classe operária. Mas como não falta quem com flagrante injustiça calunie o Sumo Pontífice e a Igreja de ter zelado e zelar somente os interesses dos ricos contra os proletários, e os mesmos católicos não concordam na interpretação do genuíno e verdadeiro modo de pensar de Leão XIII, pareceu-Nos bem vingar de tais calúnias a sua doutrina, que é a católica, e defendê-la de falsas interpretações». (Pio XI, *Quadregesimo Anno* 43, 289; AAS, vol.23 (1931), 191.)

A propriedade privada diz respeito ao dúplice domínio, individual e social, isto é, ao particular e ao bem comum. Ora, o direito ao domínio particular, segundo o magistério de Pio XI, é imposto pelo próprio Criador e, portanto, pela natureza, para que o homem possa prover às suas necessidades e às da família, e para que os bens possam servir verdadeiramente o seu fim, tendo sido destinados por Deus a toda a família humana:

«Primeiramente tenha-se por certo, que nem Leão XIII, nem os teólogos, que ensinaram seguindo a doutrina e direção da Igreja, negaram jamais ou puseram em dúvida a dupla espécie de domínio, que chamam individual e social, segundo diz respeito ou aos particulares ou ao bem comum; pelo contrário foram unânimes em afirmar que a natureza ou o próprio Criador deram ao homem o direito do domínio particular, não só para que ele possa prover às necessidades próprias e da família, mas para que sirvam verdadeiramente ao seu fim os bens destinados pelo Criador a toda a família humana [...].» (Pio XI, *Quadregesimo Anno* 44, 289-290; AAS, 1931, vol.23, 191-192.)

O Sumo Pontífice reprova os extremos, tanto aqueles que, ao negarem a propriedade social e pública, se precipitam no «individualismo», como também os que, ao rejeitarem o direito à propriedade privada ou individual, levam ao outro extremo o «coletivismo».<sup>194</sup>

Em seguida, explica que o princípio básico da justiça comutativa «obriga a conservar inviolável a divisão dos bens e a não invadir o direito alheio excedendo os limites do próprio domínio»,<sup>195</sup> sempre que os proprietários usem do que é seu honestamente.<sup>196</sup> Para este fim, o domínio e a tarefa da autoridade pública, isto é, do Estado, é decretar o que é lícito ou não na utilização dos bens, sempre à luz da lei natural e divina, e sempre respeitando o direito à propriedade privada.<sup>197</sup> Neste ponto, retoma as afirmações da *Rerum novarum*, para reivindicar

---

<sup>194</sup> Cf. Pio XI, *Quadregesimo Anno* 45, 290; AAS 1931, vol.23, 192.

<sup>195</sup> Pio XI, *Quadregesimo Anno* 46, 290-291; AAS 1931, vol.23, 192.

<sup>196</sup> Cf. Pio XI, *Quadregesimo Anno* 48, 291-292; AAS, vol.23, 193-194.

<sup>197</sup> Cf. Pio XI, *Quadregesimo Anno* 48, 291-292; AAS 1931, vol.23, 193-194.

que o Estado não pode violar esse direito, visto que «o Estado é muito posterior ao homem»<sup>198</sup> e «a sociedade doméstica tem sobre a sociedade civil uma prioridade lógica e uma prioridade real».<sup>199</sup> O papel da autoridade pública é «moderar-lhe o uso e harmonizá-la com o bem comum».<sup>200</sup> Mas, ao mesmo tempo, não se pode cair no «erro mais capcioso de alguns socialistas, para os quais tudo o que é produtivo deve passar a ser propriedade do Estado ou “socializar-se”».<sup>201</sup>

Para manter um saudável equilíbrio, sem degenerar nos extremos do liberalismo económico, nem do socialismo, em vista do bem geral de toda sociedade, é preciso orientar-se sempre pela lei da justiça social, a qual «proíbe que uma classe seja pela outra excluída da participação dos lucros».<sup>202</sup> Mas, por outro lado, a classe proletária não pode suprimir toda a propriedade privada: «Cada um deve, pois, ter a sua parte nos bens materiais; e deve procurar-se que a sua repartição seja pautada pelas normas do bem comum e da justiça social».<sup>203</sup> Na lógica de Pio XI, para que a justiça social, em vista do bem comum, possa ser defendida, é preciso entender a sociedade como um corpo, onde a remuneração dos trabalhadores seja justamente regulamentada e proporcionada às diversas categorias:

«É, portanto, contra a justiça social diminuir ou aumentar demasiadamente os salários em vista só das próprias conveniências e sem ter em conta o bem comum; e a mesma justiça exige, que em pleno acordo de inteligências e vontades, quanto seja possível, se regulem os salários de tal modo, que o maior número de operários possa encontrar trabalho e ganhar o necessário para o sustento da vida. É também importante para o mesmo efeito a boa proporção entre as diversas categorias de salários; com a qual está intimamente relacionada a justa proporção entre os preços de venda dos produtos das diversas artes, como a agricultura, a indústria, etc. Se tudo isto se observar como convêm, unir-se-ão as diversas artes e se organizarão num corpo união, prestando-se como membros mútuo e benéfico auxílio. Só então estará solidamente constituído o organismo económico e social e será capaz de obter os seus fins, quando todos e cada um tiverem todos os bens, que as riquezas naturais, a arte técnica, e a boa administração económica podem proporcionar [...]» (Pio XI, *Quadregésimo Anno* 73-74, 303-304; AAS 1931, vol.23, 201-202.)

Nesse sentido, a intervenção do Estado na vida económica, deve ter em conta os princípios da filosofia social, para não prejudicar a livre iniciativa da atividade empresarial – ficando ele próprio prejudicado, ao deixar recair sobre si o peso dos encargos e negócios quase infinitos –, nem deixar que seja tudo confiado à coletividade, conforme a pretensão do

---

<sup>198</sup> Leão XIII, *Leão XIII, Rerum novarum*, 6.

<sup>199</sup> Leão XIII, *Rerum novarum* 10.

<sup>200</sup> Leão XIII, *Rerum novarum* 28.

<sup>201</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 55, 295; AAS 1931, vol.23, 196.

<sup>202</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 57, 296-297; AAS 1931, vol.23, 196-197.

<sup>203</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 58, 297; AAS 1931, vol.23, 197.

socialismo.<sup>204</sup> A autoridade pública tem, por outro lado, o encargo de vigiar sobre a livre concorrência, para que não se imponha um «espírito individualista», garantido a ordem jurídica e social, com o intuito de defender os trabalhadores, tanto nas indústrias como na agricultura, do «despotismo económico». Para esse fim, a justiça e a caridade devem ser os dois pilares que, iluminando-se mutuamente, inspiram toda a vida da sociedade.<sup>205</sup>

Para que se possam instaurar os princípios «nobres e elevados» da justiça e da caridade, indispensáveis para a restauração e aperfeiçoamento da ordem social, torna-se urgente a «reforma dos costumes».<sup>206</sup> É neste quadro que se insere, segundo Pio XI, a missão da Ação Católica, a qual «admiravelmente forma naqueles princípios e no seu apostolado sob a guia do magistério da Igreja, que mesmo no terreno supra acenado, como em qualquer outro onde se agitem e regulem questões morais, não pode esquecer ou descurar o mandato de guardar e ensinar o que lhe foi divinamente conferido».<sup>207</sup>

Chegados a este ponto, vemos como, para Pio XI, se não se limitar o dito despotismo económico, será fácil cair no outro extremo, dando vantagens aos objetivos nefastos do socialismo, que tira proveito do mal-estar dos trabalhadores explorados, para adquirir enganosamente o consenso das massas operárias e assim, manipulando-as, alcançar os seus objetivos políticos e o predomínio económico.<sup>208</sup>

O Sumo Pontífice chama a atenção aos católicos, com igual gravidade, sobre o «ódio declarado contra a santa Igreja e contra o mesmo Deus» e a rápida difusão da doutrina comunista por todas as partes, e convida os católicos a agir para sair da inércia e lutar contra a «impiedade» do comunismo: «Sobretudo digna de censura é a inércia daqueles que não tratam de suprimir ou mudar um estado de coisas, que, exasperando os ânimos, abre caminho à subversão e ruína completa da sociedade».<sup>209</sup>

Mais moderada, na visão de Pio XI, é a outra vertente que conservou o nome de socialismo: «porque não só professa abster-se da violência, mas abranda e limita de algum modo, embora não as suprima de todo, a luta de classes e a extinção da propriedade particular». De alguma maneira, «as suas reivindicações concordam às vezes muitíssimo com as reclamações dos católicos que trabalham na reforma social». Entre estas reivindicações legítimas, a luta de classes, pode ser útil «quando livre de inimizades e ódio mútuo», só na medida em que «se transforma pouco a pouco numa concorrência honesta, fundada no amor

---

<sup>204</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 78, 305; AAS 1931, vol.23, 203.

<sup>205</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 87, 308-309; AAS 23 (1931), 206-207.

<sup>206</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 97, 312; AAS 23 (1931), 209.

<sup>207</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 95, 311; AAS 23 (1931), 208-209.

<sup>208</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 104-107, 314; AAS 23 (1931), 210-211.

<sup>209</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 111, 315-316, AAS 23 (1931), 213.

da justiça, que se bem não seja aquela bem-aventurada paz social por que todos suspiramos, pode e deve ser o princípio da mútua colaboração».<sup>210</sup>

Do mesmo modo, a guerra pela propriedade particular é legítima só quando se limita a tentar reduzir «aquele despotismo social, que a propriedade contra todo o direito se arrogou. E, de facto, um tal poder não pertence aos simples proprietários, mas à autoridade pública». Tais não se opõem à verdade cristã nem são exclusivos do socialismo. Todavia, o Papa chama com força à atenção dos católicos para que não julguem que se pode «sair ao encontro do socialismo e congregar-se com ele a meio caminho». Seria uma falsa ilusão a esperança de atrair por este modo os socialistas:

«Esperança vã! Quem quer ser apóstolo entre os socialistas, é preciso que professe franca e lealmente toda a verdade cristã, e que de nenhum modo feche os olhos ao erro. Esforcem-se antes, se querem ser verdadeiros arautos do Evangelho, por mostrar aos socialistas, que as suas reclamações, na parte que tem de justas, se defendem muito mais vigorosamente com os princípios da fé e se promovem muito mais eficazmente com as forças da caridade». (Pio XI, *Quadragesimo Anno* 115, 318; AAS 1931, vol.23, 214.)

Com efeito, adverte Pio XI, embora o socialismo, quer se considere como doutrina, quer como facto histórico, ou como «ação», em certos aspetos, possa chegar a aproximar-se da verdade e da justiça da doutrina católica, é intrinsecamente contrário a ela «pois concebe a sociedade de modo completamente avesso à verdade cristã».<sup>211</sup> Com efeito, segundo a doutrina cristã, o homem foi criado para louvor e glória do Criador e, no fiel cumprimento de todas as suas faculdades e dos deveres da sua profissão e vocação, cultiva a felicidade temporal e eterna.<sup>212</sup> Pelo contrário, «o socialismo, ignorando por completo ou desprezando este fim sublime dos indivíduos e da sociedade, opina que o consórcio humano foi instituído só pela vantagem material que oferece».<sup>213</sup> Por conseguinte, «segundo eles, os homens no que respeita à produção são obrigados a entregar-se e sujeitar-se completamente à sociedade».<sup>214</sup> E é em prol dos «bens materiais que servem à comodidade da vida, que se afirma dever pospor-se e mesmo sacrificar-se quaisquer outros bens superiores e em particular a liberdade às exigências de uma produção ativíssima».<sup>215</sup>

Isso comporta a perda da dignidade humana, «inevitável no sistema da produção “socializada”», a qual promete que a abundância dos bens, produzidos socialmente, «serão

---

<sup>210</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 112-113, 317; AAS 1931, vol.23, 213-214.

<sup>211</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 116, 319; AAS 1931, vol.23, 215.

<sup>212</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 117, 319; AAS 1931, vol.23, 215.

<sup>213</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 117, 319; AAS 1931, vol.23, 215.

<sup>214</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 118, 319-320; AAS 1931, vol.23, 215-216.

<sup>215</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 118, 319-320; AAS 1931, vol.23, 215-216.

distribuídos pelos indivíduos, e estes poderão livremente aplicar-se a uma vida mais cómoda e faustosa». As consequências da sociedade sonhada pelo socialismo são catastróficas, quer para a própria sociedade, quer para a vocação do homem. O ideal socialista de sociedade, afirma o Papa: «não pode existir nem conceber-se sem violências manifestas; por outra parte, goza de uma liberdade não menos falsa, pois carece de verdadeira autoridade social; esta não pode fundar-se nos comodismos materiais, mas provém somente de Deus Criador e fim último de todas as coisas».<sup>216</sup>

À luz destes pressupostos, o Papa conclui que o “socialismo católico” é impossível, porquanto a ideologia socialista e a doutrina católica têm uma conceção da sociedade diametralmente oposta. Por isso, «ninguém pode ser ao mesmo tempo bom católico e verdadeiro socialista».<sup>217</sup>

O Pontífice Romano responde também aos ataques daqueles que acusaram a Igreja de patrocinar a causa dos ricos sem prestar atenção às necessidades e angústias dos pobres, nem defender a causa dos trabalhadores explorados, alegando que esta seria a razão pela qual muitos católicos se teriam inscrito no socialismo.<sup>218</sup> Pio XI afirma, pelo contrário, que a Igreja sempre viu nos pobres o próprio Jesus Cristo,<sup>219</sup> sublinhando, acima de tudo, o horizonte escatológico da vocação humana.<sup>220</sup> Depois, apelando à doutrina católica, adverte que a raiz de todos os males e desordens que afligem o homem e a sociedade reside no «pecado original»:

«A raiz e fonte desta defeção da lei cristã na vida social e económica, e da consequente apostasia da fé católica para muitos operários é a desordem das paixões, triste efeito do pecado original; foi ele que destruiu a admirável harmonia das faculdades humanas e dispõe o homem a deixar-se facilmente arrastar das más paixões e a preferir os bens caducos da terra aos eternos do céu. D'aqui aquela sede inextinguível de riquezas e bens temporais, que, se em todos os tempos arrastou os homens a quebrar a lei de Deus e conculcar os direitos do próximo, nas atuais condições económicas arma à fragilidade humana laços ainda mais numerosos [...]». (Pio XI, *Quadragesimo Anno* 130, 325; AAS 1931, vol.23, 219-220.)

Das baixas paixões, que dominam o homem, brota a cobiça de lucros cada vez mais avultados com pouco trabalho e, por conseguinte, as injustiças que afligem a sociedade. Daí que «somente uma rígida disciplina dos costumes, energicamente apoiada pela autoridade

---

<sup>216</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 118, 319-320; AAS 1931, vol.23, 215-216.

<sup>217</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 119, 320; AAS 1931, vol.23, 216.

<sup>218</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 123, 321-322; AAS 1931, vol.23, 217.

<sup>219</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 124, 322; AAS 1931, vol.23, 217-218.

<sup>220</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 129, 324; AAS 1931, vol.23, 219.

pública»<sup>221</sup> poderá pouco a pouco reverter essa situação, de modo «que tudo se encaminhe para Deus, fim primário e supremo de toda a atividade criada, e que todos os bens criados por Deus se considerem como instrumentos dos quais o homem deve usar tanto quanto lhe sirvam para conseguir o último fim».<sup>222</sup>

Pio XI conclui a sua encíclica frisando, como faz em todo o documento, a íntima e imprescindível relação entre justiça e caridade. Não pode a justiça comutativa prescindir da caridade, nem a caridade substituir a justiça, de modo que a cada um caiba o que lhe é devido. Só na fecunda harmonia entre as duas será possível extirpar as raízes das lutas sociais, proporcionando uma verdadeira reconciliação entre os empresários e a classe operária, unindo os corações dos membros da sociedade concebida como um corpo:

«[As diversas partes] são membros de uma só e grande família, filhos do mesmo Pai celeste, antes um só corpo em Cristo e «membros uns dos outros» (Rm 12,5), de modo que «se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele» (1Cor 12,26). Então os ricos e senhores converterão em amor solícito e operoso o antigo desprezo pelos irmãos mais pobres; acolherão os seus justos pedidos com bom rosto e coração aberto, perdoar-lhes-ão até sinceramente as culpas e os erros. Por sua vez os operários, reprimindo qualquer sentimento de ódio e inveja, de que abusam com tanta astúcia os fautores da luta de classes, não desdenharão o posto que a divina Providência lhes assinou na sociedade humana, antes o terão em grande apreço, bem persuadidos de que no seu emprego e ofício trabalham útil e honrosamente para o bem comum, e seguem mais de perto Aquele que, sendo Deus, quis na terra fazer-se operário e ser considerado como filho de operário».  
(Pio XI, *Quadragesimo Anno* 135, 329-330; AAS 1931, vol.23, 223-224.)

Segundo Pio XI, a restauração na sociedade humana só pode acontecer estabelecendo a «Paz de Cristo no reino de Cristo», lema do seu Pontificado. Para que o reinado e a paz de Cristo se possam concretizar, será necessária «uma nova difusão do espírito evangélico no mundo, do espírito de moderação cristã e de caridade universal». Daí a importância que o Papa dá à Ação Católica, pela sua dedicação à solução dos problemas sociais, à luz dos princípios evangélicos.<sup>223</sup> O Sumo Pontífice recomenda, ainda, que tais «apóstolos» da Ação Católica sejam escolhidos com prudência, formados e educados pelo clero, para que possam ser compenetrados pela justiça e pela caridade de Cristo.<sup>224</sup>

---

<sup>221</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 131, 326; AAS 1931, vol.23, 220-221.

<sup>222</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 134, 328; AAS 1931, vol.23, 222.

<sup>223</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 136, 330-331; AAS 1931, vol.23, 224-225.

<sup>224</sup> Cf. Pio XI, *Quadragesimo Anno* 140, 332; AAS 1931, vol.23, 226.

## 3.2. PIO XI CONTRA OS TOTALITARISMOS DA SUA ÉPOCA

A relação entre justiça e caridade foi um tema central no confronto de Pio XI com os totalitarismos da sua época, a saber, o nazismo e o comunismo. Em seguida, apresentaremos duas encíclicas nas quais o Papa denuncia publicamente os seus abusos políticos e ideológicos e exorta os católicos a resistirem a essas forças hegemónicas.

### 3.2.1. A POSIÇÃO DE PIO XI CONTRA O NAZISMO

Na carta encíclica *Mit Brennender sorge*, de 14 de março de 1937, relativa à situação da Igreja na Alemanha, Pio XI sublinha não só a relação entre a justiça e a caridade, mas também a correlação entre a verdade e a caridade: «Pesamos na balança da verdade, e do amor também, cada palavra desta encíclica».<sup>225</sup> Consciente da feroz propaganda nazi contra os princípios fundamentais da doutrina e da moral cristã, dirige-se ao clero e aos fiéis da Alemanha, alertando-os acerca da falsidade da ideologia nazi, e exortando-os a resistirem à dura perseguição dirigida à Igreja, à autoridade do Romano Pontífice e aos princípios evangélicos.

Com efeito, devido à profunda crise socioeconómica e política que a Alemanha atravessou entre os anos 1929 e 1933, resultante do desfecho da I Guerra Mundial<sup>226</sup>, as ideias de Hitler tinham encontrado um ambiente favorável para a sua difusão.<sup>227</sup> Por outra parte, a retórica e engenho político de Hitler conseguiram conquistar tanto os interesses da burguesia, ao prometer a conservação da superioridade económica do novo Estado, como a classe dos trabalhadores, graças ao uso de palavras de cariz socialista, importadas do marxismo. Como

---

<sup>225</sup> Pio XI, Carta encíclica *Mit brennender sorge* 49.

<sup>226</sup> A Alemanha saiu humilhada da I Guerra Mundial, sobretudo depois dos ajustes políticos do Tratado de Versalhes. Os problemas económicos alemães estavam principalmente relacionados com a falta de possibilidades de pagamento de indemnizações depois da guerra. Assim, em 1923, os franceses começaram a ocupar o Vale do Ruhr, rico e industrializado, o que aprofundou a crise económica do estado alemão. O défice orçamental e os erros na gestão financeira resultaram num excesso de oferta monetária, o que fez com que o marco alemão hiperinflacionasse. (...) Sob os planos Dawes e Young, principalmente devido aos empréstimos ocidentais e ao adiamento das reparações, a situação na Alemanha estabilizou. (...) Por isso, a segunda metade da década de 1920 foi um período de relativa paz e crescimento económico estável no mundo. Apesar disto, o grande problema era o alto nível de desemprego, a crescente diferença entre as classes pobres e ricas, o aumento da dívida dos estados e, finalmente, o excesso de oferta de bens. (...) A 24 de outubro de 1929 foi registada uma forte queda nas ações na Bolsa de Nova Iorque, que deu início à crise económica, que terminou em 1933. Cf. Mateusz Łabuz, *Kryzys ekonomiczny – Wielki Kryzys 1929*, acessado a 6 de junho de 2022, <https://warhist.pl/wojna/kryzys-ekonomiczny-wielki-kryzys-1929/>

<sup>227</sup> Cf. Tiago Lemanczuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* e o Ideário Nazista, 18 *Consilium - Revista Eletrônica de Direito*, Brasília nº 4, v.1 (2010): 18, acessado a 6 de junho de 2022 [https://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/consilium\\_04\\_01.pdf](https://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/consilium_04_01.pdf).

afirma A. Lenharo: «A novidade do nazismo era sua força psicológica, que predisponha todos, trabalhadores ou não, a aceitarem ou assumirem o seu corpo ideológico».<sup>228</sup>

Num breve espaço de tempo, a propaganda nazi conseguiu conquistar o consentimento na esfera política, cultural e social.<sup>229</sup> O culto à imagem do Führer constituía a maior arma nazi para a preservação da sua unidade.<sup>230</sup> Hitler usava com habilidade a arte retórica, vendo no discurso oral um válido instrumento para impacto nas massas. Além dos artifícios retóricos, os seus discursos evocavam crenças religiosas, experiências históricas, valores sociais conservadores e doutrinas filosóficas. Os princípios político-doutrinários promovidos por Hitler encontram-se no capítulo onze do primeiro volume da sua obra *Mein Kampf*, intitulado *Povo e Raça*. Tais princípios caracterizam-se pelo extremo nacionalismo, autoritarismo, antissemitismo, belicismo, anticomunismo, antiliberalismo, antiparlamentarismo e pelo anti-individualismo.<sup>231</sup>

Em seguida, apresentamos algumas das linhas principais da ideologia nazi, para percebermos contra que tipo de ideologia político-filosófica Pio XI se enfrenta. Segundo Hitler, todo o cruzamento de seres de raça ou condição desigual na escala biológica está em desacordo com a vontade da Natureza, em ordem ao aperfeiçoamento da vida através da procriação. O papel do mais forte é dominar. Mas a mistura com os mais fracos acaba por sacrificar a grandeza do mais forte.<sup>232</sup> Segundo essa teoria: «em qualquer mistura de sangue

---

<sup>228</sup> Aleir Lenharo, *Nazismo. O Triunfo da Vontade*, Ática, São Paulo, 1986, 11, Cf. Lemanczuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* e Ideário Nazista, 17.

<sup>229</sup> Em 1919, a Alemanha, depois da guerra, conforme a Constituição de Weimar [pela qual o país de popularizou como República de Weimar], era uma república parlamentar, federal e democrática. O presidente era eleito por voto universal e direto, enquanto o poder executivo era exercido pelo Chanceler ou Primeiro Ministro, nomeado pelo Presidente. Durante República de Weimar, Hitler entra no Partido dos Trabalhadores Alemães. Rapidamente torna-se a figura principal deste partido, e altera o nome do partido para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido como Partido Nazi. Em 1923, aproveitando-se da ocupação francesa do Vale do Ruhr, Hitler tenta um golpe de estado, mas fracassa e é preso. Durante o tempo de prisão, começa a escrever o livro *Mein Kampf* (*A Minha Luta*). Neste livro, apresenta o programa político da ideologia nazi. Sucessivamente, procura chegar ao poder, ganhando o consentimento das classes sociais mais desfavorecidas, nomeadamente: desempregados, marginalizados, pequenos burgueses, escalões militares e alta burguesia, apresentado o Nazismo como solução. Por outra parte, frente ao perigo do crescimento das esquerdas, a burguesia alemã vê no Nazismo o mal menor. Em 1932, Hitler concorre às eleições presidenciais, mas é derrotado. Contudo, devido às pressões do sector empresarial e militar, o presidente Hindenburg nomeia Hitler Chanceler alemão, em 1933. Através dum decreto-lei, Hitler obtém plenos poderes e, no ano que se segue à morte do Presidente, adquire o título de *Führer*. Em seguida, os Nazis provocam o incêndio no Parlamento, acusando o partido comunista, que é declarado ilegal. Começa assim a nazificação da Alemanha pela imposição do uni-partidarismo e o controlo do Estado em todos sectores. Trata-se de um período de entusiasmo coletivo, com o re florescimento da economia, devido à promoção da indústria bélica e do militarismo que, em certa medida, resolviam o problema do desemprego, enquanto o resto do mundo atravessava uma profunda crise económica. Começa assim a política expansionista de Hitler, sustentada pelo sentimento coletivo de revolta contra as reconfigurações do Tratado de Versalhes. Cf. Lemanczuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* e o Ideário Nazista, 2-3.

<sup>230</sup> Cf. Lemanczuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* e o Ideário Nazista, 2-3.

<sup>231</sup> Cf. Lemanczuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* e o Ideário Nazista, 4.

<sup>232</sup> Cf. Adolf Hitler, *A Minha Luta-Mein Kampf*, FERNANDO RIBEIRO DE MELO/EDIÇÕES AFRODITE, Lisboa, 1976, 212.

entre o Ariano e os povos inferiores, o resultado foi sempre a extinção do elemento civilizador».<sup>233</sup> Tal empobrecimento racial deve ser travado, e de nada valem as vestes da tolerância, do pacifismo e da universalização como pressupostos do desenvolvimento. Deste modo, as grandes culturas do passado foram extintas por causa do envenenamento da primitiva raça criadora.<sup>234</sup> Daqui se segue que todo o progresso da civilização humana é interno, isto é, a inteligência e qualquer outro talento são dotes inatos e têm a sua origem no sangue ariano. Por isso, «povos inferiores» estão simplesmente ao serviço da raça humana «superior»:

«Sem tal possibilidade de empregar gente inferior, o Ariano nunca teria podido dar os primeiros passos para a sua civilização, do mesmo modo que, sem a ajuda de animais apropriados, pouco a pouco domados por ele, nunca teria alcançado uma técnica, graças à qual vai podendo dispensar os animais. O ditado: “O mouro fez a sua obrigação, pode retirar-se”, possui infelizmente um significado profundo [...] Só os palhaços pacifistas é que podem ver nisso um indício de maldição humana».<sup>235</sup>

Segundo esta ideia, os povos não-arianos, são apenas depositários da cultura humana, que é fundada sempre pelo ariano, o único que pode garantir todo o progresso humano. O papel das outras raças consiste apenas em ajudar neste processo. O que mais prejudica a própria Natureza é a ligação entre raças diferentes: «As únicas causas da decadência das antigas civilizações são: a mistura de sangue e o rebaixamento do nível da raça, que aquele fenómeno acarreta. [...] Todo aquele que, no mundo, não pertence à boa raça, não é mais do que palha agitada pelo vento».<sup>236</sup> Como vemos, evoca aqui um texto bíblico, a saber, a passagem do livro dos Salmos 1,4.

Hitler encontrou no povo judeu um inimigo comum em torno ao qual unificar o sentimento popular sob o programa nacional-socialista. Além de delinear o perfil da inferioridade do povo judeu, identificou-o como a principal causa dos problemas nacionais. Deste modo, fez do antissemitismo um dos pilares do nazismo.<sup>237</sup> Na ótica de Hitler: «Os judeus é que apresentam um acentuado contraste com o Ariano. Nenhum outro povo do mundo possui um instinto de conservação mais poderoso do que o chamado “povo eleito”».<sup>238</sup> E atribui precisamente aos judeus a mistura das raças, a principal causa que impede o desenvolvimento e o domínio da raça predominante sobre a natureza. Para ele, o principal meio usado pelos judeus para promover a mistura das raças e a consequente aniquilação das

---

<sup>233</sup> Hitler, *A Minha Luta-Mein Kampf*, 213-214.

<sup>234</sup> Cf. Lemanczuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* e o Ideário Nazista, 6-7.

<sup>235</sup> Hitler, *A Minha Luta-Mein Kampf*, 220.

<sup>236</sup> Hitler, *A Minha Luta-Mein Kampf*, 221.

<sup>237</sup> Cf. Lemanczuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* e o Ideário Nazista, 8-9.

<sup>238</sup> Hitler, *A Minha Luta-Mein Kampf*, 224.

mesmas, é tentar destruir as barreiras sociais e de cidadania, em nome da tolerância religiosa e da igualdade entre os homens. A maçonaria e a imprensa são uma das suas armas mais poderosas para esse fim.<sup>239</sup>

O liberalismo e o comunismo, com todas as misérias que produzem, foram também inventados pelos judeus. Apesar de aparecer como sistemas ou blocos antagônicos, foram ambos construídos propositadamente com a finalidade de enganar e explorar os povos. Do ponto de vista do capitalismo, a evolução económica é apresentada como tendo por objetivo o lucro, que se produz através duma alteração da distribuição do povo em classes. Deste modo produz-se a separação entre trabalhador e patrão. O comunismo, por sua voz, depois de atuar com os métodos capitalistas extremados de exploração humana, com uma falsa compaixão, apoia a causa das vítimas para atizar o operário contra o burguês, levando-os a lutar entre si. Deste modo, pensando atacar o capital injustamente repartido, na realidade, o trabalhador luta pelo mesmo, só que em favor do futuro do povo judeu.<sup>240</sup>

A luta judaica, na visão de Hitler, não consiste apenas na conquista política, mas também no seu domínio. O judeu começa por prover o ideal democrático para o substituir pelo ideal da ditadura do proletariado. Mas a democracia torna-se, por sua vez, uma forma de ditadura que subjuga e governa os povos.<sup>241</sup>

Através de todos estes meios, os judeus procuram destruir os fundamentos nacionais em função de um enganoso projeto universal:

«Economicamente, eles criam para os Estados situações tais que as empresas oficiais, tornando-se improdutivas, são subtraídas à direção do Estado e submetidas à fiscalização financeira do judeu. No terreno político, recusam ao Estado os meios para sua subsistência, destroem as bases de toda e qualquer defesa nacional, aniquilam a confiança que o povo tinha nos seus governantes, desprezam a história e o passado, e enlameiam tudo o que é exponente de grandeza [...] A religião é ridicularizada. Bons costumes e moralidades são apodados de coisas do passado, até que os últimos esteios de uma nacionalidade tenham desaparecido».<sup>242</sup>

A partir desses pressupostos, o nacional-socialismo condena qualquer forma de desagregação social (capitalismo), bem como qualquer projeto universalizante (comunismo).

Num contexto de crise e de desejo coletivo de ressurgimento nacional, o ideal nazi encontrou um terreno fértil nas massas do povo alemão. Perante esta situação, o papa Pio XI viu-se confrontado com diversos desafios e obstáculos para fazer chegar a sua mensagem ao povo e aos católicos da Alemanha.

---

<sup>239</sup> Cf. Lemanzuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* e o Ideário Nazista, 9-10.

<sup>240</sup> Cf. Lemanzuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* e o Ideário Nazista, 10.

<sup>241</sup> Cf. Lemanzuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* e o Ideário Nazista, 11.

<sup>242</sup> Hitler, *A Minha Luta-Mein Kampf*, 224.

Em primeiro lugar, na sua encíclica contra o nazismo, Pio XI refere que os acordos fixados na Concordata, no verão de 1933, entre o Vaticano e o governo do Reich,<sup>243</sup> foram desrespeitados, não por negligência do Romano Pontífice, mas por terem sido violados pelo mesmo governo.<sup>244</sup>

Em seguida, ataca os princípios básicos da ideologia nazi, que estava a alastrar-se na Alemanha:

«Quem pega da raça, ou do povo, ou do Estado, ou da forma de Estado, ou dos senhores do poder, ou de qualquer outro valor essencial à comunidade humana – coisas que na cidade terrestre ocupam um lugar honroso e justo – para os deslocar da sua devida escala de valores e elevá-los ao pedestal onde os diviniza e lhes presta culto idólatra, - perverte e falsifica a ordem das coisas criadas e estabelecidas por Deus, está longe da verdadeira fé em Deus e da concepção de vida correspondente a essa fé». (Pio XI, *Mit brennender sorge*, 12.)

Pio XI dirige-se então aos católicos e a toda a sociedade alemã, mostrando que o erro ideológico de todos os totalitarismos – e naquela época concreta, o nazismo (e o comunismo) –, consiste principalmente na divinização do homem ou de uma sociedade ou, ainda, do Estado:

«Se alguém, por sacrílega ignorância da essencial diferença entre Deus e a criatura, entre o Homem-Deus e os filhos dos homens, ousasse elevar um mortal, fosse ele o maior de todos os tempos, à altura de Cristo, ou ainda acima dele, ou contra ele, saiba que é profeta de fantasias, a quem se aplica a palavra da Escritura: “Aquele que mora nos céus, ri-se deles” (Sl 3,4)». (Pio XI, *Mit brennender sorge* 20, 532; AAS 1937, vol.29, 151.)

Daí que o Papa, em todo o seu magistério, remeta para a autoridade suprema de Deus que Se revelou e é o Senhor da vida e da história. No ideário de Hitler, pelo contrário, o valor pessoal centra-se no culto à imagem do Führer, enquanto depositário do ideal nazi.

Nesta encíclica, o Papa aborda e aprofunda os temas da verdade, acerca da soberania indiscutível de Deus, do sentido da história e do fim do homem:

«Do conjunto de seus direitos de Criador deriva essencialmente a Sua exigência duma obediência absoluta dos indivíduos e de toda a sociedade. E esta exigência da sua obediência absoluta abraça todos os ramos da atividade em que as questões de moral se devem sujeitar e harmonizar com a lei de Deus, integrando-se a mudável lei humana no conjunto da imutável lei divina». (Pio XI, *Mit brennender sorge* 14, 529; AAS 1937, vol.29, 149.)

---

<sup>243</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 3, 524; AAS 1937, vol.29, 146.

<sup>244</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 5, 524-525; AAS 1937, vol.29, 1146-147.

Da ordem estabelecida por revelação da lei divina decorrem, por sua vez, os princípios da moral e da caridade evangélicas, que estão acima de qualquer poder político, jurídico ou ideológico. Dita ordem é, por isso, universal:

«A revelação alcançou o ponto mais elevado e definitivo no Evangelho de Jesus Cristo; cumpriu-se integralmente e não é qualquer mão humana que a vai completar. Obriga a todos e para sempre; não admite sucedâneos ou substituições de "revelações" arbitrárias, que alguns corifeus modernos pretendem inspiradas no chamado mito do sangue e da raça. Desde que Cristo, o Ungido do Senhor, realizou a obra da redenção, destruindo o reino do pecado, e nos mereceu a glória e graça de filhos de Deus, nome algum se pronunciou abaixo do sol, além do nome de Jesus, do qual possamos esperar a salvação (At 4,12). Homem algum, mesmo quando a ciência, o poder, a força exterior do mundo encarnasse nele, pode lançar outro fundamento diferente daquele que já foi lançado: Jesus Cristo (1Cor 3,11)». (Pio XI, *Mit brennender sorge* 20, 531-532; AAS 1937, vol.29, 531-532.)

Em seguida, frente à pressão exercida pelas autoridades sobre os católicos alemães, pela intimidação ou pela promessa de benefícios e vantagens (económicas, profissionais, cívicas, etc.), ou, ainda, fomentando a ideia pela qual o abandono da fé e da Igreja seria uma «prova particularmente condicente e meritória de fidelidade ao Estado atual»,<sup>245</sup> Pio XI afirma que tudo isso é contrário «ao direito como à dignidade humana».<sup>246</sup> Com efeito, para Hitler, a sociedade é constituída fundamentalmente por cidadãos, súbditos e estrangeiros. Ora, a conceção da cidadania alemã não pode ser dada apenas pelo nascimento, nem muito menos pela naturalização. É preciso contribuir na existência e na grandeza da nação.<sup>247</sup> Assim, todos os esforços do indivíduo (cidadão) devem estar em função do movimento nacional-socialista.<sup>248</sup> Ao reavivar o sentimento de honra pela cidadania, procura fomentar o nacionalismo do povo ariano. No que diz respeito ao Estado, Hitler (tal como Lenin, Marx e Engel), vê-o apenas como o aparelho administrativo de governantes, de repartições, e de meios de coerção, que está ao serviço da manutenção e do desenvolvimento de uma comunidade (raça) de seres humanos da mesma espécie, tanto física como moral.<sup>249</sup>

Face a tantas pressões ideológicas e à fragilidade de quantos pensassem que era possível abandonar apenas exteriormente a Igreja, conservando a fidelidade interior, exorta os católicos da Alemanha a manter-se, com coragem heroica, no caminho da salvação, mesmo que isso comporte o martírio, pondo os olhos na recompensa escatológica.<sup>250</sup>

---

<sup>245</sup> Pio XI, *Mit brennender sorge* 24, 536; AAS 1937, vol.29, 155.

<sup>246</sup> Pio XI, *Mit brennender sorge* 24, 536; AAS 1937, vol.29, 155.

<sup>247</sup> Cf. Hitler, *A Minha Luta-Mein Kampf*, 322-323.

<sup>248</sup> Cf. Lemanzuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* e o Ideário Nazista, 13

<sup>249</sup> Cf. Lemanzuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* e o Ideário Nazista, 14-15.

<sup>250</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 24, 536-537; AAS 1937, vol.29, 154-155.

Em terceiro lugar, entra na problemática da autoridade e da fidelidade ao Papa, contra os que pretendiam constituir uma igreja nacional alemã, para permanecer na verdadeira Igreja de Cristo, afirmando:

«A Igreja, fundada pelo Redentor é una, comum a todos os povos e a todas as nações. Sob a sua cúpula, que, como firmamento, cobre a terra inteira, alarga-se a pátria comum a todos os povos e a todas as línguas, com espaço próprio para desenvolvimento das qualidades especiais, das empresas ou vocação, que Deus Criados e Salvador confiou tanto aos indivíduos como às sociedades humanas [...] Quem atenta contra esta intangível unidade, despoja a Igreja do diadema com que Cristo coroou a sua Esposa; e põe a estrutura da Igreja, que assenta em rocha eterna, da mão de arquitetos a quem o Pai dos céus não confiou tal obra nem permitiu retocar». (Pio XI, *Mit brennender Sorge* 21, 532-533; AAS 1937, vol.29, 152.)

Assim, a verdadeira Igreja, em todos os povos do orbe, só pode ser a Igreja de Cristo, se permanecer unida à figura e à autoridade de Pedro e aos seus sucessores.<sup>251</sup>

O Papa ataca clara e energicamente a ideologia nazi acerca da superioridade da raça alemã sobre as outras: «Revelação, no sentido cristão do vocábulo, designa a palavra dada por Deus aos homens. Empregar esta mesma palavra com sentido de sugestões de sangue ou de raça, de irradiações da história de um povo, é certamente criar um equívoco. Tal moeda falsa não tem permissão para correr entre os fiéis de Cristo».<sup>252</sup>

Podemos dizer que Pio XI volta a outorgar o sentido próprio àqueles termos e princípios da doutrina cristã dos quais a ideologia nazi se tinha apropriado, manipulado, retirando-lhes o seu horizonte transcendente, ao atribuir a noção de «revelação» e de «imortalidade» à raça alemã, carregando-os assim de sentido profano:

«Imortalidade, no sentido cristão, quer dizer: duração da vida do homem após a morte terrestre, como pessoa e como indivíduo, para a sua eterna recompensa ou para seu eterno castigo. Quem atribui à palavra imortalidade apenas o sentido duma sobrevivência coletiva na continuidade do próprio povo através de um futuro glorioso indefinido, perverte e falsifica uma das verdades fundamentais da fé cristã e destrói os alicerces de qualquer concepção religiosa, que requer um ordenamento moral universal. Quem não quer ser cristão não encha a palavra da sua descrença, inspirando-se no tesouro dos conceitos cristãos». (Pio XI, *Mit brennender Sorge* 29, 538-539; AAS 1937, vol.29, 156-157.)

Qualquer pretensão de superioridade – ou divinização – humana de uma raça ou de um indivíduo, é falsa *a priori* segundo a antropologia cristã, tendo em conta que todos os homens são descendentes de Adão e, portanto, herdeiros do pecado original (Cf. Rm 5,12), que impregnava a humanidade toda duma maldição, como explica o Romano Pontífice. Devido a

---

<sup>251</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender Sorge* 25, 537; AAS 1937, vol.29, 155.

<sup>252</sup> Pio XI, *Mit brennender Sorge* 27, 538; AAS 1937, vol.29, 156.

este pecado, o homem perdeu aquilo que verdadeiramente o eleva enquanto tal: a graça divina.<sup>253</sup> Portanto, a única esperança e remédio para a salvação e a imortalidade consistem na redenção operada pelo mistério pascal de Cristo.<sup>254</sup> O Papa quer assim defender os católicos da Alemanha nazi frente a uma antropologia diametralmente oposta à verdade da fé católica. Assim, contra os símbolos nazis, nomeadamente a cruz suástica, usados como meio de interiorização e identificação com a ideologia nazi em larga escala, o Papa proclama que o único «emblema de força e grandeza moral»<sup>255</sup> é para os cristãos, e para todos os homens, a Cruz redentora de Cristo,<sup>256</sup> a única que dá testemunho da «nossa esperança na luz da glória eterna».<sup>257</sup> Deste modo, remete as noções de «glória» e de «imortalidade» no futuro escatológico, arrancando-os à visão imanente e exclusivista que a ideologia nazi atribuía à raça e ao povo alemão.

Ao mesmo tempo, o Romano Pontífice sublinha aqueles valores que dizem respeito à dignidade e à grandeza do homem. À subentendida soberba da ideologia nazi, contrapõe as virtudes evangélicas da humildade, da oração para obter de Deus graças e favores, do heroísmo, entendido como a capacidade de defender a fé até ao martírio.<sup>258</sup> Estes valores, próprios dos cristãos, tinham sido claramente ridicularizados pela doutrina e propaganda nazi.<sup>259</sup> Com efeito, a escola de Rosenberg, autor do *Mito do século XX*, espalhava a ideia de que o amor (caridade) com a humildade cristã eram expressão da fraqueza própria das raças inferiores (as latinas, por exemplo), ao passo que o sentimento típico das raças nórdicas, orgulhosas e dominadoras, seria a verdadeira honra.<sup>260</sup>

Em contrapartida, o Papa explica que a elevação do homem é um dom gratuito e sobrenatural, fruto da graça divina, e esta não pode ser imanentizada como algo intrínseco à natureza nem a nenhuma raça humana que, com falsa pretensão, possa exaltar-se a si própria: «Rejeitar esta elevação gratuita e sobrenatural em nome dum pretenso carácter alemão é um erro: é combater claramente uma verdade fundamental do cristianismo. Nivelar a graça sobrenatural com os dons da natureza, é abusar dos vocabulários criados e consagrados pela

---

<sup>253</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 30, 539; AAS 1937, vol.29, 157.

<sup>254</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 30, 539; AAS 1937, vol.29, 157.

<sup>255</sup> Pio XI, *Mit brennender sorge* 31, 539; AAS 1937, vol.29, 157.

<sup>256</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 31, 539; AAS 1937, vol.29, 157.

<sup>257</sup> Pio XI, *Mit brennender sorge* 31, 539; AAS 1937, vol.29, 157.

<sup>258</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 32, 539-540, AAS 1937, vol.29, 157.

<sup>259</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 32, 540; AAS 1937, vol.29, 157, vol.29, 157.

<sup>260</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 32, Nota nº 29, Cf. Documentos de Pio XI (São Paulo: Paulus, 2004), 540.

religião».<sup>261</sup> Daí que aos pastores da Igreja incumba a missão de «desmascararem tal plagiato de coisas santas para evitar confusões nos espíritos».<sup>262</sup>

Em seguida, explica que a moral humana, para não decair na corrupção, deve fundamentar-se e ser iluminada pela doutrina cristã, nomeadamente pela lei divina universal, expressa nos Dez Mandamentos: «O número dos insensatos, que hoje empreendem separar a moral da religião, não tem conta».<sup>263</sup> Diz isto contra o poder coercivo do Estado que estava a «expulsar das escolas e da educação o ensino confessional, isto é, a noção clara e precisa do cristianismo, impedindo-o de contribuir para a formação da sociedade e da vida pública»,<sup>264</sup> o que teria como direta consequência «entrar na decadência, caminhar para a inteira pobreza espiritual».<sup>265</sup> Contra o subjetivismo e o relativismo moral, afirma que o abandono das raízes eternas duma doutrina imortal objetiva para a formação das consciências e para o enobrecimento de todos os domínios e organizações da vida, impedem a prosperidade futura de um povo, acarretando consequências catastróficas gerações vindouras.<sup>266</sup>

Para Pio XI, ao conceito cristão de «verdade», liga-se intrinsecamente o de «lei natural», o qual, por sua vez, não se dissocia da «caridade». O tema da lei natural resultava particularmente urgente nessa época, uma vez que diversos intelectuais nazis propagavam uma grande campanha contra o direito romano,<sup>267</sup> que coincide neste caso com o direito natural, na medida em que, no âmbito moral se baseia neste princípio, citado pelo próprio Pio XI: «Uma coisa não pode ser útil se ao mesmo tempo não é moralmente boa. E não é por ser útil que é moralmente boa, mas porque é moralmente boa é útil».<sup>268</sup> Entendendo-se a si próprio como a única opção política triunfante, o partido nazi declarava guerra a todas as diversas maneiras de compreender o mundo.<sup>269</sup> Do mesmo modo, todas as argumentações e questionamentos internos sobre o programa do Partido deviam ser aniquilados, enquanto enfraqueciam a vontade e a força no combate pela ideologia. Para Hitler, não era necessário que houvesse muitos intelectuais ou eruditos, mas sim uma direção intelectual que assegurasse a vitória. O resto devia empenhar-se na obediência disciplinada que confirmasse a sua eficácia:

---

<sup>261</sup> Pio XI, *Mit brennender sorge* 33, 540; AAS 1937, vol.29, 157-158.

<sup>262</sup> Pio XI, *Mit brennender sorge* 33, 540; AAS 1937, vol.29, 158.

<sup>263</sup> Pio XI, *Mit brennender sorge* 34, 541; AAS 1937, vol.29, 158.

<sup>264</sup> Pio XI, *Mit brennender sorge* 34, 541; AAS 1937, vol.29, 158.

<sup>265</sup> Pio XI, *Mit brennender sorge* 34, 541; AAS 1937, vol.29, 158.

<sup>266</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 34, 542; AAS 1937, vol.29, 159.

<sup>267</sup> Pio XI, *Mit brennender sorge* 35, Nota nº 32, 540.

<sup>268</sup> Cícero, *De officiis*, III, 30, Cf. PIO XI, *Mit brennender sorge* 35, 542-543; AAS 1937, vol.29, 159.

<sup>269</sup> Cf. Lemanczuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* Oe o Ideário Nazista, 15.

«Não é necessário que cada lutador, individualmente, tenha conhecimento completo de todas as ideias e do processo mental dos chefes do movimento. [...] É o mesmo que acontece com o soldado na tropa, o qual nunca está a par dos altos planos estratégicos. [...] ... a força de um partido político não está numa intelectualidade elevada e independente dos seus adeptos, mas sobretudo na obediência disciplinada com que a direção intelectual assegura a vitória. Quem decide é o comando espiritual».<sup>270</sup>

Em contrapartida, Pio XI afirma na sua encíclica que o homem possui direitos recebidos por Deus, a partir do direito natural «inscrito pela mão do Criador no coração humano (Rm 3,14s)».<sup>271</sup> Confundir o direito com a utilidade, tem consequências funestas, tal como as guerras e a violação da dignidade/liberdade dos homens.

É, portanto, a partir desta verdade, que o bem comum pode ser determinado e reconhecido para o desenvolvimento e perfeição natural e sobrenatural do homem.<sup>272</sup> Assim, frente à perseguição da política nazi contra a doutrina cristã, especialmente no campo da educação, Pio XI afirma que é contrário à lei natural a violação do direito de professar e viver a própria fé.<sup>273</sup> O Estado não pode substituir-se nem violar aos pais «o direito originário de educar os filhos que Deus lhes deu, na fé e nos princípios que professam»<sup>274</sup>. A coerção desse direito é intrinsecamente imoral.<sup>275</sup>

Por outro lado, para contrariar a influência nazi sobre a massa juvenil exercida pelos meios de comunicação (imprensa e rádio), exorta-a a aspirar à verdadeira liberdade e ao verdadeiro sentimento de patriotismo, que não pode coincidir com o abandono da verdade e dos princípios evangélicos, mas antes na defesa heroica da inocência batismal: «Quem canta o hino de fidelidade à pátria terrestre, não deve ser, por infidelidade a Deus e à Igreja, desertor e traidor à pátria celeste. Fala-se-vos muito em grandeza heroica contrária, segundo se diz, conscienciosa e mentirosamente, à humildade e à paciência evangélicas».<sup>276</sup>

Finalmente, dirige uma exortação aos sacerdotes, aos religiosos e aos leigos católicos, baseada na correlação entre caridade e verdade. Aos primeiros cabe continuar a dar exemplo da dedicação quotidiana, paciência apostólica e misericordiosa caridade. A caridade evangélica, em particular, unida ao perdão, é a arma contra o ódio e as injustiças sofridas. Todavia, a caridade não pode prescindir da defesa e da aplicação da verdade, nem da luta

---

<sup>270</sup> Hitler, *A Minha Luta-Mein Kampf*, 335-336.

<sup>271</sup> Cf. Lemanzuk Fraga Caetano, *Mein Kampf* e o Ideário Nazista, 15.

<sup>272</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 35, 543; AAS 1937, vol.29, 160.

<sup>273</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 36, 543; AAS 1937, vol.29, 160.

<sup>274</sup> Pio XI, *Mit brennender sorge* 37, 543; AAS 1937, vol.29, 160.

<sup>275</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 37, AAS 1937, vol.29, 160.

<sup>276</sup> Pio XI, *Mit brennender sorge* 41, 545; AAS 1937, vol.29, 161.

contra o erro: «Renunciar a isto seria não só trair a Deus e a sua santa vocação, mas também o verdadeiro bem do povo e da pátria».<sup>277</sup>

O Sumo Pontífice exorta assim os fiéis católicos da Alemanha nazi a permanecerem unidos à fé e à Igreja, aderindo ativamente à sua missão, unindo o apostolado à santificação própria.<sup>278</sup>

Podemos dizer que esta preocupação pela unidade e correspondência entre fé e vida é uma constante no pensamento de Pio XI: a fé que se professa exige uma coerência na vida do fiel, traduzindo-se na defesa da doutrina e da moral cristã até a luta contra os sistemas político-económico-ideológicos que a elas se opõem, e no apostolado; como o apostolado e a ação social – a santificação da sociedade – não podem prescindir da santificação pessoal e da renovação espiritual interior.

### 3.2.2. A POSIÇÃO DE PIO XI CONTRA O COMUNISMO

Contra o comunismo e os seus princípios ateus, Pio XI redigiu a encíclica *Divini Redemptoris*,<sup>279</sup> que foi publicada a 19 de março de 1937. Tal como a ideologia nazi, segundo o Romano Pontífice, o comunismo despreza a fé e a doutrina católica,<sup>280</sup> pretende desvincular a civilização e a cultura humanística da religião e da moral cristã, fundamentadas na lei natural conforme a ordem estabelecida pelo Criador, e promover a descristianização da sociedade.<sup>281</sup>

Segundo o marxismo, a resolução dos diversos antagonismos sociais e políticos consiste na revolução que aniquile um dos fatores antagónicos. Como veremos, no que diz respeito ao capitalismo, a propriedade privada é vista como a alienação do homem e do seu trabalho. Não sendo possível, na ideologia comunista, conciliar a propriedade privada com o homem, o processo histórico deve conduzir à aniquilação da propriedade privada. A este seguir-se-á a superação, com a forma de um Estado novo, que consiste na sociedade comunista.<sup>282</sup> Ora, o humanismo marxista exige, tanto o comunismo, para a eliminação da alienação económica (propriedade privada), bem como o ateísmo e a aniquilação da religião, ao fim de alcançar a reconquista da natureza humana. Para Marx, a religião é uma alienação

---

<sup>277</sup> Pio XI, *Mit brennender sorge* 42, 547; AAS 1937, vol.29, 163.

<sup>278</sup> Cf. Pio XI, *Mit brennender sorge* 42, 547-548; AAS 1937, vol.29, 163.

<sup>279</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris*, Cf. Documentos de Pio XI (1922-1939), Paulus, São Paulo, 2004, 554-600; AAS 1937, vol.29, 65-106, acedido a 20 de junho de 2022, <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-29-1937-ocr.pdf>.

<sup>280</sup> Cf. Gregorio Rodriguez de Yurre, *El marxismo I* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1976), 100.

<sup>281</sup> Cf. Pio XI, *Divini Redemptoris* 7, 556; AAS 1937, vol.29, 68-69.

<sup>282</sup> Cf. Yurre, *El marxismo I*, 99.

da natureza humana: Deus não é outra coisa senão o homem alienado. Por isso, a reconquista do homem só poderá acontecer mediante a aniquilação de Deus e da religião.<sup>283</sup>

O Estado é igualmente entendido como uma alienação da sociedade ou do povo. Daí que a reconquista da comunidade humana só pode ser alcançada mediante a aniquilação do Estado, visto como uma entidade essencialmente opressora.<sup>284</sup> O que está na base deste processo necessário de aniquilação dos opostos reside na identidade da essência entre o indivíduo e a sociedade. O indivíduo e a sociedade formam uma mesma essência, a diferença dá-se só na sua existência. Deste modo, não será necessário eliminar nenhuma das duas, pelo facto de não se oporem, mas sim tudo aquilo que não permita formar uma sociedade comunista, onde a comunidade é para todos os homens e estes são todos para a comunidade.<sup>285</sup>

À luz desses pressupostos compreendemos que um dos objetivos principais da encíclica referida consiste em desmascarar os sofismas práticos e teóricos do comunismo, mostrando como estes se baseiam «nos princípios e métodos da ação do bolchevismo»,<sup>286</sup> sendo completamente contrários à doutrina da Igreja e perniciosos para o próprio desenvolvimento da sociedade.

Tal como o nazismo, segundo Pio XI, o comunismo espalhou a sua doutrina aproveitando-se do mal-estar, da penúria e do desânimo em que se encontram as massas trabalhadoras, devido à exploração do sistema capitalista. Nessa situação, o comunismo encontrou um terreno fértil para se apresentar «sob a máscara de redenção dos humildes»<sup>287</sup>. Propôs, assim, «um pseudo-ideal de justiça, de igualdade e de fraternidade universal no trabalho»,<sup>288</sup> carregando a sua doutrina de um «misticismo hipócrita, que às multidões seduzidas por promessas falazes e, como que estimuladas por um contágio violentíssimo, lhes comunica um ardor e entusiasmo irreprimível».<sup>289</sup>

Assim, Pio XI põe de manifesto o materialismo que está na base da filosofia comunista e mostra que esta elimina qualquer origem e finalidade transcendente do homem:

«Ora, a doutrina que os comunistas em nossos dias espalham, proposta muitas vezes sob aparências capciosas e sedutoras, funda-se de facto nos princípios do materialismo chamado dialético e histórico, ensinado por Karl Marx, de que os teóricos do bolchevismo se gloriam de possuir a única interpretação genuína. Essa

---

<sup>283</sup> Cf. Yurre, *El marxismo I*, 100.

<sup>284</sup> Cf. Yurre, *El marxismo I*, 100.

<sup>285</sup> Cf. Yurre, *El marxismo I*, 100.

<sup>286</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 7, 558; AAS 1937, vol.29, 68-69.

<sup>287</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 8, 558; AAS 1937, vol.29, 69.

<sup>288</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 8, 558; AAS 1937, vol.29, 69.

<sup>289</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 8, 558; AAS 1937, vol.29, 69.

doutrina proclama que não há mais que uma só realidade universal, a matéria, formada por forças cegas e ocultas, que, através da sua evolução natural, se vai transformando em planta, em animal, em homem [...]». (Pio XI, *Divini Redemptoris* 9, 559; AAS 1937, vol.29, 69.)

Importa referir que a noção de «materialismo histórico» não se encontra em Marx, mas sim em Engels, o qual denominou desse modo a teoria marxista para a distinguir da filosofia idealista de Hegel.<sup>290</sup> Tal expressão serve para indicar que o desenrolar da história não é um processo autónomo do espírito ou da ideia, mas sim um processo vinculado à relação do homem com a natureza, sendo esta relação encerrada no modo de produção.<sup>291</sup> Deste modo, o homem fica vinculado à natureza material.

Por sua vez, o materialismo histórico é também dialético, na medida em que o antagonismo fundamental é o que surge no desenvolvimento de estruturas e infraestruturas que regulam as relações sociais.<sup>292</sup> Uma manifestação deste antagonismo fundamental é a luta de classes, motor da história. A natureza é entendida como uma realidade em si mesma, anterior e independente do homem.<sup>293</sup> Deste modo, Pio XI explica, portanto, que essa doutrina destrói em primeiro lugar os fundamentos da antropologia cristã, na medida em que a sociedade humana é entendida como «uma aparência ou forma da matéria, que vai evolindo... e, por uma necessidade invencível e um perpétuo conflito de forças, vai pendendo para a síntese final: uma sociedade sem classes».<sup>294</sup>

Daí que a doutrina comunista, fundamentalmente ateia, desconstrói os pilares da teologia católica acerca da transcendência, da natureza do homem e do sentido da sua origem e do seu fim, bem como os princípios da moral. Com efeito, na filosofia marxista, o indivíduo humano carece de um fim pessoal, sendo apenas um número de uma massa e um meio para a realização da espécie. Negando a existência de um fim último pessoal, o homem torna-se um meio para a nação, para o Estado e para o progresso, e não um fim ao qual devam subordinar-se as instituições sociais.<sup>295</sup> Chega-se assim ao trans-personalismo, que nega um princípio fundamental da filosofia social do cristianismo e da noção de salvação. Com efeito, para o cristianismo, a salvação pessoal do homem não é fruto de nenhuma realidade meramente terrena, nem está refém de entidades ou coletividades que existem no seio do tempo e da

---

<sup>290</sup> Engels, *Anti-Dühring*, t.20, 25. Cf. de Yurre, *El marxismo I*, 126.

<sup>291</sup> Cf. Yurre, *El marxismo I*, 126.

<sup>292</sup> Cf. Yurre, *El marxismo I*, 126-127.

<sup>293</sup> Cf. Yurre, *El marxismo I*, 127.

<sup>294</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 9, 559; AAS 1937, vol.29, 70.

<sup>295</sup> Cf. Yurre, *El marxismo II*, 490.

história. Tais realidades são apenas um meio, pois o ser da pessoa humana tem um fim e um valor meta-histórico.<sup>296</sup>

O princípio acima referido, na perspectiva católica, deve estar na base da organização das sociedades, das suas estruturas e da sua conduta, cuja norma fundamental é o serviço da pessoa humana, tanto ao nível individual, como coletivo. A encarnação destas exigências encontra-se no direito natural e constitui o ingrediente principal do chamado bem comum, entendido não como uma realidade transpessoal, mas uma realidade destinada ao aperfeiçoamento do ser humano, pessoal e comunitário<sup>297</sup>. Podemos dizer que a visão transpersonalista da ordem social e política, que reduz o homem ao papel infra-humano, isto é, como meio para entidades coletivas, e não como centro da vida social, está na base de totalitarismos como o fascismo ou nazismo por um lado, e o comunismo, por outro.<sup>298</sup>

Esse trans-personalismo tem repercussões também no plano ético. No pensamento marxista, tanto a salvação, como a moral são entendidas como algo social e externo ao homem e à sua consciência, uma vez que o mal e a redenção são inseridos no processo histórico e são independentes das intenções individuais.<sup>299</sup> Na visão marxista, o «pecado original» reside na propriedade privada, nos seus meios de produção e na sequência dos efeitos que desencadeia, tais como: classes antagónicas, exploração, coisificação de realidades humanas, alienação do homem. A cessação desses males consistirá na evolução necessária das forças produtivas e na revolução mundial, que dará lugar à nova sociedade comunista. Ora, todo este processo é exterior à consciência humana. A salvação está na nova sociedade que iluminará o processo histórico.<sup>300</sup>

Vale a pena citar diretamente as palavras de Pio XI, que sintetizam os pressupostos e os objetivos marxistas:

«É, pois, evidente que neste sistema não há lugar sequer para a ideia de Deus; é evidente que entre espírito e matéria, entre alma e corpo não há diferença alguma; que a alma não sobrevive depois da morte, nem há outra vida depois desta. Além disso, os comunistas, insistindo no método dialético do seu materialismo, pretendem que o conflito, a que acima Nos referimos, o qual levará a natureza à síntese final, pode ser acelerado pelos homens. É por isso que se esforçam por tornarem mais agudos os antagonismos que surgem entre as várias classes, da sociedade, porfiando porque a luta de classes, tão cheia, infelizmente, de ódios e de ruínas, tome o aspeto de uma guerra santa em prol do progresso da humanidade; e até mesmo, porque todas as barreiras que se opõem a essas sistemáticas violências,

---

<sup>296</sup> Cf. Yurre, *El marxismo II*, 490-491.

<sup>297</sup> Cf. Yurre, *El marxismo II*, 491.

<sup>298</sup> Cf. Yurre, *El marxismo II*, 491.

<sup>299</sup> Cf. Yurre, *El marxismo II*, 491.

<sup>300</sup> Cf. Yurre, *El marxismo II*, 491-492.

sejam completamente destruídas, como inimigas do gênero humano». (Pio XI, *Divini Redemptoris* 9, 559-560; AAS 1937, vol.29, 70.)

Como vemos, para o Romano Pontífice, é próprio do comunismo suscitar e promover conflitos e guerras, com base na sua própria doutrina que, enganosamente promete o paraíso na terra, divinizando a própria história. A salvação, na visão comunista, não afeta apenas o homem enquanto pessoa, mas também a sociedade, sendo que a mesma um dia cairá no nada. Na ideia comunista, só pode ser concebida uma salvação histórica que afete o ente social dentro dos limites da história. Todavia, não existe nenhum conceito de salvação ou de responsabilidade transcendente ou metafísica que supere os limites do processo histórico.<sup>301</sup> A partir dos seus pressupostos ateus, o comunismo despoja o homem da sua liberdade e da sua dignidade, na medida em que elimina a sua dimensão espiritual e os princípios transcendentais da ordem moral, entregando-os «aos assaltos do instinto cego».<sup>302</sup> O homem é reduzido pelo comunismo a uma roda de toda a engrenagem ou a uma partícula de um processo que irá desembocar no nada.<sup>303</sup> Tudo isso aniquila a dignidade do homem, enquanto indivíduo e os direitos naturais, que procedem da sua natureza, para serem atribuídos à coletividade.<sup>304</sup>

A negação da dignidade e dos direitos do indivíduo, unida ao princípio da igualdade absoluta, - explica Pio XI – destrói as relações entre os cidadãos «rejeitando toda a hierarquia e autoridade, que proceda de Deus, e até mesmo a dos pais».<sup>305</sup> Eliminando qualquer dependência e vinculação à religião e à família, a soberania e a autoridade são transferidas para a sociedade «como primeira e única fonte». É com base nestes princípios que o comunismo nega aos indivíduos o direito à propriedade privada:

«Nem aos indivíduos se concede direito algum de propriedade sobre bens naturais ou sobre meios de produção; porquanto, dando como dão origem a outros bens, a sua posse introduz necessariamente o domínio de um sobre os outros. E é precisamente por esse motivo que afirmam que qualquer direito de propriedade privada, por ser a fonte principal da escravidão econômica, tem que ser radicalmente destruído». (Pio XI, *Divini Redemptoris* 10, 560; AAS 1937, vol.29, 70.)

As consequências da rejeição do carácter sagrado da vida humana são catastróficas também para a natureza jurídico-moral do matrimónio e da família, entendida apenas como

---

<sup>301</sup> Cf. Yurre, *El marxismo II*, 492.

<sup>302</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 10, 560; AAS 1937, vol.29, 70.

<sup>303</sup> Cf. Yurre, *El marxismo II*, 492.

<sup>304</sup> Cf. Pio XI, *Divini Redemptoris* 10, 560; AAS 1937, vol.29, 70.

<sup>305</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 10, 560; AAS 1937, vol.29, 70.

«uma instituição civil e artificial, fruto de um determinado sistema económico».<sup>306</sup> É evidente que, sendo eliminados os fundamentos desses vínculos, também é negada a sua indissolúvel perpetuidade.<sup>307</sup>

O passo sucessivo da doutrina comunista é aniquilar o laço da mulher com a família e com o lar, proclamando perniciosamente o princípio da emancipação completa da mulher. Desvinculada da vida doméstica e do cuidado dos filhos, a mulher é atirada para a agitação da vida pública e da produção coletiva, na mesma medida que o homem.<sup>308</sup> Para Marx, a divisão do trabalho destrói a igualdade, criando uma estratificação profissional e uma hierarquização social; poe outras palavras, castas. Na obra, *O capital*, afirma este conceito e estende o à família: desde a simples célula familiar e a comunidade primitiva temos a divisão em sexos, uma divisão imposta pela natureza; logo vem a divisão em tribos, que adquire um carácter pejorativo à medida em que temos tribos vencedoras e tribos vencidas.<sup>309</sup> Ora «a divisão do trabalho reduz os trabalhadores a uma função degradante. A esta função degradante corresponde uma alma depravada».<sup>310</sup>

Pio XI contesta que, retirado ao lar familiar o cuidado e a educação dos filhos, estes se tornam direito exclusivo da comunidade e, por conseguinte, só em nome e por delegação dela tal cuidado e educação podem exercidos.<sup>311</sup> Baseada nos fundamentos materialistas, a hierarquia da coletividade deriva e está submetida ao sistema económico.<sup>312</sup> Eliminando qualquer origem e horizonte transcendente, a sociedade tem como única missão «a produção de riqueza por meio do trabalho coletivo, e único fim o gozo dos bens da terra num paraíso ameníssimo de delícias onde cada qual *produziria conforme as suas forças e receberia conforme as suas necessidades*».<sup>313</sup>

Tudo isso é, como explica o Romano Pontífice, um engano para entregar à coletividade «o direito, ou antes a arbitrariedade quase ilimitada, de sujeitar os indivíduos ao jugo do trabalho coletivo, sem a menor consideração pelo seu bem-estar pessoal».<sup>314</sup> O Estado adquire, então, indevidamente o direito de forçar os indivíduos contra a sua vontade, podendo até valer-se do uso da violência. Contudo, na doutrina comunista, uma vez que a origem do Estado é entendida como a cisão da sociedade em classes antagónicas, e como um meio de

---

<sup>306</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 10, 560; AAS 1937, vol.29, 70.

<sup>307</sup> Cf. Pio XI, *Divini Redemptoris* 10, 560; AAS 1937, vol.29, 70.

<sup>308</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 10, 560; AAS 1937, vol.29, 70.

<sup>309</sup> Cf. Yurre, *El marxismo II*, 195.

<sup>310</sup> Karol Marks, *O Capital*, t.2, 50, Cf. Yurre, *El marxismo II*, 195.

<sup>311</sup> Cf. Pio XI, *Divini Redemptoris* 11, 560-561; AAS 1937, vol.29, 71.

<sup>312</sup> Cf. Pio XI, *Divini Redemptoris* 11, 560; AAS 1937, vol.29, 71.

<sup>313</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 12, 561; AAS 1937, vol.29, 71.

<sup>314</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 12, 561; AAS 1937, vol.29, 71.

domínio da classe capitalista, o próprio Estado deverá por fim ser suprimido através da ditadura do proletariado, que acabará com as hierarquias e a estratificação social.<sup>315</sup> Uma vez atingido a sociedade utópica, sem distinção de classes, até o próprio Estado político «perderá totalmente a razão de ser e, por necessidade natural, se dissolverá!».<sup>316</sup> Entretanto, enquanto se não tiver chegado a essa idade de ouro, «os comunistas empregam o governo e o poder público como o mais eficaz e universal instrumento, para atingirem o seu fim».<sup>317</sup>

Na sociedade comunista, tanto a moral como a ordem jurídica, não derivam de uma realidade e duma vontade divina transcendente, mas sim do sistema económico do tempo. Por conseguinte, a moral e a ordem jurídica são valores terrestres transitórios e mutáveis. Em suma, explica o Papa, a doutrina comunista pretende introduzir uma nova ordem de coisas e inaugurar uma era nova da mais alta civilização que é produto unicamente duma cega evolução da natureza: «uma humanidade que tenha expulsado Deus da terra».<sup>318</sup>

Deste modo, a doutrina comunista apresenta-se como uma religião ateia, pregando à humanidade um «novo evangelho», dotado de uma «mensagem salvadora de redenção».<sup>319</sup> Neste sentido, a doutrina e o sistema comunistas são opostos à Revelação e têm como fim a destruição dos fundamentos da sociedade, rejeitando e negando os direitos, a dignidade e a liberdade da pessoa humana.<sup>320</sup>

Consciente da facilidade com que sobretudo os jovens (tanto do sector intelectual, como operário), já fortemente provados pela crise económica e desejosos de mudanças, podiam deixar-se extraviar pelas perspectivas comunistas tornando-se eles mesmos apóstolos do comunismo, o Papa chama a atenção acerca dos meios usados pela propaganda comunista:

«Além disso, os arautos do comunismo não ignoram que podem tirar partido, tanto dos antagonismos de raça como das dissensões e lutas em que se entrecrocavam diferentes facções políticas, como enfim daquela desorientação que lavra no campo da ciência, onde a própria ideia de Deus emudece, para se infiltrarem nas Universidades e corroborarem os princípios da sua doutrina com argumentos pseudocientíficos». (Pio XI, *Divini Redemptoris* 15, 563; AAS 1937, vol.29, 73.)

O comunismo, afirma Pio XI, acelera o processo de descristianização, precisamente porque se opõe, pela sua própria natureza, a qualquer religião, considerada como o «ópio do

---

<sup>315</sup> Cf. Yurre, *El marxismo II*, 199.

<sup>316</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 13, 562; AAS 1937, vol.29, 72.

<sup>317</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 13, 562; AAS 1937, vol.29, 72.

<sup>318</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 12, 562; AAS 1937, vol.29, 72.

<sup>319</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 14, 562; AAS 1937, vol.29, 72.

<sup>320</sup> Cf. Pio XI, *Divini Redemptoris* 14, 562; AAS 1937, vol.29, 72.

povo».<sup>321</sup> Mas, ao mesmo tempo, apresenta-se como uma religião, com os seus dogmas e preceitos, que na realidade, «apartam os homens da realização daquele futuro paraíso, que são obrigados a conseguir na terra».<sup>322</sup> Com efeito, para Marx, a missão do homem não é conhecer o mundo, mas transformá-lo. O homem é definido por Marx, como «o ser supremo para o homem»<sup>323</sup>, enquanto ser social, ao passo que a religião é uma criação, que o escraviza e o aliena. Para reconquistar a sua essência humana é preciso provocar a ação revolucionária contra a ordem capitalista. Ora, a religião, pregando a paciência e a submissão, com a promessa de uma recompensa pelos sofrimentos padecidos e uma felicidade celeste, leva o coração do povo a uma falsa consolação, isto é, à justificação da ordem existente. Deste modo, desorienta o homem no seu pensamento e na sua ação.<sup>324</sup>

Diante dessa inversão de valores, o Sumo Pontífice volta a ordenar e esclarecer os princípios básicos da teologia e da antropologia cristã, nomeadamente acerca da origem, da dignidade e do fim do homem, contra o materialismo ateu:

«O homem tem uma alma espiritual e imortal; e, assim como é uma pessoa, dotada pelo supremo Criador de admiráveis dons de corpo e de espírito, assim se pode chamar, como diziam os antigos, um verdadeiro microcosmo [...] Não somente nesta vida mortal, mas também na que há de permanecer eternamente, o seu fim supremo é unicamente Deus; e, tendo sido elevado pela graça santificante à dignidade de filho de Deus, é incorporado no Reino de Deus, no corpo místico de Jesus Cristo». (Pio XI, *Divini Redemptoris* 27, 569-570; AAS 1937, vol.29, 78.)

A partir deste conteúdo fundamental da Revelação, o Papa vai defender os direitos e as prerrogativas que dizem respeito à natureza do homem: «Consequentemente, dotou-o Deus de múltiplas e variadas prerrogativas, tais como: direito à vida, à integridade do corpo, aos meios necessários à existência; direito de tender ao seu último fim, pelo caminho traçado por Deus; direito enfim de associação, de propriedade particular, e de usar dessa propriedade».<sup>325</sup> À luz da sua origem divina, volta a afirmar os direitos e as prerrogativas fundamentais do matrimónio e da família, os quais derivam «não do arbítrio humano, nem de fatores económicos, senão do próprio Criador supremo de todas as coisas».<sup>326</sup>

Por ordem de ideias, depois de expor a origem, o sentido e o fim da pessoa humana – do indivíduo - e da família, o Papa explica qual deve ser o princípio da relação e da integração

---

<sup>321</sup> Está expressão tem origem na época de 1839-1942, quando, durante a guerra entre Inglaterra e China por causa do ópio, o imperador chinês proibiu o comércio do ópio, devido às catastróficas consequências que causava à população. O termo foi assumido pelos intelectuais de esquerda da época para acusar a religião de ser o ópio da inteligência humana e do homem narcotizando a ~sua consciência. Cf. Yurre, *El marxismo II*, 67.

<sup>322</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 22, 567; AAS 1937, vol.29, 76.

<sup>323</sup> Karol Marks, *Werke*, t. 1, p. 385, Cf. Yurre, *El marxismo II*, 67.

<sup>324</sup> Cf. Yurre, *El marxismo II*, 67.

<sup>325</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris*, 27, 569-570; AAS 1937, vol.29, 78.

<sup>326</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 28, 570; AAS 1937, vol.29, 78-79

do homem, enquanto ser social, na sociedade civil, salvaguardando-o, porém, dos excessos do liberalismo individualista:

«Mas Deus destinou igualmente o homem para a sociedade civil, que a sua mesma natureza reclama. É que, no plano do Criador, a sociedade é um meio natural, de que todo o cidadão pode e deve servir-se para a consecução do fim que lhe é proposto, pois a sociedade civil existe para o homem e não o homem para a sociedade. Isto, porém, não se deve entender no sentido do liberalismo individualista, que subordina a sociedade à utilidade egoísta do indivíduo, mas sim no sentido que, mediante a união orgânica com a sociedade, todos possam, pela mútua colaboração, alcançar a verdadeira felicidade terrestre; e que, por meio da sociedade, floresçam e prosperem todas as aptidões individuais e sociais, dadas ao homem pela natureza, aptidões que transcendem o imediato interesse do momento, e refletem na sociedade a perfeição divina: o que no homem isolado de modo nenhum se pode verificar. Mas até este último objetivo da sociedade é, em última análise, ordenado ao homem, para que reconheça este reflexo da perfeição divina, e o desenvolva assim em louvor e adoração ao Criador. É que só o homem, e não qualquer sociedade humana por si, é dotado de razão e de vontade moralmente livre». (Pio XI, *Divini Redemptoris* 29, 570-571; AAS 1937, vol.29, 79.)

Este princípio transcendente, constitui o fundamento da liberdade humana e da relação do homem com a sociedade civil, harmonizada pelos imutáveis princípios da verdade e da caridade, que a nenhum programa de partido é lícito violar.<sup>327</sup>

Assim, à luz da doutrina da Igreja, encontra-se o equilíbrio das relações entre o indivíduo e o Estado, entre o sujeito e a coletividade e, finalmente, a conciliação da verdade com a justiça:

«Esta doutrina é igualmente distante de todos os extremos do erro como de todas as exagerações dos partidos ou sistemas que a eles aderem, conserva sempre o equilíbrio da verdade e da justiça; reivindica-o na teoria, aplica-o e promove-o na prática, conciliando os direitos e os deveres de um com os dos outros, como a autoridade com a liberdade, a dignidade do indivíduo com a do Estado, a personalidade humana no súdito com a representação divina no superior, e, por conseguinte, a sujeição devida e o amor ordenado de si mesmo, da família e da pátria, com o amor das outras famílias e dos outros povos, fundado no amor de Deus, pai de todos, primeiro princípio e último fim». (Pio XI, *Divini Redemptoris* 34, 574; AAS 1937, vol.29, 82.)

Pio XI afirma que, todavia, tudo isso não se pode realizar senão através dum caminho da renovação espiritual, para que ao «exterior corresponda o interno esplendor de uma consciência reta e pura, que sente e cumpre todos os seus deveres sob o olhar de Deus».<sup>328</sup> E este caminho deve passar pelo desapego dos bens terrenos e a prática do preceito da caridade, contra a tentação do materialismo sedento de bens e prazeres da terra. O desapego das

---

<sup>327</sup> Cf. Pio XI, *Divini Redemptoris* 33, 573-574; AAS 1937, vol.29, 581-582.

<sup>328</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 43, 579; AAS 1937, vol.29, 87.

riquezas, que não significa deixar de esforçar-se para melhorar a própria condição, segundo as leis da caridade e da justiça, nem desinteressar-se pelos pobres. Estes, por sua vez, devem estimar «mais os bens espirituais que os bens e gozos terrenos».<sup>329</sup> Contra as promessas enganadoras do comunismo, que promete a plena felicidade, o paraíso, na vida terrena, o Sumo Pontífice volta a colocar o horizonte último da existência humana na futura realidade escatológica:

«Recordem-se, além disso, que jamais se logrará fazer desaparecer do mundo as misérias, as dores, as tribulações, a que estão sujeitos ainda aqueles que exteriormente parecem mais felizes. E assim, a todos é necessária a paciência, aquela paciência cristã que eleva o coração às divinas promessas de uma felicidade eterna... E não é esta uma consolação e promessa vã, como são as promessas dos comunistas; mas são palavras de vida, que encerram uma realidade suprema, palavras que se verificam plenamente aqui na terra e depois na eternidade».  
(Pio XI, *Divini Redemptoris* 45, 581; AAS 1937, vol.29, 88-89.)

É significativo, então, que, tal como na encíclica elaborada contra a ideologia nazi, Pio XI aborde na parte conclusiva da desta encíclica, o tema da caridade e a sua íntima relação com a justiça, e finalmente a natureza e fim da Ação Católica. A caridade é verdadeira a cura ou «remédio do mal»<sup>330</sup>; e unida, à justiça, torna-se o verdadeiro caminho para o equilíbrio de todo o corpo ou organismo social.<sup>331</sup> Todavia, ao colocar o acento na necessidade da transformação do coração humano, não deixa de denunciar as injustiças que afligem a sociedade:

«Mas, quando vemos dum lado uma multidão de indigentes que, por várias causas alheias à sua vontade, estão verdadeiramente oprimidos pela miséria, e do outro lado, junto deles, tantos que se divertem inconsideradamente e esbanjam enormes somas em futilidades, não podemos deixar de reconhecer com dor que não é bem observada a justiça, mas que nem sempre se aprofundou suficientemente o preceito da caridade cristã nem se vive conforme a ele na prática cotidiana». (Pio XI, *Divini Redemptoris* 47, 582; AAS 1937, vol.29, 89-92.)

Deste modo a caridade jamais será verdadeira caridade, se não tiver sempre em conta a justiça, sobretudo da parte dos empresários:

«Nem o operário precisa de receber como esmola o que lhe pertence por justiça; nem pode ninguém pretender eximir-se dos grandes deveres impostos pela justiça com pequeninas dádivas de misericórdia. A caridade e a justiça impõem deveres, muitas vezes acerca do mesmo objeto, mas sob aspetos diversos; e os operários, a estes deveres que lhes dizem respeito, são juntamente muito sensíveis, em razão da sua própria dignidade». (Pio XI, *Divini Redemptoris* 49, 584; AAS 1937, vol.29, 91.)

---

<sup>329</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 45, 581; AAS 1937, vol.29, 88.

<sup>330</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 46, 582; AAS 1937, vol.29, 89.

<sup>331</sup> Cf. Pio XI, *Divini Redemptoris* 51 e 53, 585.586; AAS 1937, vol.29, 92.93.

Uma vez esclarecidos os verdadeiros princípios da caridade e da justiça, conforme a doutrina social da Igreja, alerta os católicos acerca do disfarce usado pelo comunismo com obras caritativas para infiltrar-se em associações católicas e religiosas.<sup>332</sup>

Daí a urgência de os clérigos irem ao encontro dos operários e dos pobres para os prevenir e desenganar dos preconceitos e das falsas teorias. Caso contrário, chegarão a ser fácil presa dos apóstolos do comunismo, preocupando-se por reconquistar as massas dos trabalhadores para Cristo e para a Igreja, fazendo penetrar neles o espírito cristão.<sup>333</sup>

Aqui entra em jogo a importância da Ação Católica, vista pelo Papa como um «auxílio particularmente providencial»<sup>334</sup> para «difundir o Reinado de Jesus Cristo não só nos indivíduos, mas também na família e na sociedade».<sup>335</sup> Para atingir o seu fim, reitera a importância de formar e preparar os seus membros, para que possam dar a conhecer a solução dos problemas sociais em sentido cristão, através de círculos de estudos, cursos orgânicos de conferências e outras iniciativas.<sup>336</sup> Na linha dos seus antecessores, Pio XI dá muita importância aos fiéis leigos no apostolado social a Igreja, sobretudo para auxiliar os sacerdotes na missão de levar a luz da verdade e aliviar as graves misérias materiais e espirituais, em defesa do clero e da religião nas áreas descristianizadas e anticlericais. Ao mesmo tempo, sempre sob a direção dos sacerdotes, aos fiéis leigos incumbe a assistência religiosa às classes trabalhadoras para preservar os católicos da cilada comunista.

Ora, a função principal da Ação Católica, além deste apostolado individual, «muitas vezes oculto, mas sobremaneira útil e eficaz»<sup>337</sup>, é «disseminar amplamente, por meio da propaganda oral e escrita, os princípios fundamentais que hão de servir para a construção de uma ordem social cristã».<sup>338</sup>

As encíclicas referidas mostram a importância que Pio XI confere aos meios de comunicação para formar a consciência dos católicos, e reconquistar os que o deixaram de ser pela propagação do processo de secularização.

Finalmente, também na parte conclusiva desta encíclica, o Romano Pontífice insiste sobre o facto que nenhuma renovação da sociedade será possível sem uma renovação espiritual. Por isso, «deve o Estado deixar à Igreja plena liberdade de cumprir a sua missão divina e espiritual [...] o mal que se deve combater é antes de tudo, considerado em sua

---

<sup>332</sup> Cf. Pio XI, *Divini Redemptoris* 57, 588-589; AAS 1937, vol.29, 95.

<sup>333</sup> Cf. Pio XI, *Divini Redemptoris* 61.62, 590-592; AAS 1937, vol.29, 97-98.

<sup>334</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 64, 593; AAS 1937, vol.29, 99.

<sup>335</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 64, 593; AAS 1937, vol.29, 99.

<sup>336</sup> Cf. Pio XI, *Divini Redemptoris* 65, 593; AAS 1937, vol.29, 100.

<sup>337</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 66, 593; AAS 1937, vol.29, 100.

<sup>338</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 66, 593; AAS 1937, vol.29, 100.

primeira origem, um mal de natureza espiritual, e desta fonte é que brotam, por uma lógica diabólica, todas as monstruosidades do comunismo».<sup>339</sup> Podemos dizer, à luz dos documentos Papais referidos, que na doutrina social católica, a ação social da Igreja não pode limitar-se a uma luta contra os sistemas político-econômicos injustos, seguindo apenas «ideais terrenos» e em vista de objetivos «terrenos»:

«Proceder de outro modo e pretender ao mesmo tempo alcançar o fim com meios puramente econômicos e políticos, é ficar à mercê de um erro perigoso [...] Nem a força, ainda a mais bem organizada, nem os ideais terrenos, por mais grandiosos e nobres que sejam, podem dominar um movimento, que tem suas raízes precisamente na demasiada estima dos bens da terra». (Pio XI, *Divini Redemptoris*, 78, 598-599; AAS 1937, vol.29, 105.)

Como vemos, antes de mais, o Papa chama a atenção para a necessidade de um princípio de renovação interior e espiritual. Deste modo, a ação social e evangelizadora não pode prescindir do cultivar duma profunda vida espiritual.

### **3.3. A RECEPÇÃO DOS DOCUMENTOS PAPAIS PELOS BISPOS DA DIOCESE DE PRZEMYŚL**

Neste último ponto da nossa dissertação, tentaremos perceber de que modo a família Ulma pode ter bebido dos princípios de justiça, caridade e verdade, promovidos especialmente pelo magistério de Pio XI, formando a sua consciência enquanto cristãos e cidadãos responsáveis pelo destino dos outros. Certamente, os primeiros responsáveis pela difusão do magistério da Igreja nas igrejas locais são os bispos, que têm o múnus de governar, ensinar e santificar o rebanho a eles confiado. Por isso, veremos a importância e a influência que os bispos polacos da época tiveram sobre as associações católicas, especialmente aqueles com os quais seria possível relacionar a família Ulma.

No princípio do século XX, muitos bispos polacos se aplicaram no estudo das ciências sociais e realizaram um conjunto de atividades para a resolução de problemas práticos da vida pública. A experiência que adquiriram permitiu-lhes apreciar o papel das organizações católicas e sociais, que tinham o objetivo de reafirmar os valores religiosos e patrióticos na sociedade. Através dessas organizações, os bispos procuravam unir as diversas classes sociais na vida eclesial. Ao mesmo tempo, esforçaram-se por integrar de maneira eficaz o clero e os leigos católicos em grupos bem organizados, no modelo da Ação Católica.<sup>340</sup> Entre os

---

<sup>339</sup> Pio XI, *Divini Redemptoris* 77, 598; AAS 1937, vol..29,

<sup>340</sup> Cf. Witold Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i w działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, Premisla Christiana, Tom XIII (2008/2009), 187-188. acedido a 21 de junho de 2022,

promotores do pensamento e da ação social católica na Polónia, encontramos o bispo Józef Sebastian Pelczar (1842-1924), que foi nomeado bispo da diocese de Przemyśl, em que se inseria Markowa, precisamente no ano em que nasceu Józef Ulma.<sup>341</sup>

Segundo Witold Jedynek, o início do século XX na Galiza, região à qual pertencia Markowa, foi caracterizado pelo agravamento dos problemas sociais.<sup>342</sup> Nessa região, a complexa situação socioeconómica foi condicionada, por um lado, por um sistema capitalista avassalador; por outro lado, pela falta de indústria, pela falta de desenvolvimento do setor da agricultura e pela exploração das massas de agricultores e operários.<sup>343</sup> Sob o domínio austríaco, a Galiza tinha sido fortemente explorada e empobrecida através do peso dos impostos e com as recrutas de homens para o exército.<sup>344</sup> O analfabetismo tornou-se, por sua vez, um grave problema social, atingindo mais de metade da população no início do século XX. A difícil situação social proporcionou a praga do alcoolismo, que levou famílias inteiras à pobreza moral e material. A degradação social deu lugar a uma significativa emigração das massas, sobretudo juvenis, em busca de trabalho e melhores condições de vida.<sup>345</sup>

Após a Primeira Guerra Mundial, a Galiza adquiriu a sua autonomia política – embora mesmo durante o domínio austríaco gozasse de alguma autonomia. Deste modo, conseguiu renovar os setores da administração, da magistratura e do ensino, e desenvolver uma rica tradição nacional.<sup>346</sup> Os partidos políticos exerceram uma grande influência na vida social. Partidos e figuras políticas, liberais e socialistas, também marcaram a sua presença no palco da vida pública, na maioria das vezes com o apoio dos círculos da classe trabalhadora.<sup>347</sup>

Os movimentos populares, desenvolvidos em comunidades rurais, muitas vezes assumiram posições radicais, a fim de derrubar a ordem pública existente. As visões de

---

file:///C:/Users/user/Downloads/Premislia-Christiana-XIII%20(4).pdf

<sup>341</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i w działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 187-188.

<sup>342</sup> Cf. Witold Jedynek, *Troska biskupa Józefa Sebastiana Pelczara o katolickie wychowanie młodego pokolenia*, Cf. Resovia Sacra. Studia Teologiczno-Filozoficzne Diecezji Rzeszowskiej 8, 2001, 223, acedido a 21 de junho de 2022, [https://bazhum.muzhp.pl/media/files/Resovia\\_Sacra\\_Studia\\_Teologiczno\\_Filozoficzne\\_Diecezji\\_Rzeszowskiej/Resovia\\_Sacra\\_Studia\\_Teologiczno\\_Filozoficzne\\_Diecezji\\_Rzeszowskiej-r2001-t8-s223-t8/Resovia\\_Sacra\\_Studia\\_Teologiczno\\_Filozoficzne\\_Diecezji\\_Rzeszowskiej-r2001-t8-s223-234/Resovia\\_Sacra\\_Studia\\_Teologiczno\\_Filozoficzne\\_Diecezji\\_Rzeszowskiej-r2001-t8-s223-234.pdf](https://bazhum.muzhp.pl/media/files/Resovia_Sacra_Studia_Teologiczno_Filozoficzne_Diecezji_Rzeszowskiej/Resovia_Sacra_Studia_Teologiczno_Filozoficzne_Diecezji_Rzeszowskiej-r2001-t8-s223-t8/Resovia_Sacra_Studia_Teologiczno_Filozoficzne_Diecezji_Rzeszowskiej-r2001-t8-s223-234/Resovia_Sacra_Studia_Teologiczno_Filozoficzne_Diecezji_Rzeszowskiej-r2001-t8-s223-234.pdf)

<sup>343</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i w działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 188.

<sup>344</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i w działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 189.

<sup>345</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i w działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 189.

<sup>346</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i w działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 189.

<sup>347</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i w działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 190.

esquerda, em percentagens variadas, encontraram adeptos em diversos setores da sociedade, embora, na maior parte dos casos, sem assumir uma postura antirreligiosa, devido ao geral apego da sociedade aos valores cristãos. Com efeito, a Igreja Católica gozava já de uma posição privilegiada na sociedade polaca, tradicionalmente católica. Todavia, a Igreja encontrava também a relutância, e até a hostilidade, da parte de associações e ideologias anticristãs, simpatizantes principalmente dos círculos de liberais, socialistas e camponeses extremistas.<sup>348</sup> É possível reconduzir a origem dessa hostilidade à época do Josefismo, quando os austríacos usavam a autoridade e a influência do clero sobre a sociedade civil para apoiarem as ações administrativas do governo. Essa relação entre o governo e o clero fez com que, em certas faixas da população, os clérigos fossem vistos como partidários de um sistema injusto e prejudicial para a sociedade. Por outro lado, segundo o mesmo autor, durante essa época a compreensão do papel dos leigos na vida das comunidades eclesiais era precária.<sup>349</sup> Ao mesmo tempo, perante a difusão das ideias marxistas e socialistas, entre diversos âmbitos da sociedade que lutavam contra a pobreza e viviam em condições que ofendem a dignidade humana, muitos católicos entraram em organizações socialistas, que lhes prometiam alcançar a prosperidade já nesta terra. Nas estruturas partidárias, foram influenciados pela doutrinação ideológica e empurrados para a luta de classes.<sup>350</sup>

Compreendendo a gravidade da situação, Dom Pelczar procurou aliar os princípios e a ação social da Igreja à necessidade de reformas das estruturas sociais e fortalecer a ligação entre as classes individuais. Tentou, assim, promover o trabalho conjunto do clero e dos leigos para resolver a questão social, guiados principalmente pelo bem da Igreja e da própria pátria.<sup>351</sup> Segundo o bispo de Przemyśl, era impossível separar os assuntos religiosos dos existenciais, pois ambos têm um impacto sobre a vida concreta dos católicos. A Igreja devia, portanto, contribuir para a transformação do sistema social e implementar os princípios da doutrina social católica, baseada no Evangelho. Ao abordar os problemas dos leigos, o clero devia contribuir ativamente na transformação da estrutura terrena da Igreja, para esta se tornar uma comunidade mais fraterna de seguidores de Cristo, responsáveis pelo bem comum.<sup>352</sup>

---

<sup>348</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 190.

<sup>349</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 194.

<sup>350</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 196.

<sup>351</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 196-197.

<sup>352</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 196.

Deste modo, encorajou os padres e os intelectuais a trabalharem juntos, não somente como um só povo, mas sobretudo para o povo e com o povo.<sup>353</sup>

As ideias do bispo Pelczar encontraram a aprovação do setor intelectual. Durante o Congresso Mariano em Przemyśl, combinado com um comício de organizações católicas polacas em 1911, o Conde Stanisław Tarnowski, conhecido ativista social católico e presidente da Academia de Capacidades em Cracóvia, louvou o bispo pelo esforço de trabalhar para o povo e com o povo, enquanto a nobreza não estava ainda preparada para essa cooperação.<sup>354</sup>

Não há dúvida que o ensino e a atividade social do bispo Pelczar foram muito influenciados pelos ensinamentos do Papa Leão XIII, especialmente na sua encíclica *Rerum novarum*. Pelczar foi um dos primeiros bispos a difundir as ideias do Romano Pontífice na Polónia. Todavia, o documento Papal encontrou alguma oposição por uma parte do clero polaco, pois nem em todas as dioceses foi anunciado e lido oficialmente. A decisão de suspender a leitura da encíclica dos púlpitos foi tomada, por exemplo, pelo Metropolita de Lwów, Dom Seweryn Morawski (1819-1900).<sup>355</sup> Pelo contrário, Dom Pelczar considerava a dimensão teológica da Igreja inseparável da dimensão social, baseando-se no ensinamento de São Paulo, Apóstolo. Inspirando-se na teologia paulina, que compara a Igreja-sociedade com o corpo, mais especificamente o Corpo de Cristo (Cf. 1 Cor 12), acreditava que Deus distribui dons e talentos específicos a todos os fiéis. Isto torna-os aptos para desempenhar diversas tarefas na Igreja e no mundo. Trabalhando como um único corpo social-eclesiástico, os cristãos devem, cada um a seu modo, aplicar a riqueza dos dons recebidos para o crescimento e o fortalecimento do povo de Deus. Tal como no corpo humano cada órgão tem um objetivo específico a cumprir para o bem dos outros, assim também cada crente deve dar o seu próprio contributo para o *bonum commune* da Igreja.<sup>356</sup>

Além disso, Pelczar tentava difundir entre os seus fiéis a ideia de Igreja como uma Mãe e como família, sublinhando seu caráter solidário e comunitário, harmonizado com a dimensão hierárquica. A Igreja é uma Mãe fértil, que dá à luz os cristãos para viverem pela fé e cuida deles, tanto na sua dimensão espiritual como terrena, levando-os à felicidade eterna: «Amai a Igreja, porque ela é vossa mãe, venerável e cheia de amor. Esta mãe leva o homem,

---

<sup>353</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 197.

<sup>354</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 197.

<sup>355</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, nota n° 13, 197.

<sup>356</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 200.

desde o início, nos seus braços e o santifica, veste, alimenta, ensina, cuida e alegra, abençoando cada momento da sua vida».<sup>357</sup>

Convencido do enorme potencial do laicado católico, Dom Pelczar acreditava que só através da união do clero com as forças seculares a Igreja poderia corresponder às expectativas dos seus fiéis. Além disso, um leigo ativo, dedicado e bem preparado, tornar-se-ia o melhor defensor da religião católica contra os ataques de ideologias e sistemas hostis à Igreja. A dimensão teológica e doutrinal devia concretizar-se na vida pública, segundo os princípios morais da caridade e da justiça.<sup>358</sup> Deste modo, o bispo Pelczar deu um grande impulso para o funcionamento das organizações e grupos católicos que integravam ativamente os leigos. Durante o seu episcopado, a diocese de Przemyśl apoiou a fundação de associações católicas, que serviram sobretudo de contrapeso contra associações hostis à Igreja, entre as quais as Lojas maçónicas, socialistas e grupos radicais.<sup>359</sup>

Segundo Witold Jedynek, Dom Pelczar, consciente de que seria difícil para um só indivíduo alcançar objetivos sociais, aproveitou-se da situação favorável para criar e apoiar as atividades das organizações católicas. Durante o seu episcopado, verificou-se um aumento do número de grupos que trabalhavam para o bem comum da sociedade polaca, nomeadamente para o aumento da consciência religiosa, moral e patriótica. Contribuiu também para o fortalecimento do espírito apostólico da Igreja e para uma maior atividade dos leigos católicos. Além disso, com a ajuda de organizações católicas, queria fazer da paróquia não só uma comunidade religiosa, mas também social, para restabelecer os laços dos fiéis não só com o pároco, mas também entre si.<sup>360</sup>

Ao estabelecer novas associações, Dom Pelczar recomendou que elas influenciassem o desenvolvimento e aprofundamento da piedade dos fiéis, que promovessem a misericórdia ativa e contribuíssem para o desenvolvimento de uma maior atividade apostólica entre os leigos. Estimulou também a organização de fraternidades religiosas, que deveriam implementar, fortalecer e cultivar os valores religiosos e morais na vida individual, familiar e social.<sup>361</sup> Com este objetivo, Pelczar encarregou a União Católico-Social de desenvolver várias atividades em âmbito religioso, educativo, social, económico e nacional. A União

---

<sup>357</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 201.

<sup>358</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 201-202.

<sup>359</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 202.

<sup>360</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, p. 203.

<sup>361</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 205.

Católico-Social procurava unir os leigos católicos para que trabalhassem na mudança e na renovação das relações sociais, no espírito da justiça e amor cristão, mantendo-se, porém, afastados da atividade política.<sup>362</sup> Tentando promover a União Católico-Social, Dom Pelczar ordenou aos párocos que estabelecessem círculos em cada paróquia. Inicialmente, essas atividades encontraram um interesse moderado por parte de sacerdotes e fiéis.<sup>363</sup> Todavia, graças a intensas campanhas de consciencialização, o interesse do público pela organização foi paulatinamente crescendo.<sup>364</sup> Embora a associação não tivesse conseguido alcançar completamente as expectativas do seu fundador, acabou por ser um marco determinante no caminho para uma maior inclusão dos leigos da diocese de Przemyśl na pastoral social da Igreja.<sup>365</sup>

Não deixou, todavia, de alertar os fiéis face a organizações políticas hostis à Igreja, que tentavam limitar ao máximo a influência de tais valores na vida da sociedade católica, a fim de a levar gradualmente à sua secularização. Em contrapartida, lutou para fortalecer o vínculo entre a tradição e a cultura nacional com os valores cristãos. Num discurso de 1907, o bispo advertiu:

«Vemos que aqui em cima está a Maçonaria e os seus grupos relacionados; lá em baixo, o socialismo e o anarquismo que está por trás, que tentam arrancar de todas as almas a fé em Deus, e, como dizem, retirar o cristianismo da sociedade. Até hoje, a Maçonaria ainda não tem as suas lojas, mas já começa a contrabandear sob a bandeira do "Livre Pensamento", propagada especialmente entre os jovens maduros. Da mesma forma, o socialismo ainda não se ramificou amplamente; mas em aliança com o radicalismo polaco e russo, como também com o sionismo judaico, constitui uma falange perigosa».<sup>366</sup>

Analisando as palavras do bispo de Przemyśl, percebemos que certamente existia uma certa suspeita contra os judeus.

Em resumo, o bispo Pelczar acreditava que os católicos deviam participar ativamente na ação social da Igreja, contribuindo para elevar o padrão de vida religiosa e moral e a educação da sociedade, e melhorar as condições de vida das classes mais baixas, sob o olhar atento do clero.

---

<sup>362</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 205-206.

<sup>363</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 206.

<sup>364</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 207.

<sup>365</sup> Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 207

<sup>366</sup> O discurso do bp. Pelczar sobre a necessidade do trabalho católico-social, Cf. Jedynek, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemyskich biskupów-społeczników (w XX wieku)*, 207.

Anatol Nowak<sup>367</sup>, que assumiu o cargo de bispo de Przemyśl depois de Dom Pelczar, está também relacionado com o tempo em que viveu a família Ulma. Embora não tivesse tempo de introduzir mudanças significativas na diocese, devido ao breve período do seu episcopado, deixou a sua marca social no seu serviço como bispo da diocese de Przemyśl. Como Ordinário dessa diocese de Przemyśl, pôs em ordem a legislação diocesana e a administração das propriedades episcopais. Construiu um complexo de saúde para o clero, na qual foi incluída a famosa *Anatolówka*, que cuidava dos padres idosos e dos alunos doentes. Tal como em Cracóvia, em Przemyśl, tornou-se famoso pela sua dedicação aos pobres - por exemplo, fundou uma casa para servos católicos na cidade e construiu uma grande sala de reuniões para associações católicas.<sup>368</sup>

O bispo Nowak apoiou o desenvolvimento do apostolado dos leigos. Muitas vezes participava nas reuniões das principais organizações católicas, tais como: a Organização Nacional de Mulheres ou a Sociedade de S. Vicente à Paulo. Introduziu, ainda, na sua diocese, em 1930, a Ação Católica.<sup>369</sup> Mas, inicialmente, esta organização consistia em algumas associações independentes: União das Associações da Juventude Polaca Masculina e Feminina (Związek Stowarzyszeń Młodzieży Polskiej Męskiej i Żeńskiej); Liga Católica (Liga Katolicka) e Associação de Servidores Católicos (Stowarzyszenie sług katolickich).<sup>370</sup> Será o seu sucessor, o bispo Franciszek Barda, a personalidade que mais contribuiu para o desenvolvimento desta organização.<sup>371</sup>

Dom Franciszek Byrda ocupou o cargo de bispo de Przemyśl desde 1933 até 1964. Continuando a obra de A. Nowak, já num período em a organização da Ação Católica fora unificada na Polónia, transformou as organizações já existentes em: Associação Católica Masculina, Feminina, Jovens Masculinos e Femininos, guiadas por autoridades diocesanas.<sup>372</sup>

---

<sup>367</sup> Anatol Nowak nasceu em 26 de abril de 1862 em Kańczuga, que fica, mais ou menos, 9 km da Markowa. Ele estudou o ensino médio primeiro em Rzeszów e depois em Przemyśl. O curso de teologia Anatol Nowak concluiu em Cracóvia e lá foi ordenado sacerdote em 15 de agosto de 1885. Em 30 de dezembro de 1900 recebeu ordenação episcopal como bispo auxiliar de Cracóvia. Assim tornou-se um colaborador próximo de ambos os cardeais subsequentes da Cracóvia, Jan Puzyna e Adam Sapieha. Nos anos de 1901-1912 foi reitor do Seminário Maior da Arquidiocese de Cracóvia. Além da formação de seminaristas, esteve envolvido na criação de orfanatos e abrigos. Ele também me apoiou muito as atividades dos salesianos. Após a morte do Bispo Pelczar, em 30 de setembro de 1924 foi nomeado como bispo de Przemyśl. Faleceu em 5 de abril de 1933, dois dias após um ataque cardíaco fulminante.. Cf. Tomasz Pudłocki, *Anatol Nowak, biskup któremu zabrakło czasu*, in „Nasz Przemyśl” 2009, nr 12, s. 41, acessado a 22 de junho de 2022,

<http://www.pbp.webd.pl/tkop1/nowakanatol.pdf>

<sup>368</sup> Cf. Pudłocki, *Anatol Nowak, biskup któremu zabrakło czasu*, in „Nasz Przemyśl” 2009, nr 12, s. 41.

<sup>369</sup> Cf. Pudłocki, *Anatol Nowak, biskup któremu zabrakło czasu*, 41.

<sup>370</sup> Cf. Henryk Borcz, *Archidiecezja Przemyska. Zarys dziejów i organizacji*, Archiwa, Biblioteki i Muzea Kościelne, 79 (2003), nota 59, 48, acessado a 28 de abril de 2022, [file:///C:/Users/user/Downloads/document%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/document%20(3).pdf)

<sup>371</sup> Cf. Pudłocki, *Anatol Nowak, biskup któremu zabrakło czasu*.

<sup>372</sup> Cf. Borcz, *Archidiecezja Przemyska. Zarys dziejów i organizacji*.

Em 1934 surgiu, por meio dele, uma revista semanal, *Rola Katolicka*. Em junho 1936, organizou na sua diocese um Congresso Eucarístico que reuniu dezenas de milhares de pessoas. Um ano após o começo da II Guerra Mundial, Byrda introduziu na sua diocese a associação *Caritas* para uma melhor organização das atividades caritativas.<sup>373</sup>

Após o início da Segunda Guerra Mundial, quando foi estabelecida a fronteira no rio San entre a ocupação alemã e soviética, o que significava uma divisão da diocese, junto com vários padres, Byrda passou para a parte ocupada pelos alemães, onde, na realidade, se localizava a maior parte do território diocesano. Do lado soviético, toda a gerência passou para as mãos do bispo auxiliar W. Tomaka. Quando os Alemães iniciaram a guerra contra a Rússia, todo o território da diocese de Przemyśl foi ocupado pelos alemães. Em dezembro de 1941, bispo Byrda retornou à casa dos bispos na catedral e retomou o poder sob toda a diocese. Em 1940, sendo proibido o funcionamento dos seminários pelas autoridades nazis, os seminaristas continuaram a sua formação em Brzozów, num prédio que pertencia ao bispo. As condições materiais dos seminaristas, naquele sítio, eram muito precárias, além de viverem sob constante ameaça. Contudo, 93 alunos desse seminário, que podemos definir como clandestino, conseguiram completar os seus estudos, o que significou um sucesso no campo da educação.<sup>374</sup>

Como vemos, foi neste cenário conturbado e complexo que viveu e morreu a família Ulma.

---

<sup>373</sup> Cf. Borcz, *Archidiecezja Przemyska. Zarys dziejów i organizacji*.

<sup>374</sup> Cf. Tadeusz Śliwa, *Barda Franciszek (1880–1964)*, cf: Tekstowa kartoteka osobowa przemyslan, pod red. Anny Siciak – na stronie Przemyskiej Biblioteki Publicznej, aceso a 26 de abril de 2022 <http://www.pbp.webd.pl/tkop1/barda1.pdf>.

## CONCLUSÃO

A presente dissertação pretende mostrar a relevância do apostolado católico para a constituição da sociedade, a partir do caso concreto da família Ulma que, por sua vez, está ligado ao tema da formação e da consciência eclesial dos leigos. Podemos destacar três pontos relevantes que emergem da presente dissertação: em primeiro lugar, a importância da Ação Católica na formação dos católicos (especialmente leigos); em segundo lugar, a consciência da sua responsabilidade perante o mundo e de que modo a Ação Católica e os movimentos que surgiram nessa época ajudaram a própria Igreja a valorizar o papel dos leigos no apostolado da Igreja; finalmente, em terceiro lugar, a problemática da salvação e de como é que ela pode ser entendida como um catalisador da dinâmica humanizadora e civilizacional, numa época marcada por um processo de reorganização, tanto da sociedade, como da própria dinâmica eclesial. Todos os elementos referidos são fundamentais para compreender a decisão da família Ulma em acolher e proteger as famílias judaicas que bateram à porta da sua casa, a ponto de arriscar e, por fim, sacrificar a sua própria vida.

A análise do contexto sociocultural e religioso em que viveu a família Ulma, levou-nos a compreender que não eram apenas cristãos marcados por uma forte espiritualidade e devoção, mas também pessoas ativas na sociedade. Tudo isso nos levou a compreender que a sua espiritualidade deve ser enquadrada na época em que viveram, neste caso, profundamente articulada com a Ação Católica rural. Deixando de ser dois polos independentes, vê-se como a espiritualidade e a ação que marca a presença católica na sociedade realizam uma simbiose.

Ao nos debruçarmos sobre o surgimento e o desenvolvimento da Ação Católica, percebemos que na Polónia, ela teve uma configuração própria, distinta, por exemplo, da Ação Católica em Itália, ou noutros países. Nesse contexto, a Igreja católica e os movimentos de Ação Católica, em geral, desempenharam um papel decisivo em termos de impacto na sociedade. Mas, como procurámos mostrar, o desenvolvimento destas dinâmicas organizativas, tanto no universo devocional como no âmbito do desenvolvimento socioeconómico, estava profundamente ligado à presença e ação dos clérigos que tinham uma influência significativa.

Com efeito, tendo em conta as orientações dos Papas, desde Pio IX a Pio XI, os ditos movimentos deviam estar subordinados à orientação do clero. Por esta razão, as dinâmicas organizativas de cariz católico, foram fortemente influenciadas pelos párocos, sobretudo nos meios rurais. Os párocos eram os primeiros responsáveis pela formação religiosa da sociedade, mas também pelo progresso da sociedade em que viviam. O casal Ulma desenvolveu a consciência de batizados e da sua missão no mundo, graças sobretudo a um

pároco que os convidou a participar nas reuniões e que os apoiou na criação duma cooperativa. O que acabámos de referir é um aspeto muito próprio do catolicismo da época, nomeadamente na Polónia. A eclesiologia que fundamentava este tipo de movimentos subordinava a ação dos leigos à orientação do clero. Mas também a relação dos párocos com os movimentos rurais às vezes trazia muitos conflitos, conforme a sensibilidade e a mentalidade de cada pároco, como vimos no exemplo do pároco que acusou Józef de ser um comunista. À luz de tudo o que acabámos de referir, tornou-se indispensável oferecer um enquadramento a respeito da evolução da Ação Católica e da influência dos Romanos Pontífices, mas também da sua concretização na Polónia.

Desse modo, o segundo ponto que quisemos salientar no nosso estudo foi o nascimento, o desenvolvimento e a importância da Ação Católica, em geral, e dos movimentos de ação social católica, numa sociedade em que a Igreja tem de confrontar-se com correntes ideológicas e poderes políticos adversos. Quanto a esse desenvolvimento, destacamos sobretudo a consciência que a Igreja hierárquica foi adquirindo acerca do papel dos leigos na missão da Igreja, bem como dos princípios, objetivos e métodos da sua ação. Os precursores da Ação Católica no século XIX insistiam principalmente no aspeto da defesa da Igreja contra os ataques políticos ou ideológicos. E era sob este ponto de vista que se enquadrava a colaboração dos leigos, como vimos no magistério de Pio IX.<sup>375</sup>

Leão XIII, por sua parte, preocupou-se com a organização dessa ação dos católicos, deixando já as sementes duma evolução, a qual encontrou um terreno fértil no pontificado de Pio X: «Instaurar todas as coisas em Cristo», é um lema que vai além da mera defesa, introduzindo um programa de renovação religiosa em sentido mais amplo. Já na sua primeira encíclica sublinhou a obrigação que concerne a todos os fiéis católicos de integrar-se na ação apostólica. Por isso, elogiava as associações seculares que iam surgindo com diversos fins, em benefício da religião, embora frisando que todas elas deviam realizar-se de forma organizada sob a direção da hierarquia eclesiástica. Deste modo, Pio X foi um dos maiores impulsionadores da Ação Católica, concebida como um movimento essencialmente laical e apostólico.<sup>376</sup>

Vimos, porém, que é sobretudo sob o pontificado de Pio XI que a Ação católica se configurou nos parâmetros que conhecemos. Como afirma Congar, há três características fundamentais na conceção de Pio XI acerca da Ação católica. Em primeiro lugar, a insistência na sua natureza propriamente apostólica; em segundo lugar, a dimensão abrangente deste

---

<sup>375</sup> Cf. Joaquín Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea» Cf *História de la espiritualidade*, vol.II (Barcelona: J. Flores-Editora, 1969), 547-548.

<sup>376</sup> Cf. Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea», 548.

chamamento a todas as esferas da sociedade; finalmente, em terceiro lugar, a preocupação de envolver os leigos na obra eclesial, enquanto tarefa de todo cristão.<sup>377</sup> Apesar de, na linha dos seus predecessores, sublinhar que a ação dos leigos não pode prescindir da orientação da hierarquia eclesiástica, a compreensão da Ação católica como a participação ativa do laicado no apostolado hierárquico, representará a afirmação da consciência de que os leigos não são um sujeito passivo da Igreja. Pelo contrário, a Igreja espera deles uma presença atuante.<sup>378</sup>

Deste modo, o leigo alimenta-se do universo devocional e eclesial em que está envolvido, enquanto é por vocação alguém que deve intervir no mundo, a partir da sua condição de batizado. Toda a espiritualidade cristã se fundamenta na vida teologal, isto é, na “vida mais abundante” que se recebe no Batismo pela incorporação em Cristo e na Igreja. Todavia, esta vida deve manifestar-se no cumprimento da vontade de Deus através de uma situação concreta. Estas duas vertentes são inseparáveis e dizem respeito a toda a aspiração à santidade comunicada pelo Espírito Santo.<sup>379</sup> Podemos dizer que o conteúdo mais profundo da vida e da espiritualidade cristã é a caridade, na relação com Deus e com os outros. Um dos méritos dos movimentos da Ação Católica consiste precisamente na promoção e na insistência na importância fundamental da ação apostólica e, concretamente, no serviço aos outros.<sup>380</sup> Esta será a semente da relevância societária deste movimento, na medida em que sinaliza para os cristãos a necessidade de se envolver na vida pública como consequência da fé e à luz dos critérios cristãos.

Tal como afirmam os documentos do Magistério, a identidade e missão dos leigos decorre da condição de batizados. Mas a partir da sua consciência eclesial decorre também o sentido da sua vocação e do seu ministério da responsabilidade de ser alguém que tem o dever de intervir no mundo. Achamos que todo este enquadramento deve ser tido em conta para compreendermos tanto o empenho social da família Ulma, como a sua escolha de arriscar a sua própria vida para acolher e proteger as famílias judaicas. Ligado a esse acontecimento está, portanto, a problemática da experiência da salvação, um tema que como vimos, foi amplamente abordado por Pio XI, no confronto com o comunismo e o nazismo.

Outro objetivo relevante do nosso estudo foi, então, mostrar que o fator político é um elemento fulcral a ter conta para a Ação Católica na Europa e na Polónia, em particular, bem

---

<sup>377</sup> Cf. Y. Congar, «Jalons pour une théologie du laïcat», Cf. Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea», 548.

<sup>378</sup> Cf. Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea», 548.

<sup>379</sup> Cf. Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea», 546.

<sup>380</sup> Cf. Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea», 547.

como dos conflitos internos que se geraram e que dividiam os próprios católicos. Com efeito, a sociedade polaca, nomeadamente no período entre guerras, foi marcada por um profundo desenvolvimento da consciência nacional. Por isso, a complexidade da situação polaca ia além da mera questão dos judeus, que, como vimos, apesar de manterem um modo de vida muito próprio e, nalguns aspetos, “fechado”, viviam na Polónia e se consideravam polacos. Como referimos, estamos numa época em que a Polónia se vê confrontada pelas tentativas de hegemonia, quer alemã – que se desenvolveu no estilo de nazismo –, quer russa – que já naquela época era de chave comunista. Frente a estes poderes políticos com ambições expansionistas, a Polónia quis defender e afirmar a própria independência e identidade nacional. Ora, no nosso trabalho, pusemos o acento na problemática política, ideológica e religiosa que se gerou a partir do comunismo e do nazismo. Vimos que, na linha das encíclicas de Pio XI contra os princípios políticos, filosóficos e ideológicos dessas duas conceções políticas, os católicos, em geral, e os polacos em particular, irão desenvolver uma atitude adversa, visto que elas implicavam um desafio à experiência religiosa.

Todavia, à luz da diatribe entre Józef Ulma e o pároco de Markowa, que o acusou de ser comunista pela sua ligação ao movimento rural juvenil “Wici” e pelas suas ideias acerca do desenvolvimento sociocultural e económico da aldeia, na Polónia a realidade é muito complexa e dividida. Corroborámos este espeto através da análise de um artigo de 1945, que atacava duramente esse movimento, como proveniente do Partido Popular comunista, o qual alimentava ideais marxistas e tinha o objetivo de apoderar-se do poder político. Em contrapartida, apresentámos a defesa dos próprios membros dessas associações, a partir da análise dos seus estatutos. Sem tomar nenhuma posição pessoal da nossa parte, essa análise, ajudou-nos a compreender que, de facto, na Polónia, existiam aderentes às ideias comunistas, mesmo entre os católicos, embora mantendo uma grau elevado de nacionalismo. Sobretudo no contexto polaco, à luz do que analisámos, chegamos à conclusão de que a problemática do comunismo não pode ser abordada de forma simplista. É preciso olhar para o fenómeno do comunismo desde perspetivas distintas, a saber: o comunismo enquanto ideologia, que se desenvolve em regime, mas também na vertente das ideias que veiculavam no âmbito das problemáticas sociais.

Precisamente desde este último aspeto, ao consideramos o contexto da Polónia, pudemos constatar que, em certos casos, a questão do comunismo foi usada como uma arma de acusação contra aqueles movimentos que pretendiam desenvolver cultural e socialmente a sua aldeia ou realidade social, gerando contrastes e divisões entre os católicos. Essas divisões no ambiente católico verificavam-se também no que diz respeito à questão judaica. Na Polónia, há uma parte da Igreja claramente que se põe do lado pelos menos das populações

judias, precisamente por serem perseguidas. Mas há outra parte da população que, pelo contrário, aproveitou o nazismo para fortalecer um determinado poder, ou até alimentar o antisemitismo.

A análise da complexidade deste quadro social serve de base para compreender o clima que está no cerne do confronto entre Józef Ulma e o pároco de Markowa, mas também da sua decisão de acolher e proteger as famílias judaicas, que deve ser considerada tanto ponto de vista político, como, e sobretudo, do religioso ou salvífico e ético. Com efeito, a problemática da perseguição contra os judeus levantava questões relativas à experiência da salvação, mas também à humanização da sociedade.

À luz de tudo aquilo que formou a consciência religiosa e moral do casal Ulma, podemos afirmar que a sua experiência se inscreve num quadro salvífico. A fé desses leigos indicava que o caminho da salvação consistia, nessa época, em proteger os judeus que bateram à sua porta na tentativa de salvar a sua vida. É certo que, quando falamos de “salvação”, enquanto católicos, nos referimos em última instância à dimensão soteriológica e ao horizonte escatológico. Mas a dinâmica da salvação deve manifestar-se em experiências concretas. Esta íntima relação entre a salvação compreendida como uma realidade de ordem transcendente e a necessidade de se realizar em escolhas e atitudes concretas, está constantemente presente nos documentos Papais que referimos a propósito da Ação Católica, nomeadamente nos documentos de Pio XI. Veja-se, por exemplo, quando o Romano Pontífice, nas encíclicas contra as ideologias e as doutrinas do comunismo e contra o nazismo, pretende reafirmar a soberania de Deus sobre qualquer poder político humano, isto é, a supremacia do poder divino sobre a ordem humana; a doutrina católica acerca da origem e do fim do homem e da sociedade; a proeminência da Lei divina sobre a ordem natural, que deve ser a base das leis que regulam a ordem social; a doutrina católica acerca da salvação como horizonte ultraterreno. Mas, como vimos, o Papa não exorta os católicos só a defenderem e a espalharem a doutrina e a religião católica, mas também a que se oponham heroicamente contra esses regimes hegemónicos e totalitários, mesmo ao ponto de arriscar a própria vida, em vista da recompensa futura. Daí que a dinâmica da salvação esteja ligada à evangelização ou à cristianização da sociedade, que foi dos principais objetivos da Ação Católica.

Com efeito, as dinâmicas dos movimentos dessa época foram muitos importantes para estabelecer a festa de Cristo Rei. Esta festa nasce da perceção de que, diante do mundo, é necessário afirmar uma realidade fundamentada e sustentada na soberania de Jesus – embora não se trate da perceção de um Cristo “monárquico”. Neste sentido, numa época fortemente marcada pela reorganização das sociedades, nomeadamente da polaca, bem como da Igreja, em muitos casos através dos movimentos da Ação Católica, os leigos deram um contributo a

partir da sua própria condição, tendo como preocupação fundamental levar as pessoas a Cristo e ao seu Reino. Dito por outras palavras, diante dum mundo onde os leigos são vocacionados a estar e desempenhar o seu múnus, que ameaçava a experiência cristã, especialmente na Polónia, a dinâmica laical foi a oportunidade de levar a própria Igreja a valorizar esse “estar no mundo” como manifestação de uma ordem sustentada por Jesus. Estamos diante de movimentos que sinalizam a eclesiologia que sustentará a teologia do laicado no II Concílio do Vaticano.

Ora, essa tarefa própria dos leigos tem como elemento central a questão da salvação, a qual, por sua vez, impulsiona uma dinâmica civilizadora e humanizadora na medida em que leva os povos a tomarem consciência da sua responsabilidade para com os outros. De facto, a tarefa dos cristãos é humanizar a humanidade à luz da fé em Jesus e do sentido sobrenatural da vida cristã. Na nossa opinião, tal dimensão humanizadora e civilizacional manifestou-se claramente na tomada de posição de Józef e Wictoria Ulma quando, conscientes dos riscos que isso comportava – de serem descobertos e denunciados pelos mesmos habitantes de Markowa –, não só acolheram as famílias judaicas, mas também os permitiram trabalhar com eles nos campos à luz do dia, proporcionando-lhes uma vida que correspondesse à sua dignidade humana. Este é um exemplo de como a dinâmica da salvação está relacionada com a dimensão humanizadora e civilizadora da sociedade.

Um dos principais objetivos do nosso trabalho foi mostrar que, apesar do desenvolvimento e da concretização das orientações dos Papas acerca da Ação Católica não ser homogénea na Europa, a circulação dos documentos do Magistério através dos diversos meios dos movimentos católicos (palestras, debates, etc.) contribuiu significativamente para a formação da consciência cristã nos fiéis leigos. A consciência da responsabilidade pessoal dentro da Igreja levou, em muitos casos, ao desejo de uma mais profunda formação religiosa e da penetração da vida cristã na vida pessoal, familiar, profissional e social.<sup>381</sup> Como afirma J. Gomis, a concretização desta consciência não se limita apenas à participação de um movimento organizado, mas na identificação com a missão que Cristo encomendou aos seus discípulos, a qual envolve todas as dimensões da vida cristã e se concretiza numa ação concreta.<sup>382</sup> Esta tem como conteúdo a caridade, isto é, a responsabilidade pessoal de cada cristão para com os demais, que decorre, em primeiro lugar, do sentido da responsabilidade diante de Deus. Daí a íntima relação que a espiritualidade, que está na base Ação Católica estabelece, ou tentou estabelecer, entre a dimensão “ascética” e a dimensão da ação e serviço

---

<sup>381</sup> Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea», 549.

<sup>382</sup> Cf. Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea», 550-551.

aos outros.<sup>383</sup> Não se trata, portanto, da dimensão ascética por um lado, e da dimensão social, por outro, mas de uma fecunda circularidade entre ambos os âmbitos.

Desta consciência de ser membro não só da comunidade eclesial, mas também de uma comunidade social, surge o sentido da responsabilidade por uma ação cristã na ação social e política. Dito por outras palavras, uma responsabilidade para com a Igreja e para com todos os homens<sup>384</sup>. Isto implica um esforço de compreensão, valorização e abertura aos outros como pessoas concretas e distintas.<sup>385</sup> Encontra-se aqui a raiz da relevância societária da fé cristã.

Os princípios desenvolvidos graças aos movimentos laicas e ao magistério dos Papas que referimos acerca da identidade e da missão dos leigos na Igreja e no mundo, foram confirmados no II Concílio Vaticano, nomeadamente no decreto sobre o apostolado dos leigos *Apostolicam Actuositatem*.<sup>386</sup> No documento conciliar, o apostolado é entendido como um elemento essencial da identidade e da missão da Igreja e dos seus membros, cada um segundo a sua capacidade. Os leigos, pela sua condição de batizados e membros do Corpo Místico da Cristo, participam na obra de redenção salvadora, que consiste em «ordenar efetivamente a Cristo o universo inteiro, dilatando pelo mundo o seu reino para glória de Deus Pai». Esta missão, decorre da participação na missão apostólica «de ensinar, santificar e governar em seu nome e com o seu poder» e «do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo». Como afirma o documento conciliar, conforme a diversidade dos dons do Espírito Santo, os fiéis leigos «têm um papel próprio a desempenhar na missão do inteiro Povo de Deus, na Igreja e no mundo».<sup>387</sup> E especifica a tarefa de evangelizar para impregnar e aperfeiçoar a ordem temporal com o espírito do Evangelho, como fermento no meio do mundo:

«Exercem, com efeito, apostolado com a sua acção para evangelizar e santificar os homens e para impregnar e aperfeiçoar a ordem temporal com o espírito do Evangelho; deste modo, a sua actividade nesta ordem dá claro testemunho de Cristo e contribui para a salvação dos homens. E sendo próprio do estado dos leigos viver no meio do mundo e das ocupações seculares, eles são chamados por

---

<sup>383</sup> Cf. Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea», 553.

<sup>384</sup> Cf. Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea», 555.

<sup>385</sup> Cf. Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea», 555.

<sup>386</sup> «A Igreja nasceu para tornar todos os homens participantes da redenção salvadora e, por eles, ordenar efetivamente a Cristo o universo inteiro, dilatando pelo mundo o seu reino para glória de Deus Pai. Toda a atividade do Corpo místico que a este fim se oriente, chama-se apostolado. A Igreja exerce-o de diversas maneiras, por meio de todos os seus membros, já que a vocação cristã é também, por sua própria natureza, vocação ao apostolado. Do mesmo modo que num corpo vivo nenhum membro tem um papel meramente passivo, mas antes, juntamente com a vida do corpo, também participa na sua atividade, assim também no Corpo de Cristo, que é a Igreja, todo o corpo «cresce segundo a operação própria de cada um dos seus membros» (Ef 4, 16). Mais ainda: é tanta neste corpo a conexão e coesão dos membros (cf. Ef 4, 16), que se deve dizer que não aproveita nem à Igreja nem a si mesmo aquele membro que não trabalhar para o crescimento do corpo, segundo a própria capacidade». *Apostolicam Actuositatem*, 2.

<sup>387</sup> *Apostolicam Actuositatem*, 2.

Deus para cheios de fervor cristão, exercerem como fermento o seu apostolado no meio do mundo».<sup>388</sup>

No que diz respeito à fonte da espiritualidade dos leigos, o Concílio põe o acento sobre a união a Cristo pela participação ativa na liturgia, pelo aprofundamento da Palavra de Deus, e pela vivência da caridade evangélica.<sup>389</sup> Os princípios teológicos estabelecidos pelo Concílio Vaticano II foram, por sua vez, fortemente sublinhados por João Paulo II, especialmente na *Christifidelis laici*, documento que nasce no âmbito do Sínodo dos bispos sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. Como afirma o Papa polaco, a dita vocação e missão, decorre do chamamento do próprio Cristo a partir do acontecimento do Pentecostes:

«Nos nossos dias, a Igreja do Concílio Vaticano II, numa renovada efusão do Espírito de Pentecostes, amadureceu uma consciência mais viva da sua natureza missionária e ouviu de novo a voz do seu Senhor que a envia ao mundo como “sacramento universal de salvação”». (João Paulo II, *Christifideles Laici* 2).

E, ao reafirmar a espiritualidade dos fiéis leigos, unidos a Cristo, pela Palavra de Deus e pelos sacramentos, mostra a urgência da sua missão no mundo, onde devem ser o sal da terra e a luz do mundo.<sup>390</sup>

Do ponto de vista teológico e pastoral, a Ação Católica trouxe também questões e problemáticas significativas. Como afirma o teólogo J. Farias, embora tenha sido fundamental para a valorização dos fiéis leigos no apostolado da Igreja, ela teve os seus limites também do ponto de vista teológico, na medida em que, na prática, promoveu uma espiritualidade (especialmente sacerdotal) que baseava o ideal de «salvação» na santificação do mundo que passa pela redescoberta do sentido da colaboração e da comunhão pela valorização do trabalho em si mesmo.<sup>391</sup> Levar ao extremo uma espiritualidade baseada na *práxis*, deu lugar ao fenómeno dos Padres Operários ou ao empenhamento da teologia sul-americana da libertação.<sup>392</sup> G. Thils afirma, por sua parte, que tendo em conta os dois elementos essenciais da santidade cristã, isto é, a vida teologal e a vocação temporal, a espiritualidade contemporânea (pelo menos da sua época, os anos 60) apresenta uma conceção incompleta da santidade, na medida em que valoriza excessivamente o segundo aspeto em detrimento do primeiro. Deste modo, o santo corresponde apenas ao homem de *ação apostólica*.<sup>393</sup> Com

---

<sup>388</sup> *Apostolicam Actuositatem*, 2.

<sup>389</sup> Cf. *Apostolicam Actuositatem*, 4

<sup>390</sup> Cf. João Paulo II, *Christifideles Laici*, 3.

<sup>391</sup> Cf. José Jacinto de Farias, A salvação como divinização, Cf. *A salvação em Jesus Cristo* (Lisboa: Rei dos Livros 1993) 219.

<sup>392</sup> Cf. de Farias, A salvação como divinização, 220.

<sup>393</sup> Cf. Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea», 546.

efeito, o perigo do ativismo, que tende a reduzir a espiritualidade e a santidade cristã a uma mera ação, vendo a vida teologal apenas como um acessório é uma tendência da espiritualidade contemporânea.<sup>394</sup> Os documentos Papais e conciliares, mostram, todavia, que a vida teologal (ou contemplação) e a atividade apostólica temporal são duas faces da mesma realidade: a vida em Deus. Abre-se assim um desafio à teologia para pensar como se compaginam, hoje, de forma integral, os dois âmbitos.

Todavia, não podemos negar que um dos contributos da Ação Católica e dos movimentos que surgiram no contexto histórico que abordamos no nosso estudo consiste numa maior preocupação, não só pela defesa da doutrina e dos direitos da Igreja frente às forças político-ideológicas adversas, mas no aprofundamento da sua primordial missão sobrenatural que necessita de se expressar na concretização complexa da existência humana<sup>395</sup>, bem como numa renovada compreensão da identidade e da missão dos leigos na Igreja e no mundo.

Finalmente, resta indicar as perspectivas de futuro que se abrem a partir da nossa dissertação. Em primeiro lugar, tendo em conta a influência dos párocos locais nos movimentos laicos, seria oportuno realizar um estudo mais pormenorizado acerca dessa influência dos párocos locais sobre tais movimentos. Com efeito, um dos maiores limites do nosso trabalho consistiu precisamente na impossibilidade de ter acesso a fontes originais.

Em segundo lugar, é oportuno um aprofundamento do papel dos leigos e do seu enquadramento eclesial, à luz dos movimentos eclesiais surgidos após o II Concílio Vaticano, especialmente na Polónia. A este respeito seria importante matizar a forma como diversas teologias do laicado compreenderam as diferentes experiências.

Em terceiro lugar, analogamente aos conflitos que dividiam os católicos a partir de questões ideológicas e políticas, seria apropriado estudar de que modo tais problemáticas dividem atualmente o universo cristão relativamente à política expansionista russa, nomeadamente no que diz respeito à posição do Primaz da Igreja Ortodoxa Russa e à dos líderes religiosos das diversas Igrejas da Ucrânia (Ortodoxa, Católica de rito oriental, etc.). Também aqui vemos a relação entre política e religião. A este respeito é importante mostrar como a partir de distintas teologias políticas derivam eclesiologias diferentes.

---

<sup>394</sup> Cf. Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea», 547.

<sup>395</sup> Cf. Gomis, «Vida y corrientes en la espiritualidad contemporánea», 555.

Finalmente, queremos assinalar a importância dos temas referidas no nosso estudo, nomeadamente acerca da dinâmica da salvação e da sua relação com a tarefa humanizadora da sociedade, tendo em conta o conflito entre a Rússia e a Ucrânia, que, como vemos, envolve e afeta todas os países da Europa e de boa parte do mundo. No quadro atual, especialmente os países europeus que apoiam a Ucrânia vêem-se confrontados com o problema dos refugiados, do seu acolhimento e da sua reintegração na sociedade.

## BIBLIOGRAFIA

### Textos do Magistério

Concílio Vaticano II, Decreto *Apostolicam Actuositatem* - sobre o apostolado dos leigos

João Paulo II, Exortação Apostólica pós-sinodal, *Christifideles Laici*

Leão XIII, *Rerum Novarum*

Leão XIII, Carta Encíclica *Sapientiae Christianae*.

Leão XIII, *Nobilissima gallorum gens*.

Pio IX, Encíclica *Qui Pluribus*

Pio X, *E Supremi Apostolatus*

Pio X, Motu Proprio, *Fin dalla prima*.

Pio X, *Il fermo propósito*

Pio XI, Carta Encíclica *Quadragesimo Anno*, Documentos de Pio XI (1922-1939), Paulus, São Paulo, 2004; AAS 1931, vol.23.

Pio XI, Carta Encíclica *Mit Brennender Sorge*, Documentos de Pio XI (1922-1939), Paulus, São Paulo, 2004; AAS 1937, vol.29.

Pio XI, Carta Encíclica *Divinis Redemptoris* Documentos de Pio XI (1922-1939), Paulus, São Paulo, 2004; AAS 1937, vol. 29.

### Enciclopédias e glossários

*Encyklopedia PWN*.pl, <https://encyklopedia.pwn.pl/>

Glossário, in Keller Werner, «*História do Povo Judeu*», Galeria Panorama, Alfragide, 1966

Lexicon Canonicum, [www.lexicon-canonicum.org](http://www.lexicon-canonicum.org)

POLIN – Wirtualny Sztetl/Słownik, acedido a 6 de junho de 2022

<https://sztetl.org.pl/pl/slownik/K>.

*Słownik języka polskiego PWN*, <https://sjp.pwn.pl/>

## Estudos e artigos

BEŁCH, Józef, *Wici Marksizm Wiejski*, F. Mildner & Sons, Herbal Hill Clerkenwell E.C.1, Londres, 1943, acedido a 18 de junho de 2022 <https://kpbc.umk.pl/dlibra/publication/213969/edition/217278/content>

FERREIRA FARIAS José Jacinto, *A salvação como divinização*, in *A salvação em Jesus Cristo* (Lisboa: Rei dos Livros 1993) 217-233

GOMIS, Joaquín, *Vida y corrientes em la espiritualidad contemporánea*, Cf., *História de la espiritualidad*, vol.II, J. FLORES – Editor, Barcelona, 1969, 525-594

HITLER, Adolf, *A Minha Luta-Mein Kampf*, FERNANDO RIBEIRO DE MELO/EDIÇÕES AFRODITE, Lisboa, 1976,

Statut Konstytucyjny Akcji Katolickiej w Polsce oraz Regulaminy, Księgarnia św. Wojciecha, Poznań, Warszawa, Wilno, Lublin, 1930, acedido a 01 de junho de 2022 <http://dlibra.umcs.lublin.pl/dlibra/publication/15100/edition/26213/content>

SZPYTAMA Mateusz, *The risk of survival*, Institut of National Rememmbrance, Commission of the prosecution of crimes against The Polish Nation, Warszawa – Kraków, 2009

SZPYTMA Mateusz, *Sprawiedliwi i ich świat-Markowa w fotografiach Józefa Ulm*, wyd.II, IPN-Komisja Ścigania Zbrodni przeciwko Narodowi Polskiemu & Fundacja Instytut Studiów Strategicznych & Mateusz Szpytma, Kraków, 2015

SZPYTMA, Mateusz, SZAREK Jarosław, *Rodzina Ulmów*, wyd.IV, Kraków, 2018,

SZPYTMA, Mateusz, *Wiktoria e Józef Ulma: O testemunho do amor até ao martírio*, Cf. *Esposos e Santos. Dez perfis de santidade conjugal*, coor. de Ludmiła e Stanisław Grygiel, Paulinas, Lisboa, 2014, 127-136

YURRE, Gregorio Rodriguez de, *El marxismo*, Biblioteca de Autores Cristianos, vol. II, Madrid, 1976

YURRE, Gregorio Rodriguez de, *El marxismo*, Biblioteca de Autores Cristianos, vol. I, Madrid, 1976

## Documentos on-line

BEŁCH, Józef, *Wici Marksizm Wiejski*, F. Mildner & Sons, Herbal Hill Clerkenwell E.C.1, Londres, 1943, acedido a 18 de junho de 2022 <https://kpbc.umk.pl/dlibra/publication/213969/edition/217278/content>

BŁASZCZAK, Iwona, *Koncepcja wychowania spółdzielczego w Uniwersytecie Ludowym Ignacego Solarza*, in M. SZYSZKOWSKA (red.), *Dzisiejsze znaczenie idealów spółdzielczości*, Wszechnica Polska Szkoła Wyższa w Warszawie, 2013, acedido a 6 de junho de 2022 <https://wszechnicapolska.edu.pl/dokumenty/wydawnictwo/2013-M-Szyszkowska-Dzisiejsze-znaczenie-idealow-spoldzielczosci.pdf>.

DATNER, Szymon, «*Las Sprawiedliwych*», (Książka i Wiedza, Warszawa, 1969), acedido a 10 de maio de 2022 <https://tesinblog.files.wordpress.com/2018/01/szymon-datner-las-sprawiedliwych.pdf>

JEDYNAK, Witold, *Integracja społeczności kościelnych w katolickiej myśli społecznej i działalności przemysłowych biskupów-społeczników (w XX wieku)*, in *Premisla Christiana*, Tom XIII (2008/2009), 187-188, Cf. *Premisla Christiana*, Tom XIII (2008/2009), 187 – 216, acedido a 21 de junho de 2022 [file:///C:/Users/user/Downloads/Premisla-Christiana-XIII%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/Premisla-Christiana-XIII%20(3).pdf)

JEDYNAK, Witold, *Troska biskupa Józefa Sebastiana Pelczara o katolickie wychowanie młodego pokolenia*, in *Resovia Sacra. Studia Teologiczno-Filozoficzne Diecezji Rzeszowskiej* 8, 2001, 223-234, acedido a 21 de junho de 2022, [https://bazhum.muzhp.pl/media/files/Resovia\\_Sacra\\_Studia\\_Teologiczno\\_Filozoficzne\\_Diecezji\\_Rzeszowskiej/Resovia\\_Sacra\\_Studia\\_Teologiczno\\_Filozoficzne\\_Diecezji\\_Rzeszowskiej-r2001-t8/Resovia\\_Sacra\\_Studia\\_Teologiczno\\_Filozoficzne\\_Diecezji\\_Rzeszowskiej-r2001-t8-s223-234/Resovia\\_Sacra\\_Studia\\_Teologiczno\\_Filozoficzne\\_Diecezji\\_Rzeszowskiej-r2001-t8-s223-234.pdf](https://bazhum.muzhp.pl/media/files/Resovia_Sacra_Studia_Teologiczno_Filozoficzne_Diecezji_Rzeszowskiej/Resovia_Sacra_Studia_Teologiczno_Filozoficzne_Diecezji_Rzeszowskiej-r2001-t8/Resovia_Sacra_Studia_Teologiczno_Filozoficzne_Diecezji_Rzeszowskiej-r2001-t8-s223-234/Resovia_Sacra_Studia_Teologiczno_Filozoficzne_Diecezji_Rzeszowskiej-r2001-t8-s223-234.pdf)

KRZYŻAK, Tomasz, *Rodzina Ulmów bliżej beatyfikacji*, in Rzeczpospolita, publicado em 09 de março de 2017, acessado em 23 de maio de 2022  
<https://www.rp.pl/historia/art10590311-rodzina-ulmow-blizej-beatyfikacji>

LEMANCZUK Fraga Caetano Tiago, *Mein Kampf e o Ideário Nazista*, in Concilium – Revista Eletrônica de Direito, Brasília n.4, v. 1 maio/ago. de 2010, 1-18  
acessado 6 de junho de 2022,  
[https://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/consilium\\_04\\_01.pdf](https://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/consilium_04_01.pdf),

LESZCZYŃSKI, Mariusz, «*Akcja Katolicka dawniej i dziś*», acessado a 23 de maio de 2022  
<http://ak.org.pl/historia/przedwojenna-ak/>

ŁABUZ Mateusz, *Kryzys ekonomiczny – Wielki Kryzys 1929*, acessado a 6 de junho de 2022,  
<https://warhist.pl/wojna/kryzys-ekonomiczny-wielki-kryzys-1929/>

MUZEUM POLAKÓW RATUJACYCH ŻYDÓW PODZAS II WOJNY ŚWIATOWEJ im.  
RODZINY ULMÓW w Markowej, Projekty, Markowa. Szlak pamięci o Zagładzie,  
acessado a 6 de junho de 2022. <https://muzeumulmow.pl/projekty/szlak>.

OLSZAR, Henryk, «*Kościół w okresie międzywojennym*» (1918-1939), in Sympozjum 1(12)  
2004, 7-48, acessado a 6 de junho de 2022  
[http://dlibra.kul.pl/Content/37344/42718\\_Olszar--Henryk----Ko\\_0000.pdf](http://dlibra.kul.pl/Content/37344/42718_Olszar--Henryk----Ko_0000.pdf)

PARAFIA p.w. św. DOROTY w Markowej – Historia, acessado a 6 de junho de 2022  
<https://markowa.przemyska.pl/parafia/historia/>.

PUDŁOCKI, Tomasz, *Anatol Nowak, biskup któremu zabrakło czasu*, in „Nasz Przemysł”  
2009, nr 12, acessado a 22 de junho de 2022,  
<http://www.pbp.webd.pl/tkop1/nowakanatol.pdf>

SKANSEN ZAGRODA MUZEUM WSI MARKOWA - Historia, acessado a 6 de junho de  
2022 <https://www.skansen-markowa.pl/index.php/historia/historia-wsi-markowa.html>

ŚLIWA, Tadeusz, *Barda Franciszek (1880–1964)*, cf: Tekstowa kartoteka osobowa przemyslan, pod red. Anny Siciak – na stronie Przemyskiej Biblioteki Publicznej, acedido a 26 de abril de 2022 <http://www.pbp.webd.pl/tkop1/barda1.pdf>

*Święta rodzina z Polski? Jeśli dojdzie do beatyfikacji, to może być pierwszy taki przypadek w historii*, acedido a 6 de junho de 2022, <https://deon.pl/kosciol/swieta-rodzina-z-polski-jesli-dojdzie-do-beatyfikacji-to-moze-byc-pierwszy-taki-przypadek-w-historii,513399>

SZPYTMA Mateusz, «*Samarytanie z Markowej. Słudzy Boży Ulmowie – rodzina, która oddała swoje życie za pomoc. Żydom*», acedido a 6 de junho de 2022 <https://olimpiada.mzsp.pl/downloads/ulmowie.pdf>

ZIĘTAL, Norbert, *Cała prawda o wojnie. Granatowi policjanci - bohaterowie i kanalie*, publicado em 9.12.2009, in Nowiny 24.pl, acedido a 6 de junho de 2022, [https://nowiny24.pl/calaprawdaowojniegranatowipolicjancibohaterowie-i-kanalie/ar/6065119](https://nowiny24.pl/calaprawdaowojniegranatowipolicjancibohaterowieikanalie/ar/6065119)

ZWIĄZEK MŁODZIEŻY WIEJSKIEJ, *Historia*, acedido a 18 de maio 2022 <http://www.zmw.pl/article/view/44/Historia>